

STALIN E A LUTA PELA REFORMA DEMOCRÁTICA

Grover Furr

Tradução: Lúcio Jr.

SUMÁRIO

Primeira parte.....	3
Introdução	4
Uma nova Constituição.....	10
A Luta contra a burocracia.....	16
A Derrota de Stalin	19
Julgamentos, Conspirações, Repressão.....	22
Segunda parte.....	49
Durante a guerra	50
Depois da Guerra.....	51
O XIX Congresso do Partido	57
Lavrentii Beria.....	62
Os movimentos de Béria a prol duma reforma democrática.....	64
Mortes de Stalin e Béria	68
Conclusão e futura investigação.....	71
NOTAS.....	78
Notas adicionais.....	90
Bibliografia.....	93
Review	95
Bibliografia adicional para a Parte Segunda	102
Apêndice I - Stalin ditador	104
Apêndice II - Stalin.....	107
Apêndice III - Stalin e o “culto à personalidade”	125
apêndice IV - Stalinismo	147

PRIMEIRA PARTE

INTRODUÇÃO

Este artigo sublinha as tentativas de Stalin, desde os anos 30 até a sua morte, em democratizar o governo da União Soviética.

Esta afirmação, e o artigo, surpreenderá a muitos, e escandalizará a alguns. De fato, fiquei surpreso ante os resultados desta investigação, o que me levou a escrever este artigo. Suspeitei durante muito tempo que a versão tipo “guerra fria” da história soviética tinha importantes lacunas. Apesar disso, não estava preparado para a magnitude das falsificações de que tive conhecimento.

Esta história é bem conhecida pelos russos, onde o respeito e também a admiração por Stálin é comum. Yuri Zhukov, o principal historiador russo que avançou o paradigma de “Stalin democrata”, e cujos trabalhos são a principal fonte individual, mas que não a única, deste artigo, é uma figura reconhecida, relacionada com a Academia de Ciências. Os seus trabalhos são amplamente conhecidos.

Porém, esta história, assim como os feitos nos quais se assenta, é virtualmente desconhecida fora de Rússia, onde o paradigma da Guerra Fria “Stalin, malvado” domina tanto a bibliografia que os trabalhos aqui citados são escassamente nomeados. Por isto muitas das fontes utilizadas no artigo só são acessíveis em russo (1).

Este artigo não só informa aos leitores de novos fatos e das suas interpretações sobre a história da URSS. Constitui uma

tentativa de fazer chegar aos leitores não-russos o resultado de novas investigações, baseadas nos arquivos soviéticos, sobre o período de Stalin e sobre o mesmo Stalin. Os feitos discutidos neste artigo são compatíveis com uma determinada linha de paradigmas históricos soviéticos, na medida na que ajudam a desmistificar um determinado número de interpretações. Serão inaceitáveis por completo (inclusive escandalosos) para aqueles cujas perspectivas políticas e históricas se baseiam em certas noções erradas, baseadas na Guerra Fria, sobre o “totalitarismo” soviético e o “terror” stalinista.(2)

A interpretação khrucheviana de Stalin como um ser sedento de poder, traidor do legado de Lenin, foi uma criação necessária para os interesses da nomenclatura do Partido Comunista nos anos 50. No entanto, apresenta muitas semelhanças e compartilha muitas premissas com o discurso canônico sobre Stalin herdado da Guerra Fria, que esteve ao serviço do desejo das elites capitalistas de apresentar as lutas pelo comunismo, ou qualquer luta da classe operária pelo poder, como um caminho que dirige necessariamente a algum tipo de horror.

Ajusta-se também à necessidade do trotskismo de argumentar que a derrota de Trotsky, o “revolucionário autêntico”, teve que ser obra de um ditador que é dado como certo que violou cada um dos princípios pelos que lutou a Revolução. Khruchevistas, anticomunistas da Guerra Fria, e os paradigmas trotskistas sobre a história soviética são iguais na sua dependência de uma demonização de Stalin, de sua liderança e da URSS durante o seu mandato.

A visão sobre Stalin apresentada neste ensaio é compatível com outros paradigmas históricos contraditórios. As interpretações comunistas anti-revisionistas e pós-maoístas da história soviética contemplam Stalin como um herdeiro lógico e criativo do legado de Lenin, se bem que fracassado em certos aspectos. Igualmente muitos nacionalistas russos, que dificilmente aprovariam os enganos de Stalin enquanto comunista, respeitam sua figura como responsável de fazer da Rússia uma potência industrial e militar. Stalin é para todos eles uma figura essencial, se bem que a partir de uma ótica diferente.

Este trabalho não tenta “reabilitar” a Stalin. Estou de acordo com Yri Zhukov quando escreve:

“Tenho que dizer, sinceramente, que me oponho à reabilitação de Stalin, porque me oponho às reabilitações em geral. Nada nem ninguém deve ser reabilitado, senão que devemos descobrir a verdade, e dá-la a conhecer. Porém, desde os tempos de Khruchev as únicas vítimas das repressões de Stalin das que ouvimos falar são aquelas que tomaram parte nelas, ou que as facilitaram, e que não se opuseram a elas”.

Tampouco quero afirmar que, no caso de que Stalin conseguisse todas as metas, estariam resolvidos os muitos e variados problemas da construção do socialismo e do comunismo.

Durante o período analisado neste ensaio, a liderança de Stalin preocupou-se não só em potencializar a democracia no governo do estado, senão em favorecer também a democracia interna no Partido. Este ponto, importante e relacionado, precisa

de um estudo em separado, e não é o ponto central deste trabalho. Apesar de ser conhecido o conceito de “democracia”, este tem um significado distinto no contexto de um partido guiado pelo centralismo democrático, formado por membros voluntários, que no contexto de um grande estado de cidadãos, não se podem dar por supostas bases de consenso político.(3)

Este artigo baseou-se em fontes de primeira mão sempre que foi possível. Ainda que se baseie com maior fundamento nos trabalhos acadêmicos de historiadores russos que têm acesso a documentos não publicados, ou de mais recente publicação, dos arquivos soviéticos. Muitos documentos soviéticos de grande importância só estão à disposição de acadêmicos com acesso privilegiado. Muitos outros permanecem completamente sequestrados e “classificados”, incluídos muitos do arquivo pessoal de Stalin, os materiais da condenação e de investigação dos processos de Moscou de 1936-1938, os materiais de investigação sobre o caso Tukhachevski de 1937 e muitos outros.

Yuri Zhukov descreve a situação dos arquivos do seguinte jeito:

“Com o começo da Perestroika, sendo um dos seus lemas glasnost..., o arquivo do Kremlin, antes fechado aos investigadores, foi fechado. Os seus conteúdos começaram a trasladar-se (a vários arquivos públicos G.F.). Este processo começou, mas não chegou a ser finalizado. Sem publicidade ou explicação, em 1996 os materiais mais importantes e essenciais foram reclassificados de novo e arquivados no arquivo do Presidente da Federação Russa. Foram

prontamente evidentes as razões desta operação: permitir o ressurgimento dos velhos e lamentáveis mitos.”

Zhukov está falando dos mitos “Stalin o malvado” e “Stalin o grande líder”. Só o primeiro destes mitos é familiar aos leitores da historiografia ocidental e anticomunista. No entanto, as duas escolas estão bem representadas tanto na Rússia como na Comunidade de Estados Independentes.

Uma das obras de Zhukov, fonte de muito do contido deste artigo, intitula-se Inoy Stalin – Um Stalin diferente, “diferente” dos mitos, mais perto da verdade, baseado nos recentemente documentos de arquivo recentemente classificados. A capa do livro de Zhukov apresenta uma fotografia de Stalin e, frente a ela, a mesma fotografia em negativo: o seu oposto. Em poucas ocasiões Zhukov utiliza fontes de segunda mão. Na maior parte das vezes, ele cita documentos de arquivo não publicados, ou recentemente classificados e publicados. A sua descrição da política do Politburo de 1934 a 1938 é muito diferente de todo o que tenha a ver com os mitos que rejeita.

Zhukov arremata sua introdução com as seguintes palavras:

“Não presumo ter terminado a tarefa. Tento só evitar pontos de vista preconcebidos, evitar os dois mitos; tentar reconstruir o passado, uma vez muito conhecido, mas agora esquecido intencionalmente, deliberadamente não nomeado, ignorado por todos”.

Assim como Zhukov, este artigo também tenta manter-se à margem dos dois mitos.

Sob estas condições qualquer conclusão tem que ter o caráter de tentativa. Esforcei-me por utilizar sensatamente todos os materiais, já foram de primeira ou segunda mão. Com a condição de não interromper o texto coloquei as fontes referenciais ao final de cada parte.

A investigação que este artigo resume tem importantes consequências para aqueles de nós que queremos levar adiante uma análise de classe da história, incluída a história da União Soviética.

Um dos melhores investigadores do período de Stalin na URSS, J. Arch Getty, denominou a investigação histórica realizada durante o período da Guerra Fria como “produto propagandístico”, “investigação” que não merece nem crítica nem emenda, senão que tem que ser feita de novo desde o começo.(4) Minha opinião coincide com a de Getty, ainda que acrescentaria que esta investigação tendenciosa, “política” e desonesta continua hoje em dia.

O paradigma Guerra Fria-Khruchevista foi o ponto de vista dominante da história dos “anos de Stalin”. A presente investigação pode dar luz sobre a matéria, “um princípio desde o mesmo princípio”. A verdade que surge terá também um grande significado para o projeto marxista de compreender o mundo para transformá-lo, da construção de uma sociedade sem classes, uma sociedade com justiça econômica e social.

Na seção final do ensaio sublinhei algumas áreas para uma posterior investigação apontadas pelos resultados deste artigo.

UMA NOVA CONSTITUIÇÃO

Em dezembro de 1930, o VIIIº Congresso Extraordinário dos Sovietes aprovou o rascunho da nova constituição soviética. Convocou uma votação secreta e eleições abertas. (Zhukov, Inoy 307-9)

Admitiram-se candidatos não só do Partido Bolchevique - chamado então Partido Comunista da União (bolchevique)(5)- senão também dois grupos de cidadãos baseados na zona de residência, filiação (como grupos religiosos), ou organizações dos centros de trabalho. Isto nunca foi levado à prática. Nunca houve eleições abertas.

Os aspectos democráticos da Constituição foram incluídos ante a expressa insistência de Stalin. Junto aos seus mais chegados colaboradores no Politburo do Partido Bolchevique, Stalin lutou para manter este projeto (Getty, "State"). Ele, e eles, cederam somente quando enfrentaram com a rejeição total do Comitê Central do Partido, e ante o pânico que criou o descobrimento de sérias conspirações para derrocar o governo soviético com a colaboração do fascismo alemão e japonês.

Em janeiro de 1935, o Politburo iniciou o trabalho de desenhar os conteúdos de uma nova constituição a Avel Ynukidze(6) quem, meses mais tarde, voltou com a ideia de eleições abertas. Quase imediatamente, a 25 de janeiro de 1935, Stalin expressou o seu

desacordo com a proposta de Yenukidze, insistindo nas eleições secretas (Zhukov, Inoy 116-21).

Stálin fez público este desacordo de forma muito notória em março de 1936, durante uma entrevista com o magnata da imprensa americana Roy Howard. Stalin declarou que todas as votações seriam secretas. O voto teria uma base de igualdade, tendo o mesmo valor o voto de um camponês que o voto de um operário(7); uma base territorial, como no Ocidente, assim como seria baseada no status, como na época czarista. O voto seria direto: todos os Sovietes seriam eleitos pelos cidadãos, não por representantes indiretos. (Stalin-Howard Interview; Zhukov, “Repressii” 5-6). Disse Stálin:

Stalin: “Adotaremos a nossa nova constituição provavelmente no final deste ano. A comissão encarregada de redigi-la está trabalhando e finalizará em breve o seu trabalho. Como já se anunciou, de acordo com a nova constituição, o sufrágio será universal, igual, direto e secreto”. (Entrevista Stalin-Howard)

E o mais importante: Stalin declarou que em todas as eleições participariam diferentes forças políticas:

“Você está confundido pelo feito de que só um partido se apresentará às eleições. E não pode ver como pode ter lugar uma contenda eleitoral nestas condições. Evidentemente, os candidatos serão apresentados não só pelo Partido Comunista, senão por toda classe de organizações públicas, alheias ao Partido. E temos centenas. Não temos partidos, mas que na medida na que temos uma classe capitalista em luta com uma classe trabalhadora que é

explorada pelos capitalistas. A nossa sociedade consiste exclusivamente em trabalhadores livres do campo e da cidade; trabalhadores, camponeses e intelectuais. Cada uma destes segmentos tem os seus especiais interesses, interesses expressos através das numerosas organizações que existem?.

Diferentes organizações cidadãos apresentariam candidatos que competiriam com os candidatos do Partido Comunista. Stalin declarou a Howard que os cidadãos marcariam os nomes de todos os candidatos ou assinalariam aqueles em quem votassem. 26. Também salientou a importância de eleições nas quais a competência surgiria como forma de lutar contra a burocracia:

“Você poderia pensar que não haverá eleições. Mas, sim, haverão e vejo campanhas muito agitadas. Não são poucas as instituições no nosso país que funcionam mal. Dão-se casos nos que este ou aquele governo local não são quem deveria satisfazer esta ou aquela das variadas e crecentes necessidades dos trabalhadores da cidade e do campo. Edificou-se uma boa escola ou não? Melhoraram as condições de vida? Você é um burocrata? Ajudou você a fazer mais eficaz o nosso trabalho e a fazer as nossas vidas mais civilizadas? Assim serão os critérios com que milhões de eleitores medirão as propostas dos candidatos, rejeitarão os não aptos, suprimirão os seus nomes das listas de candidatos e favorecerão e elegerão os melhores. Sim, as campanhas eleitorais serão disputadas, e estarão centradas em numerosos e agudos problemas, sobretudo de natureza prática, de primeira importância para o povo. O nosso novo sistema eleitoral reforçará todas as instituições e organizações, que se verán obrigadas a melhorar o

seu traballo. O sufraxio universal, igualitário, direto e secreto será un látego nas mans do povo contra os órganos governamentais que funcionen mal. Na minha opinión, a nova constitución soviética será a constitución máis democrática do mundo”.

A partir desse punto de vista, Stalin e os membros do Politburo máis próximo dele, Vyacheslav Molotov e Andrei Zhdanov, apoiaron as eleccións abertas e secretas en todos os debates dentro do Partido. (Zhukov, Inoy, 207-10; Entrevista Stalin-Howard)

Stalin tamén insiste no feito de que moitos cidadáns soviéticos, que foron privados dos seus dereitos, agora os recuperarían. Isto incluía membros das clases exploradoras, como os grandes propietarios, e aqueles que lutaron contra os bolcheviques durante a Guerra civil de 1918-1921, os coñecidos como “guardas brancos”, así como aqueles condenados por crimes (como hoxe nos USA). Os grupos máis importantes e probablemente máis numerosos entre os *lishentsy* (expropiados) foron dous: os kulaks, os principais visados durante a coletivización, e os que violaron a “lei dos tres ouvidos”(8) (roubar propiedades estatais, así como cereais, ás veces simplemente para combater a fame). (Zhukov, Inoy 187)

Estas reformas eleitorais serían desnecesarias, a non ser que a dirección soviética quisesse mudar a forma de goberno da Unión Soviética. O que perseguían era expulsar o Partido Comunista da dirección directa da Unión Soviética.

Durante a Revolución Russa e os críticos anos que seguiron, a URSS foi gobernada por unha hierarquía eleita de soviets, desde o

nível local ao nacional, com os Sovietes Supremos como órgãos legislativo, o Conselho de Comissários do Povo, como o poder executivo, e o Secretário deste Conselho como cabeça do Estado. Mas na prática, em todos os níveis, a eleição destes estava nas mãos do Partido Bolchevique. Houve eleições, mas a nomeação direta por parte dos líderes do Partido, denominado “cooptação” era também habitual. Inclusive as eleições foram controladas pelo Partido, já que ninguém podia candidatar-se sem a aprovação dos dirigentes do Partido.

Para os bolcheviques isto era lógico. Era a forma que tomava a ditadura do proletariado nas condições históricas específicas na União Soviética revolucionária e pós-revolucionária. Sob a Nova Política Econômica, ou NEP(9), o trabalho e as capacidades dos exploradores foram necessárias. Ainda que só quando estivessem ao serviço da ditadura do proletariado, do socialismo. Não se deixou que reconstruissem as relações capitalistas além de certos limites, nem que recuperassem poder político.

Durante os anos 20 e princípios dos 30, o Partido Bolchevique recrutou membros entre a classe trabalhadora de forma intensa. No final dos anos 20, a maioria dos membros do Partido eram trabalhadores e uma alta porcentagem dos trabalhadores estava no Partido. Este recrutamento massivo e os grandes projetos de educação política coincidiram com as enormes tensões do primeiro Plano Quinquenal, a industrialização com marchas forçadas, e a colectivização, normalmente forçada, das propriedades individuais (pasando a constituir fazendas colectivas -kolkhoz-, ou soviéticas -sovkhoz). A direção bolchevique foi tão sincera na sua tentativa de

proletarizar o Partido como exitosa nos seus resultados. (Rigby, 167-8;184;199)

Stalin e os seus seguidores dentro do Politburo deram determinados motivos para apoiar a sua vontade de democratizar a União Soviética. Essas razões reforçaram a ideia dessa direção de que começara um novo estágio do socialismo.

A maior parte dos camponeses estava em fazendas coletivas. Com a progressiva diminuição de fazendas individuais, a direção soviética pensou que, objetivamente, os camponeses já não constituíam uma classe sócio-econômica independente. As semelhanças entre camponeses e trabalhadores eram maiores que as diferenças.

Stalin argumentava que, com o rápido crescimento da indústria coletiva e, sobretudo, com a classe operária controlando o poder político através do Partido Bolchevique, o termo “proletário” já não era apropriada. “Proletariado”, declarou Stalin, define a classe trabalhadora sob a exploração capitalista, ou trabalhando sob relações capitalistas de produção, como as que existiam durante os primeiros anos da União Soviética, especialmente durante a NEP. Mas uma vez abolida a exploração direta dos trabalhadores pelos capitalistas, a classe trabalhadora não deveria ser chamada de “proletariado”.

Segundo essa análise, os exploradores do trabalho alheio já não existiam. Os trabalhadores, que agora dirigiam o país no seu próprio interesse através do Partido Bolchevique, já não eram o clássico proletariado. Então, a “ditadura do proletariado” já não era

um conceito pertinente. Esas novas condições supunham um novo tipo de estado. (Zhukov, Inoy, 231;292; Stalin, “Draft” 800-1).

A LUTA CONTRA A BUROCRACIA

Os líderes do Partido também estavam preocupados com o papel do Partido neste novo estágio do socialismo. Stalin enfrentou a luta contra o “burocratismo” já desde janeiro de 1934, no seu Informe ao XVIIº Congresso do Partido.(10) Stalin, Molotov e outros dirigentes denominaram o novo sistema eleitoral como “arma contra a burocratização”.

Os líderes do Partido controlavam o governo, tanto decidindo quem entrava nos Sovietes como exercendo diversas formas de fiscalização sobre eles. Molotov, dirigindo-se ao VIIº Congresso dos Sovietes, o 6 de fevereiro de 1935, afirmou que as eleições secretas “golpearão com grande força aos elementos burocráticos, propiciando-lhes um útil toque de atenção”. O informe de Yenukidze não recomendava, nem indicava, eleições secretas nem a ampliação dos direitos civis. (Stalin, Informe ao XVIIº Congreso do P.C.; Zhukov, Inoy 124)

Os ministros e os seus colaboradores tinham que conhecer os assuntos dos que se encarregavam se queriam ser eficazes na produção. Isto significava educação, e também conhecimentos técnicos no seu campo. Mas os líderes do Partido fizeram aos poucos as suas carreiras só através da ascensão aos altos escalões do Partido. Não se precisava muito conhecimento técnico para esse tipo de ascensão. E bem eram necessários critérios políticos. Estes funcionários do Partido exerceram o controle, ainda que lhes

faltassem os conhecimentos práticos que, teoricamente, lhes facilitariam uma ótima supervisão. (Stalin-Howard Entrevista, Zhukov, Inoy, 305; Zhukov, “Represii” 6)

Isto era, aparentemente, o que a direção de Stalin entendia por “burocratismo”. Era algo visto como perigoso -no que coincidiam todas as correntes marxistas- mas não era considerado inevitável. Cuidaram que podia ser derrotado modificando o papel do Partido numa sociedade socialista.

O conceito de democracia que Stalin e os seus seguidores na direção do Partido desejavam aplicar na União Soviética incluía uma mudança qualitativa no papel do Partido Bolchevique no seio da sociedade.

Os documentos postos à disposição dos investigadores permitem compreender que já nos finais da década dos 30, houve intentos de separar o Partido e o Estado, e de limitar o papel do Partido na vida do país. (Zhukov, Tayny 8)

Stalin e os seus continuaram a luta com a oposição de outros elementos no Partido Bolchevique, com resolução, ainda que com cada vez menos possibilidades de vitória, até a morte de Stalin em 1953. A decisão de Lavrentii Beria de continuar esta luta talvez seja autêntica causa da sua morte nas mãos de Khruchev e os seus colaboradores, se bem que de forma judicial, através de um processo baseado em acusações inventadas em dezembro de 1953, ou bem -como muitas provas indicam- mediante o simples assassinato, em junho desse mesmo ano.

O Artigo 3 da Constituição de 1936 manifesta: “Na URSS todo o poder pertence aos trabalhadores da cidade e do campo, representado pelos Sovietes de Deputados Operários”. O Partido Comunista menciona-se no Artigo 126 como “a vanguarda da classe operária na luta por reforçar e desenvolver o sistema socialista, o partido é o núcleo dirigente de todas as organizações de trabalhadores, tanto estatais como públicas”. Noutras palavras, o Partido dirigia “organizações”, mas não os órgãos legislativos ou executivos do Estado. (Constitución de 1936; Zhukov, Tayny 29-30)

Parece que Stalin cuidou que, uma vez separado o Partido do controle direto sobre a sociedade, o seu papel debia limitar-se á agitação e á propaganda, e a participação na seleção de quadros. Que significaria isto? Talvez algo como o seguinte:

– O Partido regressaria à sua função essencial de ganhar o povo para os ideais do comunismo.

– Isto significaria o fim dos trabalhos cômodos, e o regreso ao estilo de trabalho duro que caracterizou aos bolcheviques durante o Czarismo, a Revolução, a Guerra Civil, o período da NEP e a não menos dura etapa dos planos de industrialização e colectivização. Era algo necessário para conseguir uma base real entre as massas (Zhukov, KP Nov. 13 02; Mukhin, Ubiytvo).

Stalin insistia em que os comunistas tinham que ser gente afeita ao trabalho duro, cultos, capazes de fazer uma contribuição positiva à produção e à criação da sociedade comunista. O próprio Stalin foi um incansável estudioso.(11)

Resumindo, as provas indicam que Stalin considerava o novo sistema eleitoral apropriado para cumprir os seguintes objetivos:

– Assegurar que a direção da produção, e de toda a sociedade soviética, estivessem nas mãos de gente tecnicamente preparada.

– Deter a degeneração do Partido Bolchevique, e fazer regressar aos militantes do Partido, especialmente aos seus líderes, às suas funções primárias: protagonizar a liderança na política e na moral, mediante o exemplo e a persuasão do resto da sociedade.

– Reforçar o trabalho do Partido entre as massas.

– Granjear o apoio dos cidadãos para o governo.

– Criar as bases para uma sociedade sem classes e comunista.

A DERROTA DE STALIN

Durante 1935, sob o mandato de Andrei Vyshinski, Fiscal chefe da URSS, muitos cidadãos que foram exilados, que foram encarcerados e -o fundamental para o nosso estudo- foram privados do direito ao voto, recuperaram os seus direitos. Centenas de milhares de antigos kulaks, fazendeiros ricos que foram vítimas da colectivização, e aqueles que foram encarcerados ou expulsos do país por se opor à colectivização, foram liberados. Vyshinski criticou duramente o NKVD (Comisariado Popular para Assuntos Internos) pela “enorme quantidade de erros e equívocos” na deportação de quase 12.000 pessoas de Leningrado após o assassinato de Kirov em dezembro de 1934. Declarou que em diante o NKVD não poderia prender ninguém sem autorização prévia do fiscal. Então, centenas

de milhares de pessoas tiveram motivos para pensar que o Estado e o Partido foram injustos com eles. (Thurston 6-9; Zhukov, KP Nov 14. 19 02 Zhukov, Inoy 187; Zhukov, “Represii” 7)

Originalmente, entre as intenções de Stalin para a nova Constituição estava a da participação de todas as forças políticas. Declarou isso na sua entrevista com Roy Howard em 1 de março de 1936. No Pleno do Comitê Central de junho de 1937, Yakovlev -um dos membros do Comitê Central que, junto com Stalin, mais trabalhara no desenho da nova Constituição (Zhukov, Inoy 223)- afirmou que a ideia de eleições abertas fora feita por Stalin. Esta sugestão encontrou uma ampla oposição por parte dos líderes regionais do Partido, dos Primeiros Secretários, ou a “partitocracia”, como Zhukov os denominava. Após a entrevista com Howard não teve nem mesmo sequer um apoio nominal à declaração de Stalin sobre eleições abertas nos principais jornais, a maioria sob o controle direto do Politburo. O Pravda publicou tão só um artigo, o 10 de março, e não mencionou o tema das eleições.

De tudo isto, Zhukov deduz:

“Isto só podia significar uma coisa. Não só a “ampla liderança” (os Primeiros Secretários regionais) senão quando menos de uma parte do aparelho do Comitê Central, não aceitaram as inovações de Stalin, e não quisera aprovar, nem sequer de forma meramente nominal, as eleições, um perigo para muitos que, como se deduzia das palavras de Stalin que o Pravda sublinhou, ameaçava a posição e o poder dos Primeiros Secretários, os Comitês Centrais dos partidos comunistas das nacionalidades, e os comitês regionais de cidade e de outras áreas.? (Inoy, 211)

49. Os Primeiros Secretários mantinham os cargos, sem poder ser expulsos em nenhuma eleição. O imenso poder do que gozavam procedia do controle do Partido sobre cada um dos aparelhos econômicos e estatais: kolkhoses, fábricas, educação, exército... O novo sistema eleitoral privaria aos Primeiros Secretários da sua condição de delegados nos Sovietes, e impediria que pudessem eleger delegados ao seu gosto. Uma derrota deles, ou dos seus “candidatos” (os candidatos do Partido) nas eleições aos Sovietes seria uma chamada de atenção sobre o seu trabalho. Um Secretário cujos candidatos não fizessem frente aos candidatos não pertencentes ao Partido evidenciaria a sua fraca ligação com as massas. Durante as campanhas, os candidatos opositores centrariam as suas críticas em temas centrais como a corrupção, o autoritarismo ou a incompetência dos candidatos do Partido. Os candidatos derrotados mostrariam suas fraquezas como comunistas, o que conduziria provavelmente à sua remoção no posto (Zhukov KP Nov. 13 02; Inoy 226; cf. Getty, “Excesses” 122-3)

Os líderes veteranos do Partido acumulavam muitos anos de militância, veteranos dos perigosos dias do czarismo, da Revolução, da Guerra Civil e da coletivização, quando ser comunista significava numerosos perigos e dificuldades. Muitos deles tinham uma pobre formação acadêmica. Diferente de Stalin, Kirov ou Beria, a maior parte deles ou não tinham vontade ou não podiam “desenvolver a si mesmos” através da auto-educação. (Mukhin, Ubiystvo 37; Dimitrov 33-4; Stalin, Zastol’nye 235-6)

Todos estes militantes eram desde sempre os defensores das políticas de Stalin. Foram os que levaram adiante a dura coletivização do campesinato, na qual que centenas de milhares foram deportados. Durante os anos 1932 e 1933, muita gente, talvez três milhões de pessoas, morreram de fome, uma fome originada por causas naturais e não humanas que fez ainda mais dura a expropriação e a coletivização do cereal para o campesinato, ou morreram nos levantes armados dos camponeses (que também causaram muitas vítimas entre os bolcheviques). Estes líderes do Partido estiveram de acordo com a industrialização acelerada, que se deu em pobres condições de vida (poucos alimentos, péssimas casas, paupérrimos cuidados médicos, salários baixos, etc.).

Agora, as eleições nas que podiam participar aqueles que até esse momento estavam privados do direito ao voto por terem combatido as políticas soviéticas, era provável que muitos militantes veteranos temessem que estes novos eleitores votassem contra os seus candidatos ou qualquer outro candidato bolchevique. A derrota dos seus candidatos punha em perigo o poder e os privilégios com que contavam. (Zhukov, KP Nov. 13 02; 1936 Const., Ch. X; cf. Getty, "Excesses" 125, sobre a importância do sentimento religioso no país)

JULGAMENTOS, CONSPIRAÇÕES, REPRESSÃO

Os planos para a nova Constituição e as eleições foram tratadas pelo Pleno do Comitê Central de junho de 1936. Os delegados aprovaram por unanimidade o rascunho constitucional. Mas ninguém disse nada em prol do mesmo. Este fracasso em dar ao menos um apoio ritual a uma proposta de Stalin indicava

certamente uma “oposição latente da direção ampliada”, uma “evidente falha de compromisso” (Zhukov, Inoy 232, 236; “Repressii” 10-11)

Durante o VIIIº Congresso dos Sovietes de toda Rússia, nos meses de novembro e dezembro de 1936, Stalin e Molotov insistiram de novo na importância de ampliar o direito ao voto e de eleições secretas e abertas. Na linha do espírito da entrevista de Stalin con Howard, Molotov sentiu os efeitos benéficos, para o Partido, de permitir candidatos não comunistas aos Sovietes:

“Este sistema... não pode fazer outras coisas que golpear a quem se move no burocratismo, facilitando a promoção de novas forças... tem-se que potencializar para mudar os elementos mais atrasados ou burocratizados. Sob essa nova forma de eleições, é possível a eleição de elementos inimigos. Mas também este perigo, em última instância, tem que ajudar-nos, já que servirá de chicote para aquelas organizações que o precisem, e para os trabalhadores (do Partido) que ficaram adormecidos.” (Zhukov, “Repressii” 15)

O próprio Stalin foi mais além:

“Alguns dizem que isto é perigoso, já que os elementos hostis ao poder soviético poderiam chegar aos níveis mais altos, alguns dos antigos guardas brancos, kulaks, sacerdotes, etc. Mais, que há que temer? Se tens medo dos lobos, não caminhaes no bosque. Por um lado, não todos os antigos kulaks, guardas brancos e padres são hostis ao poder soviético. Por outra, se o povo se deixa levar ali ou aqui por forças hostis, isto significará que o nosso trabalho de

agitação está pobremente organizado, e que merecemos esta desgraça.? (Zhukov, Inoy 293; Stalin, “Draft”)

Novamente, os primeiros secretários demonstraram uma tácita hostilidade. O Pleno do Comitê Central de dezembro de 1936, cujas sessões coincidiram com as do Congresso, reuniu-se o 4 de dezembro. Mas não houve nenhuma discussão do primeiro ponto da ordem do dia, o rascunho da Constituição. O informe de Yezhov, “Sobre as organizações antissoviéticas de direita e trotskistas” estava muito mais perto das preocupações dos membros do Comitê Central. (“Fragmenty? 4-5; Zhukov, Inoy 310-11)

O 5 de dezembro de 1936 o Congresso aprovou o rascunho da nova Constituição, ainda que não tenha ocorrido realmente discussão. Contra essa discussão, os delegados (líderes do Partido) enfatizaram as ameaças dos inimigos exteriores e interiores. Mais que discursos de aprovação da Constituição, (tema principal sobre o qual tratou Stalin) os delegados Molotov, Zhdanov, Litvinov e Vyshinsky ignoraram virtualmente o tema da Constituição. Nomeou-se uma comissão para o posterior estudo do rascunho constitucional, sem decidir nada sobre as eleições abertas. (Zhukov, Inoy 294; 298; 309)

A situação era efetivamente muito tensa. A vitória dos fascistas na Guerra Civil do Estado espanhol era só questão de tempo. A União Soviética estava rodeada por potências hostis. Na segunda metade da década dos anos 30, absolutamente todos esses países eran regimes abertamente autoritários, militaristas, anticomunistas e antissoviéticos. Em outubro de 1936, a Finlândia disparou contra a fronteira soviética. Esse mesmo mês nasce o eixo

Berlin-Roma, entre Hitler e Mussolini. Um mês mais tarde, Japão uniu as suas forças à Alemanha nazi e à fascista Itália para formar o Pacto Anti-Komintern. Os esforços soviéticos para formar alianças militares contra a Alemanha nazi encontraram rejeição das capitais ocidentais. (Zhukov, Inoy 285-309)

Na época na que o Congresso tratava da nova Constituição, tiveram lugar os dois principais julgamentos de Moscou. Zinoviev e Kamenev foram julgados junto a outros em Agosto de 1936. O segundo julgamento, em janeiro de 1937, afetava alguns dos principais seguidores de Trotsky, dirigidos por Yuri Piatakov, que até havia bem pouco fora o Comissário Delegado de Indústria Pesada. (12)

A plenária do Comitê Central de fevereiro-março de 1937 trouxe prontamente as contradições dentro da direção do Partido: a luta contra os inimigos internos, e a necessidade de preparar eleições abertas e secretas sob a nova Constituição para final do ano. A descoberta paulatina de mais e mais grupos conspirando para derrubar o governo soviético demandou um aumento da vigilância interna. Mas a preparação de eleições autenticamente democráticas, e a melhora na democracia interior do Partido (tema continuamente apoiado pelos mais próximos de Stalin dentro do Politburo) requeria precisamente o contrário: impulso à crítica e à autocrítica, eleições secretas dos líderes do Partido e acabar com a “cooptação” por parte dos Primeiros Secretários.

Essa plenária, a mais longa na história da URSS, prolongou-se duas semanas. Mas nada disto soubemos até 1992, quando a

volumosa transcrição dessa plenária começou ser publicada no Voprosy Istorri, publicação que se prolongou durante quatro anos.

O informe de Yezhov para continuar as investigações sobre as conspirações no país foi posto na sombra por Nikolai Bukharin, quem, através de eloquentes confissões de pasadas deslealdades, tentava distanciar-se dos seus antigos aliados, assegurando o seu compromisso com o governo soviético, mais que só lhe valeu para culpar si mesmo posteriormente. (Thurston, 40-42; Getty e Naumov confirmam este ponto.⁵⁶³)

Três dias depois, Zhadanov falou da necessidade duma maior democracia tanto no país como no Partido, invocando a luta contra a burocracia e a necessidade de laços mais fortes com as massas.

“O novo sistema eleitoral dará un poderoso impulso para a melhora no trabalho dos organismos soviéticos, a liquidação de instituições burocráticas, a eliminação de defeitos burocráticos e a deformação no trabalho das organizações soviéticas. Esses defeitos, como você sabe, são muito importantes. Os organismos do noso Partido devem estar preparados para a luta eleitoral. Nas eleições teremos que tratar com a agitação dos inimigos e com candidatos inimigos.” (Zhukov, Inoy 343)

Não há dúvida, como porta-voz da direção estalinista, previa disputas eleitorais com candidatos não pertencentes ao Partido e opostos aos processos que se davam na União Soviética. Só este fato já derruba as versões da Guerra Fria e as explicações khruchevistas.

Zhdanov também repetiu durante longo tempo a necessidade de desenvolver normas democráticas dentro do mesmo partido bolchevique.

“Se queremos o respeito dos trabalhadores soviéticos e do Partido às nossas leis, das massas à Constituição soviética, temos que garantir a renovação do Partido sobre a base do estabelecimento das bases da democracia interna, como se reflete nos regulamentos do nosso Partido.

“Enumero a continuação das medidas essenciais, já contidas no projeto de resolução do seu informe: a eliminação da cooptação, a proibição das votações abertas; garantir o direito ilimitado dos membros do Partido a afastar os candidatos eleitos e o direito ilimitado para criticar a estes candidatos”. (Zhukov, Inoy 345)

O informe de Zhdanov perdeu-se, porém, entre as discussões de outros pontos da ordem do dia, principalmente discussões sobre os “inimigos”. Certo número de Primeiros Secretários ficou alarmado com o fato de que alguns dos candidatos que se preparavam ou se supunha que se preparavam para as eleições soviéticas eram contrários ao poder soviético: social-revolucionários, padres e outros “inimigos”. (12)

Molotov replicou ressaltando, mais uma vez, “o desenvolvimento e o reforço da autocrítica”, opondo-se diretamente á “busca de inimigos”:

“Não tem sentido buscar culpados, camaradas. Se quiseres, todos somos culpados, começando pelos órgãos centrais do Partido e acabando pelas organizações de base”. (Zhukov, Inoy 349)

Mas as posteriores intervenções ignoraram o seu informe, teimando na procura de “inimigos”, na denúncia de “sabotadores”, e a luta contra a “sabotagem”. Na seguinte intervenção de Molotov, este fala da não atenção fundamental à sua intervenção, que voltou a repetir, após resumir o que se estava fazendo contra dos inimigos internos.

O discurso de Stalin do 3 de março envolvia realçar a necessidade de melhorar o trabalho do Partido, suprimindo aos incapazes, buscando novos camaradas. Como o de Molotov, o discurso de Stalin foi virtualmente ignorado.

Desde o começo das discussões, os temores de Stalin foram compreensíveis. Parecia estar ilhado por uma parede surda de incompreensão, de má vontade dos membros do Comitê Central que ouviram do informe tão somente o que queriam ouvir, e discutiram só o que queriam discutir. Das 24 pessoas que participaram nas discussões, 15 falaram principalmente sobre os “inimigos do povo”, ou seja, pode-se dizer, os trotskistas. Falaram com convicção, com agressividade, como o fizeram antes os informes de Zhdanov e Molotov. Reduziram todos os problemas a um: a necessária busca de “inimigos”. E ninguém retomou o principal ponto de Stalin, sobre o mau funcionamento do trabalho nas organizações do Partido e a preparação para as eleições do Soviete Supremo (Zhukov, Inoy, 357).

No seu discurso final do 5 de março, último dia da plenária, Stalin minimizou a necessidade de procurar inimigos, inclusive trotskistas, muitos dos quais, segundo afirmou, regressaram ao Partido. O seu ponto principal foi a necessidade de impedir aos funcionários do Partido dirigir todos e cada um dos aspectos econômicos, combater a burocracia e elevar o nível político. Pode-se dizer, Stalin apostou por elevar o nível de crítica aos Secretários.

“Alguns camaradas pensam que sendo eles Comissários Populares, sabem tudo que há que saber. Cuidam que o posto, por si mesmo, garante grandes e infinitos conhecimentos. Ou bem pensam: “se sou um membro do Comitê Central, não o sou por acidente, já que logo, significa que sei tudo”. Isso não é assim.? (Stalin, Zakliuchitel’noe; Zhukov, Inoy 360-1)

Algo que soava ameaçador para todos os dirigentes do Partido, incluindo os Primeiros Secretários, foi a afirmação de Stalin de que deveriam eleger dois quadros para substituí-los para que participassem do curso de educação política que teria lugar durante seis meses. Esta substituição era perigosa para os Secretários do Partido, que temiam que durante esse espaço de tempo fossem destinados a outros lugares, rachando deste jeito a estrutura do seu “clã” (outros dirigentes ao seu serviço), uma das primeiras causas da burocracia. (Zhukov, Inoy 362)

Thurston define o discurso de Stalin como “notavelmente suave”, defendendo “a necessidade de aprender das massas, e de emprestar atenção às críticas de baixo”. Inclusive a resolução no informe de Stalin tocava só superficialmente o tema dos “inimigos”, tratando principalmente dos erros na organização do

Partido e na sua direção. Segundo Zhukov, que menciona esta resolução não publicada, nem um só dos seus 25 pontos estava relacionado principalmente com os “inimigos” (Thurston, 48-9; Zhukov, Inoy 362-4)(14).

Após a plenária, os Primeiros Secretários protagonizaram virtualmente uma rebelião. Primeiro Stalin, e depois o Politburo, emitiram mensagens lembrando a necessidade de efetuar votações secretas no seio do Partido, opor-se á conduta de cooptação favorecendo as eleições, e a necessidade de generalizar a democracia interna no Partido. Os Primeiros Secretários continuaram a fazer as coisas como antes, independentemente das resoluções da plenária.

Nos meses posteriores, Stalin e os seus colaboradores mais chegados tentaram que a casa dos “inimigos” não fosse a principal preocupação dos membros do Comitê Central, insistindo na luta contra a burocracia no Partido, e em preparar as eleições ao Soviete. Entretanto “os líderes locais do Partido fizeram tudo o que a disciplina do Partido lhes permitia, e ás vezes um pouco mais, para suspender ou retardar as eleições”. (Getty, “Excesses” 126; Zhukov, Inoy 367-71)

O repentino descobrimento, em abril, maio e primeiros dias de junho de 1937, do que aparentemente era um amplo complô militar e policial fez crescer o pânico no governo de Stalin. Genrikh Yagoda, director da seguridade e Ministro de Interior, foi preso no final de março de 1937, começando a confessar em abril. Em maio e princípios de 1937, militares de alta patente confessaram a sua conspiração com o comando alemão para derrotar o Exército

Vermelho no caso duma invasão por parte de Alemanha e dos seus aliados. Também confessaram as suas relações de natureza conspirativa com políticos, incluídos muitos que ocupavam posições destacadas. (Getty, “Excesses” 115, 135; Thurston, 70, 90, 101-2; Genrikh Iagoda)(15)

Esta situação era muito mais séria que todas as anteriores. Durante os julgamentos de Moscou de 1936 e 1937, o governo concentrou todo o seu tempo em preparar os processos e organizar julgamentos públicos, dotando-os de uma máxima publicidade. Mas esta conspiração militar foi tratada de jeito muito diferente. Pouco mais de três semanas tinham passado, desde a data de detenção de Mikhail Tukhachevsky, finais de maio, até o julgamento e execução deste e de outros sete militares de alta patente os dias 11 e 12 de junho. Durante este período, centenas de milhares de mandos militares foram convocados para Moscou para escutar as provas contra os seus colegas -os seus superiores, para a maior parte deles- e para escutar as alarmantes análises de Stalin e do marechal Voroshilov, Comissário do Povo para a Defesa, o militar de maior graduação no país.

Nas datas da plenária, fevereiro e março, nem Yagoda nem Tukhachevsky tinham sido ainda presos. Stalin e o Politburo tinham como objetivo que a Constituição fosse o principal ponto da agenda, colocando-se à defensiva ante o fato de que a maioria dos integrantes do Comitê Central, ignorando este ponto, insistiram na batalha contra os “inimigos”. O Politburo planejou que as reformas constitucionais fossem também o ponto essencial da plenária seguinte a celebrar em junho de 1937. Mas a situação em junho era

muito diferente. O descobrimento de complôs na direção do NKVD e entre muitos destacados líderes militares para derrubar o governo e matar os seus dirigentes, mudou totalmente o clima político.

Stalin foi colocado na defensiva. No seu discurso de 2 de junho à sessão ampliada do Soviete do Exército (reunido do 1 ao 4 de junho), descreveu as conspirações recentemente descobertas(16) como “limitadas”, e encerradas com grande êxito. Também, na plenária de fevereiro-março, ele e os seus apoios no Politburo minimizaram as amplificadas preocupações dos Primeiros Secretários sobre os “inimigos internos”. Mais, como sublinha Zhukov, a situação “lenta, mas decisivamente ia escapando das suas mãos (de Stalin)”. (Stalin, “Vystuplenie”; Zhukov, Inoy Ch. 16, passim; 411)

A plenária do Comité Central de junho de 1937 (17) começou com as propostas de reprovação, em primeiro lugar, de sete integrantes do Comitê Central e candidatos por “falta de confiança política”, e depois com as de 19 mais por “traição e atividades contrarrevolucionárias”. Estes 19 foram presos pelo NKVD. Outros dez membros mais do Comitê Central foram expulsos por acusações da mesma natureza.

Yakovlev e Molotov criticaram o fracasso dos dirigentes do Partido em organizar eleições independentes dos Sovietes. Molotov defendeu inclusive a medida de afastar do caminho os revolucionários que evidentemente não estavam preparados para as tarefas do momento. Insistiu em que os dirigentes dos Sovietes

não eram “trabalhadores de segunda categoria”. Evidentemente, os dirigentes do Partido estavam tratando-os desse modo.

Yakovlev argumentou e criticou o fracasso dos Primeiros Secretários á hora de efetuar eleições secretas para os postos do Partido, apoiando-se, por estar contra , nos nomeamentos (“cooptação”). Destacou a necessidade de que os membros do Partido eleitos nos Sovietes não estivessem ás ordens de grupos do Partido, fora dos Sovietes, que condicionavam as suas posições. Que o seu voto não fosse o assinalado pelos seus superiores no Partido, como os Primeiros Secretários. Tinham que ser independentes. Yakovlev utilizou os termos mais duros para se referir á necessidade de “botar a mão na mais rica reserva dos novos quadros para substituir aqueles corrompidos ou burocratizados”. Todas estas afirmações constituem um ataque explícito aos Primeiros Secretários.(Zhukov, Inoy 424-7; Tayny, 39-40, citando documentos de arquivo)

A Constituição foi finalmente completada, fixando-se o 12 de dezembro de 1937 como data das primeiras eleições. Os dirigentes chegados a Stalin argumentaram, mais uma vez, as vantagens da luta contra a burocracia e de criar laços com as massas. Porém, todo isto foi posterior à expulsão sumária e sem precedentes dos 26 membros do Comitê Central da que falamos no ponto 80. (Zhukov, Inoy 430)

Talvez o mais revelador seja a seguinte observação de Stalin, comentada por Zhukov:

“Finalizando as discussões, quando o tema era a busca de um método mais confiável para a recontagem dos votos, (Stalin) comentou que no Ocidente, graças a um sistema multipartidário, este problema não existia. Imediatamente depois, murmurou uma frase bastante rara para um encontro desse tipo: “Nós não temos partidos políticos diferentes. Afortunada ou desafortunadamente temos só um partido.” (Sublinhado por Zhukov) Para passar a propor, ainda que só provisoriamente, utilizar para o reconto e supervisão de membros de todas as organizações sociais existentes, menos as do Partido Bolchevique... O desafio á autocracia do Partido estava sobre a mesa” (Zhukov, Inoy 430-1; Tayny 3)

O Partido Bolchevique padecia de uma grave crise, sendo impossível pensar que as coisas se desenvolveriam com suavidade. Era a pior situação possível para organizar eleições democráticas (secretas, universais, abertas). A ideia de Stalin de reformar o governo soviético e o papel do Partido Bolchevique nessa mesma reforma estava condenada.

Finalizando essa plenária, Robert Eikhe, Primeiro Secretário da região do Krai, no oeste siberiano, falou em particular com Stalin, como também o fizeram outros Primeiros Secretários. Provavelmente, solicitaram os poderes que pouco depois obtiveram: a autorização para formar troikas, grupos de três dirigentes organizados para combater a possibilidade de conspirações contra o governo soviético nas suas regiões. (Estas troikas receberam o poder de execução sem apelação. Impuseram-se limites no número de executados e prisioneiros baseando-se no

poder destas troikas. Quando estes limites foram esgotados, os Primeiros Secretários solicitaram limites superiores, petição que foi concedida. Zhukov pensa que Eihke podia estar representando um grupo informal de Primeiros Secretários (Getty, “Excesses” 129; Zhukov, Inoy 435).

Quem foram os visados desses draconianos julgamentos por parte destas troikas? Zhokov pensa que foram os lishentsy, aqueles cujos direitos de cidadania, incluindo o direito a voto, foram recentemente restaurados, e que supunham potencialmente o maior perigo para a continuidade no poder dos Primeiros Secretários. Zhukov descarta totalmente a existência de conspirações reais. Mas os documentos de arquivo recentemente publicados evidenciam que, no mínimo, a direção central estava continuamente recebendo informes de conspirações, incluindo transcrições de confissões. Stalin e outros, certamente, acreditaram nestas conspirações. A minha opinião é que pelo menos algumas das conspirações foram reais, e que os Primeiros Secretários acreditaram nelas. (Zhukov, KP Nov. 13 02; Inoy, Ch. 18; “Repressii” 23; Lubianka B)

Outra hipótese é que qualquer um que estivesse relacionado com qualquer tipo de movimento opositor era impiedosamente visto como “inimigo”, e sujeito a detenção e interrogatório por parte do NKVD, um de cujos membros eram sempre parte da troika. Outro grupo eram aqueles que expressaram abertamente desconfiança ou ódio no que diz respeito ao sistema soviético em conjunto. Thurston cita provas de que estes indivíduos eram imediatamente presos. Porém, aqueles que manifestavam críticas

aos líderes locais do Partido não eram molestados, enquanto que os criticados, incluindo membros do Partido, às vezes, sim, eram presos. (Thurston, 94-5)

Portanto, contra aqueles que argumentam que as conspirações foram ilusões na mente paranoica de Stalin ou, ainda pior, mentiras destinadas a reforçar a sua obsessão megalômana pelo poder, existem provas abundantes que demonstram a existência de conspirações reais. Os relatos dos conspiradores que conseguiram sair mais tarde da URSS confirmam isto. A numerosa documentação policial sobre estas conspirações, muito pouco publicada, é um poderoso argumento contra a teoria de que tudo foi uma montagem. E mais, as anotações de Stalin nestes documentos reafirmam o fato de que pensava que eram certas. (Getty, "Excesses" 131-4; Lubianka B)

Getty resume esta contradição da seguinte maneira:

?Stalin ainda não era partidário de retirar as eleições, e em 2 de julho de 1937 o Pravda desautorizou claramente aos secretários regionais publicando o primeiro decreto das novas regras eleitorais, animando e apoiando as eleições secretas e universais. Mas Stalin lançou um compromisso. No mesmo dia que se publicou a lei eleitoral, o Politburo aprovou uma campanha massiva contra, precisamente, os elementos de que se queixaram os líderes locais, e horas mais tarde, Stalin enviou um telegrama aos líderes internos do Partido ordenando a Operação Kulak (contra os lishentsy, G.F.). É difícil evitar a conclusão de que ao contrário de obrigar aos líderes locais do Partido a participar nas eleições, Stalin decidiu ajudá-los a

ganhar dando-lhes licença para eliminar ou deportar a centenas de milhares de “elementos perigosos”. (“Excesses” 126)

Independentemente de qual fosse a história destes expurgos, execuções extra-judiciais e deportações, parece que Stalin pensava que se estavam criando as condições para as eleições livres e abertas. Porém, estas ações minaram qualquer possibilidade de eleições de qualquer tipo.

O Politburo tentou num primeiro momento limitar a campanha de repressão ordenando que parasse dentro de cinco dias. Ainda não sabemos a razão, se foi por convencimento ou por ver-se obrigados, o certo é que o NKVD teve permissão para ampliar este período em quatro meses, de agosto a dezembro. Foi pelo alto número de detidos? Pelo convencimento da existência de numerosas conspirações que constituíam uma grande ameaça interna? Não conhecemos os detalhes dessa repressão massiva.

Este era precisamente o período no que ia ter lugar a campanha eleitoral. Passo a que o Politburo continuou a organizar estas eleições, regulamentando o sistema de votação e informando aos funcionários como tinham que agir, os chefes locais controlavam a repressão. Assim, estes podiam determinar que oposição ao Partido (a eles mesmos) se podia considerar “leal” e qual era merecedora de repressão. (Getty, “Excesses,” *passim*; Zhukov, Inoy 435)

Existem documentos originais que demonstram que Stalin e seu grupo no Politburo estavam convencidos de que os conspiradores antissoviéticos estavam ativos, e de que tinham de

enfrentá-los. Isto foi o que afirmaram os líderes regionais do Partido durante plenária de fevereiro-março. Nestas datas, a direção de Stalin minimizava o perigo, e mantinha a atenção na Constituição, na necessidade de preparar eleições e a troca da burocratizada e velha liderança por outra formada por novos líderes.

Para a plenária de junho, os secretários regionais estavam numa posição desde a que podiam dizer: “Estava avisado. Tínhamos razão, e ainda a temos; há perigosos conspiradores ativos, prontos para utilizar a campanha eleitoral com o propósito de provocar revoltas contra o governo soviético”. Foi assim que sucederam as coisas? Parece possível, mas não podemos estar seguros.

Stalin e a direção central não conheciam a extensão destas conspirações. Não sabiam o que podiam fazer os nazis alemães e os fascistas japoneses. No dia 2 de junho, no Encontro ampliado do Soviete Militar, Stalin afirmou que o grupo de Tukhachevsky entregara ao Alto Comando alemão os planos operativos do Exército Vermelho. Isto significava que os japoneses, unidos por uma aliança militar (o Eixo) e uma aliança política anticomunista (o Pacto Anti-Komintern na realidade, era um pacto antissoviético) com a Itália fascista e a Alemanha nazi, também os teriam.

Stalin disse aos líderes militares que os conspiradores queriam converter á URSS noutro Estado espanhol, ou seja, uma Quinta Coluna coordenada com um exército fascista invasor. Dado este terrível perigo, a direção soviética estava decidida a reagir com uma determinação brutal. (Stalin, “Vystuplenie”)

Ao mesmo tempo, muitas provas apontam a que o comando central (Stalin) queria reduzir a repressão das troikas impulsada pelos Secretários regionais e continuar integrando as eleições na nova Constituição. Do 5 ao 11 de julho a maioria dos Secretários copiou a iniciativa de Eikhe de comunicar cifras precisas dos presos, mediante execução (categoria 1) ou encarceramento (categoria 2). De início, em 12 de junho, o Comissário delegado do NKVD, Frinovskii, enviou un telegrama urgente a todas as oficinas da polícia local: “Não iniciem operações de repressão contra antigos kulaks, Repito, não as iniciem”. (Getty, “Excesses” 127)

Depois de que os chefes locais do NKVD foram chamados a Moscou para conversar, foi emitida a ordem número 447. Esta longa e detalhada instrução ampliava o campo de repressão (basicamente padres com histórico de oposição ao sistema soviético e criminosos), ainda que, de modo geral “diminuía os limites e as cifras requeridas polos secretários das províncias”.(19) Todas estes vacilos fazem pensar em desacordos e lutas entre o “centro” -Stalin e o seu grupo no Politburo- e os Secretários das províncias. Não há dúvida de que Stalin não tinha o comando (Order No. 00447; Getty, “Excesses” 126-9).

A plenária do Comitê Central de outubro de 1937 foi o da suspensão definitiva do projeto para umas eleições abertas. Um modelo de candidaturas, com diversos candidatos, fora já desenhada. Conservam-se bastantes em diferentes arquivos.(20) Como substituição estabeleceu-se que, para as eleições aos Sovietes de dezembro de 1937, os candidatos do Partido compartilhavam as listas com uma porcentagem de candidatos

alheios ao Partido de entre o 20 e o 25%. Zhukov localizou nos arquivos o documento original no que Molotov, o 11 de outubro às seis da tarde, cancelava as eleições abertas. Isto representou uma derrota para Stalin e os seus seguidores no Politburo (Zhukov, KP 19 Nov. 02; Zhukov, Tayny. 41; Inoy 443).

Foi também na Plenária do Comitê Central quando se pronunciou o primeiro protesto contra a repressão massiva, por parte do Primeiro Secretário de Kursk, Peskarov:

“Eles (o NKVD?, as troikas? G.F.) condenam pessoas por minúcias...ilegalmente, e quando nós levamos a questão ao Comitê Central, recebemos o decidido apoio dos camaradas Stalin e Molotov, que enviaram uma brigada de funcionários da Corte Suprema e da Oficina do Fiscal para revisar estes casos... O resultado foi que, após três semanas de trabalho desta brigada, o resultado foi que 56% destas sentenças em 16 regiões foram consideradas ilegais. Ainda mais, em 45% destas sentenças não existiram provas de que se cometera nenhum delito”. (Zhukov, Tayny, 43)

Na plenária de janeiro de 1938, Makenkov apresentou uma pungente crítica da grande quantidade de membros do Partido expulsos e de cidadãos julgados, na maior parte inclusive sem proporcionar listas de nomes, senão somente indicando o número de expulsos. Postyshev, Primeiro Secretário de Kuybyshev, foi eliminado como candidato ao Politburo por dizer que “não havia nenhum elemento honrado” entre todos os funcionários do Partido.

Parece que o NKVD funcionava independentemente, ao menos em algumas zonas. Sem dúvida, os Primeiros Secretários também faziam assim. (Zhukov, KP 19 Nov. 02; Tayny, pp. 47-51; Thurston 101-2; 112) Porém, a preocupação dos líderes do Politburo era a existência de conspiradores. A magnitude dos abusos do NKVD não foi reconhecida. Como indica Zhukov, o informe de Malenkov (culpando aos arrivistas no interior do Partido das expulsões massivas e detenções) foi continuado por Kaganovich e Zhadanov, quen seguiram insistindo na luta contra os inimigos e emprestaram só uma ligeira atenção á “ingenuidade e ignorância” no trabalho dos “bolcheviques honrados”.

O Pravda, baixo controlo dos seguidores de Stalin, fazia ainda chamadas para afastar o Partido do manejo direto dos assuntos econômicos, e a necessidade de promover os não-militantes aos postos de liderança.(Zhukov, Tayny 51-2) Enquanto que Nikita Khrushchev, que em 1937 exigira autorização para poder executar a 20.000 pessoas quando era do Partido em Moscou, foi trasladado à Ucrânia, onde, no prazo de um mês, reclamou poderes para reprimir a 30.000 pessoas. (Zhukov, Tayny 64, ver n. 23)

Parece que Nicolai Yezhov, substituto de Genrikh Yagoda em 1936 no mando do NKVD, estava estreitamente relacionado aos Primeiros Secretários.(21) A massiva repressão dos anos 1937-1938 esteve tão ligada ao seu nome que ainda se conhece como a “Yezhovshchina”. Yezhov deixou o seu posto a 23 de setembro de 1938 (22), sendo substituído em novembro desse ano por Lavrentii Beria.

Sob o mando de Béria, muitos dos mandos do NKVD e Primeiros Secretários responsáveis por milhares de execuções e deportações foram julgados, e muitas vezes deles mesmos executados por levar á morte a gente inocente e fazer uso da tortura contra os detidos. As transcrições dos julgamentos de alguns dos funcionários policiais que utilizaram a tortura foram publicadas. Numerosos presos e acusados, deportados ou enviados aos campos de trabalho foram liberados. O próprio Béria manifestou que a sua missão era “acabar com a Yezhovshchina”. Stalin disse ao engenheiro aeronáutico Yakovlev que Yezhov foi executado por assassinar milhares de inocentes. (Lubianka B, Nos. 344; 363; 375; Mukhin, Ubiystvo 637; Yakovlev)

Foi feito um incalculável dano á sociedade soviética, ao governo soviético e ao Partido Bolchevique. Há muito tempo que sabemos isto, evidentemente. O que não sabemos até agora é que a implantação das troikas e as cotas de execuções e deportações se deviam á insistência dos Primeiros Secretários, e não a Stalin. Zhukov pensa que a estreita relação entre isto e a ameaça de eleições abertas, e o fato de que o Comitê Central conseguira forçar á direção de Stalin e os seus colaboradores a cancelar esas eleições, indica que a forma de evitar essa “ameaça eleitoral” foram as detenções massivas e as execuções da “Yezhovshchina”. (23) (Zhukov, KP)

Ninguém pode absolver a Stalin e aos que o apoiaram, das amplas responsabilidades que tiveram nas execuções, que foram de bastantes centenas de milhares.(24) Se as vítimas fossen encarceradas ao invés de executadas a maioria teria sobrevivido.

Muitos veriam revisados os seus casos, e liberados. Para os nossos objetivos neste trabalho, a pergunta chave é:

Por que cedeu Stalin ante as demandas dos Primeiros Secretários, demandas que lhes concediam o destino de milhares de pessoas? Pode ser que não existam desculpas, podem existir razões.

Nenhum outro governo está preparado para traições simultâneas por parte de altos mandos militares, figuras de primeira fila do governo nacional e de governos regionais, e da direção da polícia secreta e de fronteiras.

Um grave conjunto de conspirações, que incluía tanto líderes do Partido atuais e anteriores, com ligações com todo o país, acabava de ser descoberto. O mais ameaçador era a participação de destacados militares dos níveis mais altos, com a revelação dos planos secretos militares aos inimigos fascistas. A conspiração militar tinha contactos em toda a URSS, e nela estavam também os principais comandantes do NKVD, incluindo a Genrikh Yagoda, que era quem dirigia este organismo entre os anos 1934 e 1936. Pode-se dizer, não se podia saber a amplitude da conspiração e quanta gente estava implicada. O caminho prudente era pensar o pior.(25)

O Politburo e Stalin estavam no cume de duas amplas hierarquias, a do Partido e a governamental. O que sabiam sobre o estado das coisas no país era o que os seus subordinados lhes diziam. No transcurso dos seguintes doze meses reprimiram a muitos dos Primeiros Secretários, indo a parar ao cárcere a metade deles. Na maioria dos casos, os cargos concretos e as transcrições

dos seus interrogatórios continuaram sem ser publicados, inclusive na Rússia pós-soviética e anticomunista. Mas agora contamos com bastantes provas das investigações que efetuaram Stalin e o Politburo para fazer uma ideia da alarmante situação que enfrentavam. (Lubianka B)

O Partido Bolchevique guiava-se pelo centralismo democrático. Malgrado a sua popularidade em toda a URSS, Stalin (como qualquer outro líder do partido) podia ser derrotado por uma maioria do Comitê Central. Não estava em situação de ignorar pressões e urgências por parte de um amplo número de membros do Comitê Central.

Como ilustração da incapacidade de Stalin para impedir que os Primeiros Secretários burlassem os princípios que inspiravam as eleições democráticas, Zhukov menciona um incidente que teve lugar numa plenária do Comitê Central de outubro de 1937. Kravtsov, Primeiro Secretário do Kraikom (Comité Rexional G.F.) de Krasnodar foi o único que reconheceu o que os seus colegas fizeram secretamente nas semanas anteriores. Fixou um perfil da seleção daqueles candidatos a deputados do Soviete Supremo que se ajustavam aos interesses da “liderança ampla”.

“Apresentamos os nossos candidatos ao Soviet Supremo”, manifestou com sinceridade Kravtsov.

“Quem são estes camaradas? Oito são membros do Partido, dois não são membros nem do Partido nem do Komsomol. Assim cumprimos com a porcentagem de candidatos não membros do Partido que aprovou o Comitê Central. Por sua ocupação, estes

camaradas classificam-se em: quatro empregados do Partido, dois empregados no Soviete, um secretário de Kolkhoz, um condutor, um tratorista, um trabalhador do setor do combustível...

Stalin: Quem são?

Kravtsov: Entre os dez está Yakovlev, Primeiro Secretário do Kraikom e secretário do Comitê Executivo do Krai.

Stalin: Quem te aconselhou isso?

Kravtsov: Tenho que dizer, camarada Stalin, que fui aconselhado aqui, no Comitê Central.

Stalin: Quem?

Kravtsov: Aqui, no Comitê Central, designamos o nosso secretário do Comitê Executivo do Krai, o camarada Simochkin, e contou com a aprovação do Comitê Central.

Stalin: De quem?

Kravtsov: Não sei, não posso dizer quem.

Stalin: É uma pena que não possas dizer quem, porque te informaram muito mal.” (Zhukov, Inoy 486-7)

Evidentemente, todos os Primeiros Secretários estavam fazendo o que só Kravtsov afirmou, ignorar o princípio de eleições secretas ao Soviete, princípio que eles votaram numa plenária anterior, mas que nunca aceitaram na prática. Isto assinala a

derrota definitiva de Stalin neste tema, as reformas constitucionais e eleitorais que ele e outros líderes centrais encabeçaram durante dois anos.

A reforma democrática foi derrotada, e o antigo sistema político manteve o seu lugar. O plano de Stalin para eleições abertas desapareceu para sempre: “Deste jeito, a tentativa de Stalin e do seu grupo de reformar o sistema político da União Soviética rematou num rotundo fracasso”. (Zhukov, Inoy 491)

Zhukov pensa, se Stálin rejeitasse as exigências de poderes extraordinários por parte dos Primeiros Secretários, seria provável que este fosse destituído, detido por contrarrevolucionário e executado”... Hoje Stalin estaria entre as vítimas da repressão de 1937, e o “Memorial” e a comissão de A. N. Yakovlev estaria desde há muito tempo reclamando a sua reabilitação”. (Zhukov, KP 16 Nov. 02)

Em Novembro de 1938, Lavrentii Beria assumiu o posto de Yezhov como chefe do NKVD. As “troikas” foram abolidas. As execuções extrajudiciais acabaram e os responsáveis pelos terríveis excessos foram julgados e executados ou encarcerados.(26) Mais a guerra estava perto. O governo francês negou-se a continuar com a já muito fraca aliança franco-soviética (A URSS desejava uma muito mais forte). Os aliados cederam Tchecoslováquia a Hitler e aos fascistas polacos, sem nenhum tipo de luta. A Alemanha nazi conseguiu um acordo e uma aliança com o governo fascista da Polônia, com a ideia de invadir a URSS. No Estado espanhol, o bando republicano, a quem os Soviets tanto ajudaram, estava à beira de perder a guerra. Itália invadiu a Etiópia, sem que a Liga de

Nações fizesse nada. França e Inglaterra, com o apoio da maioria da Europa ocidental, animava descaradamente Hitler para que invadisse a URSS. (Lubianka B, No. 365; Leibowitz)

Japão, Itália e Alemanha tinham um tratado de mútua defesa, e um pacto “Anti-Komintern”, ambos expressamente dirigidos contra a União Soviética. Todos os países europeus fronteiriços (Polônia, Rumania, Bulgária, Hungria, Finlândia, Estônia, Letônia e Lituânia) eram ditaduras militares de corte fascista. Em 1938, um ataque japonês em Khazan causou uns 1.000 mortos no Exército Vermelho. Um ano depois, outro ataque japonês, desta vez em Khalkin-Gol, foi repellido pelo Exército Vermelho. As baixas soviéticas ascenderam a 17.000, incluindo quase 5.000 mortos; apesar das baixas, o triunfo soviético foi decisivo já que Japão não voltou a atacar a URSS. Porém, nesse período, o governo soviético não tinha certeza disso. (Rossiia I SSSR v Voynakh)

Após 1938, o governo de Stalin não voltou a tentar em prática o sistema democrático eleitoral refletido na Constituição de 1936. Isto mostrava o ponto morto ao que se chegara entre Stalin e os Primeiros Secretários no Comitê Central? Ou, pelo contrário, dominava a ideia que, com uma guerra às portas, os esforços democratizadores tinham que aguardar tempos mais pacíficos? As provas com as que contamos não permitem uma conclusão firme.

Porém, com a substituição de Yezhov por Beria (formalmente em dezembro de 1938, na prática umas semanas antes) teve lugar um contínuo proceso de reabilitações. Beria liberou uns 100.000 prisioneiros de campos e cárceres. Isto foi seguido pelos

juízos contra os dirigentes do NKVD acusados de torturas e execuções extrajudiciais. (Thurston 128-9)

SEGUNDA PARTE

DURANTE A GUERRA

Quando estava acabando a Segunda Guerra Mundial, Stalin e os seus partidários no Politburo tentaram de novo afastar o Partido Bolchevique do controle direto do governo soviético. Assim é que Yuri Zhukov descreve o que aconteceu:

“Em janeiro de 1944..., pela primeira vez durante a guerra, foi convocado conjuntamente o Comitê Central e uma sessão do Soviete Supremo da URSS. Molotov e Malenkov prepararam um rascunho de um decreto do Comitê Central em que afastava legalmente o Partido do poder. O Partido manteria as suas funções de agitação e propaganda, como também a seleção de quadros; ninguém poderia afastá-lo destas tarefas próprias de partido. O esboço impedia ao Partido intervir nas questões econômicas e no funcionamento dos órgãos do Estado. Stalin leu o rascunho, trocou seis palavras, e escreveu:

“De acordo”. O que sucedeu depois continua a ser um mistério...

Era esta uma nova tentativa de reduzir o papel do Partido no Estado, retendo só as funções que teve, de fato, durante a guerra. O esboço tinha cinco assinaturas: Molotov, Malenkov, Stalin, Khrushchev e Andreev. Não existe nenhum registro taquigráfico, pelo que só podemos especular sobre o sentido do voto dos demais participantes na reunião. Nem tão sequer o todo poderoso Comitê Estatal de Defesa, com quatro membros no Politburo, foi quem desejasse mudar o estado das coisas. Isto mostra, mais uma vez,

que Stalin nunca teve o poder que lhe pressupõem tanto anti-stalinistas como stalinistas.” (Zhukov, Kul'tovaia) (27)

Desconhecemos como se pensava distanciar o Partido das questões econômicas e do estado. Provavelmente, estavam prevendo algum outro método para dotar aos órgãos do estado de pessoal. Significaria isto uma volta às eleições como se especificava na Constituição de 1936?

Independentemente das respostas a estas perguntas, parece claro que o Comitê Central, dominado pelos Primeiros Secretários do Partido, rejeitou novamente os projetos do grupo de Stalin para mudar o sistema soviético. No seu Informe Secreto, Khrushchev nega que tenha ocorrida essa plenária! Já que a maior parte dos membros do Comitê Central presentes na leitura do Informe sabiam que isto era mentira, pode ser que o objetivo desta mentira fosse deixar claro que esse perigoso movimento contra o seu poder estava formalmente soterrado.

DEPOIS DA GUERRA

Vimos que Stalin preocupava-se com um importante problema, tanto para a URSS como para o Partido Bolchevique, a situação de “duplo poder”. O Partido, no governo, era quem realmente dirigia a sociedade. Cada vez mais, os funcionários deixavam as tarefas de incentivar a produção para se ocuparem do poder através da supervisão.

Afastando o Partido do controle direto de estado atingiriam-se vários objetivos:

– Seria finalmente institucionalizada a Constituição de 1936, reforçando os laços entre a população e o estado soviético.

– Devolveria a direção dos órgãos estatais a aqueles realmente qualificados.

– Impediria que os níveis superiores do Partido se convertessem numa casta de parasitas e corruptos.

O Politburo reunia-se, antes da guerra, pelo menos duas vezes por semana. Em maio de 1941, Stalin converte-se na cabeça oficial do Estado soviético, deixando a Molotov o posto de Secretário do Conselho de Comissários do Povo (Sovnarkom), o órgão executivo oficial do governo da URSS.

Mas, durante a guerra, a URSS não foi dirigida nem por este órgão nem pelo Partido, e sim pelo Comitê Estatal de Defesa, composto por Stalin e três dos seus colaboradores mais próximos. Durante a guerra, o Comitê Central convocou só uma reunião, enquanto que as reuniões do Politburo, não só durante a guerra senão também quando a guerra acabou, eram muito infrequentes. Segundo Pyzhikov, “o Politburo, na prática, não exercia o poder”. O dissidente soviético Zhores Medvedev afirma que o Politburo se reuniu só 6 vezes em 1950, 5 em 1951 e 4 em 1952. (28)

Pode-se dizer que Stalin distanciou o Politburo do controle do Estado (Pyzhikov, 100; Medvedev, *Sekretnyi*).

Parece, também, que Stalin descuidou de seu papel como cabeça do Partido. As reuniões do Comitê Central foram ficando cada vez mais distanciadas no tempo. Em 13 anos, desde 1939 até 1952, não se convocou nenhum Congresso do Partido. Após a guerra, Stalin assinou decisões conjuntas do Partido e do governo simplesmente como Secretário do Conselho de Ministros (o renomeado Conselho de Comissários Populares), delegando a algum dos outros secretários do Partido, Zhdanov ou Malenkov, assinar em nome do Partido (Pyzhikov 100).

A autoridade do Partido continuava a ser grande. Ainda que, talvez, isto fosse só porque Stalin era ainda Secretário Geral do Partido. Era o único líder do grupo de aliados que permanecia ainda ativo depois da guerra. Roosevelt morrera e Churchill perdera as eleições de 1945. Não exageramos se afirmamos que, entre os trabalhadores, Stalin era a pessoa mais conhecida e respeitada do mundo.

O movimento comunista que ele encabeçava era a esperança de centenas de milhões de pessoas. A sua figura ainda se agigantou ainda mais como consequência da vitória sobre o fascismo. O grande prestígio de Stalin como chefe de estado, concedia autoridade ao conjunto da direção do Partido (Mukhin, Ubiystvo 622; Ch. 13).

As ações de Stalin sugerem que ainda tentava desalojar ao Partido do controle direto sobre o estado. Porém, se isto foi assim, deve tê-lo feito com muitas precauções. Podemos deduzir as razões desta atitude cuidadosa:

– A exposição de uma infundada falha de confiança no Partido significaria um péssimo exemplo para outros países do mundo, onde os Partidos Comunistas ainda não estavam no poder.

– Tinha contra si o Comitê Central e a nomenclatura, como já acontecera antes da guerra.

Eis as razões que explicariam a sua cautela, evitando possíveis choques.

O Projeto de Programa de Partido de 1947

É provável que os projetos de democratização do grupo de Stalin fossem mais dos que conhecemos hoje.

Aleksander Pyzhikov, historiador anticomunista e antistalinista, citou interessantes seções de um esboço de programa do Partido datado de 1947, no que se impulsionava a democracia e o igualitarismo na URSS. Este fascinante e totalmente desconhecido projeto nunca foi, evidentemente, publicado e não está à disposição de outros investigadores.

Estas são as citações de Pyzhikov:

“O desenvolvimento da democracia socialista como base da construção de uma sociedade socialista sem classes converterá, cada vez mais, a ditadura do proletariado na ditadura do povo soviético. A participação cada vez maior dos indivíduos na direção dos assuntos estatais, o aumento da consciência comunista e da cultura comunista na população, e o desenvolvimento da

democracia socialista conduziram à progressiva desaparecimento das formas de coação da ditadura do povo soviético, sendo substituídas pela influência da opinião pública, estreitando-se cada vez mais as funções políticas do Estado, que ficaria como órgão de direção da vida econômica do país.”

Pyzhikov resume assim outras partes deste documento inédito:

“Particularmente, o esboço tratava sobre o desenvolvimento da democratização da ordem soviética. Este projeto entendia como essencial a incorporação dos trabalhadores na direção do Estado, na atividade estatal e social diária sobre a base de um desenvolvimento estável do nível cultural das massas e uma simplificação máxima das funções de direção estatal. Na prática, estabelecia a unificação do trabalho produtivo com a participação na direção dos assuntos estatais, no caminho de conseguir a total direção do estado por parte de toda a classe trabalhadora. Também, o projeto, apostava no controle direto por parte do povo da atividade legislativa. O caminho era o seguinte:

a) Colocar em prática o voto universal na tomada de decisões nas questões fundamentais da vida governamental, tanto na esfera social como econômica, assim como em questões relativas à vida, às condições de vida e ao desenvolvimento cultural.

b) Ampliar a iniciativa legislativa a partir da base, concedendo às organizações sociais o direito a apresentar propostas legislativas ao Soviete Supremo.

c) Confirmar o direito dos cidadãos e organizações sociais para apresentar diretamente propostas ao Soviete Supremo referidas às questões mais importantes da política nacional e internacional.

Também se tinha em conta o modo de fazer eleições dos diretores. O projeto do programa do Partido apostava, de acordo com o grau de desenvolvimento caro ao comunismo, pela eleição de todos os cargos do estado, por câmbios no funcionamento de uma série de órgãos estatais para convertê-los em instituições responsáveis da contabilidade e supervisão da economia. Para isto, o máximo desenvolvimento possível de organizações voluntárias e independentes foi considerado importante. Reforçou-se a importância da transformação comunista do conhecimento do povo, do desenvolvimento, sobre a base da democracia socialista, entre as massas populares da “cidadania socialista”, do “heroísmo do trabalho” e do “valor do Exército Vermelho”.

Continuando com Pyzhikov, Zhdanov informou sobre o trabalho da comissão de planejamento na reunião do Comitê Central de fevereiro de 1947. Propôs convocar o XIX Congresso do Partido nos finais de 1947 ou em 1948. Também deu a conhecer um plano para convocar uma conferência do partido uma vez ao ano, “com a renovação obrigatória” de não menos que a sexta parte dos integrantes do Comitê Central anualmente. Com a finalidade de levar-se adiante o projeto, e se a “renovação” provocara uma maior rotação dos membros do Comitê Central, isto faria com que os Primeiros Secretários e outros líderes do Partido no Comitê Central estivessem menos entrincheirados nos seus cargos, abrindo as portas do órgão mais importante do Partido a

novos dirigentes, facilitando o exercício da crítica dos líderes do Partido (Pyzhikov 96).

Este valente projeto repete muitas das ideias da “diminuição do estado” contidas na obra de Lenin O Estado e a Revolução, que por sua vez, reflete as ideias de Marx e Engels sobre o tema. Propondo a participação democrática direta em todas as decisões estatais vitais do povo soviético e das suas organizações populares, e a “renovação” – ou quando menos, a possibilidade de substituição- de nada menos que uma sexta parte do Comitê Central cada ano através de uma Conferência do Partido, o projeto desenvolvia a democracia de base tanto no Estado como no próprio Partido.

Mas o projeto não foi adiante. Como aconteceu com as propostas anteriores para a democratização do Estado soviético e do Partido, desconhecemos os detalhes de como sucedeu. Provavelmente foi rejeitado no Pleno do Comitê Central. O XIX Congresso do Partido foi adiado até 1952. Tampouco sabemos a razão. A natureza do rascunho do programa do Partido nos fará intuir que a postura contrária do Comitê Central -os Primeiros Secretários- e que poderia ser o motivo(29)

O XIX CONGRESSO DO PARTIDO

Parece ser que Stalin e os seus colaboradores fizeram um último esforço por afastar o Partido do controle direto do Estado no XIX Congresso do Partido em 1952 e na reunião do Comitê Central celebrada pouco depois. Começando por Krushev, a nomenclatura do Partido tentou destruir toda memória deste

Congresso. No período de Brezhnev, foram publicadas as transcrições de todos os Congressos do Partido até o XVIII. Até o dia de hoje, ainda não foi publicada a transcrição do XIX. Stalin fez um breve discurso no Congresso que foi publicado, o que nunca foi publicado, a não ser breves referências, foi o discurso de noventa minutos que dirigiu na posterior reunião do Comitê Central. Ninguém tem a transcrição dessa reunião (30).

Stalin convocou o Congresso para mudar o estado e a estrutura organizacional do Partido. Entre as mudanças destacavam-se:

– O nome do Partido, até então “Partido Comunista de Toda a União (Bolchevique)”, foi oficialmente mudado para “Partido Comunista da União Soviética”. A mudança ia no sentido da maior parte dos partidos comunistas do mundo, ligando o partido ao estado.(31)

– Um “Presidium” substituiu o Politburo do Comitê Central. Este nome também foi empregado em outros órgãos representativos, como, por exemplo, o Presidium do Soviete Supremo. Também eliminou-se o “político” do nome, depois de tudo, “político” era todo o Partido, não só os dirigentes.

Esta mudança, não há dúvida, também sugere um órgão que governa só o Partido, não o Partido e Estado. O Politburo era um organismo composto por membros de distinta procedência: o Secretário do Conselho de Ministros (a cabeça do órgão executivo do Estado –ou seja, o chefe de Estado); o Secretário do Presidium do Soviete Supremo (cabeça do corpo legislativo); o Secretário

Geral do Partido (Stalin); um ou dois Secretários do Partido; e um ou dois ministros do governo. As decisões do Politburo afetavam tanto ao Partido como ao Governo.

Já que logo, em comparação com a praticamente posição suprema do Politburo no país, o papel do Presidium era muito limitado. Já que nem o chefe de estado nem o do Soviete Supremo tinham assentos reservados nele, o Presidium era tão só o órgão dirigente do Partido Comunista.

Houve mais mudanças:

– O posto de Secretário Geral (o do próprio Stalin) foi suprimido. A partir de agora, Stalin era tão somente um dos 10 Secretários do Partido(32), todos eles com assento no novo Presidium, composto por 25 membros e 11 suplentes, quantidade muito maior que os 9 e 11 do antigo Politburo. A sua numerosa composição fazia dele um órgão mais deliberativo que executivo, impossibilitado de tomar decisões que se executassem rotineira e rapidamente.

– A maior parte dos membros do Presidium parece que eram funcionários governamentais, mais do que líderes do Partido. Khruchev e Malenkov perguntaram-se mais tarde como podia conhecer, ainda que fosse só de ouvir falar, algumas pessoas que ele mesmo sugerira para o Presidium, já que não eram líderes famosos do Partido (pode-se dizer, não eram Secretários do Partido). Stálin nomeou-os, provavelmente, para suas posições de liderança no Estado, em contraposição com a liderança no Partido (33).

Depois de demitir-se como Secretário Geral do Partido no XIX Congresso, Stalin propôs a sua renúncia, na reunião do Comitê Central posterior a este Congresso, do seu posto no Comitê Central, mantendo-se só como Chefe de Estado (Secretário do Conselho de Ministros).

Se Stalin não fazia parte do Comitê Central, mantendo só o posto de Chefe de Estado, os funcionários do governo não sentiriam a necessidade de fazer um informe ao Presidium, o órgão mais alto do Partido. A renúncia de Stalin limitaria a autoridade dos funcionários do Partido, cujo papel “supervisor” no Estado não seria necessário em termos produtivos. Se Stalin não estivesse à testa do Partido, os líderes do Partido, ou seja, a nomenclatura, perderiam prestígio. Os militantes de base já não se sentiriam obrigados a “eleger” –ou melhor dizendo, confirmar- os candidatos recomendados pelos Primeiros Secretários e o Comitê Central.

A partir dessa perspectiva, a demissão de Stalin do Comitê Central significaria um desastre para a nomenclatura, que se sentia protegida das críticas impiedosas da base militante por estar à “Sombra de Stalin”. Também significaria que, no futuro, só as pessoas mais capacitadas permaneceriam tanto na nomenclatura do Partido como na direção do Estado.

A carência de uma transcrição sugere que o que sucedeu na plenária do partido, incluídas as palavras de Stalin no seu discurso, não foram do agrado da nomenclatura que não quis torná-las públicas. Também indica, é importante acentuá-lo, que Stalin não era “todo-poderoso”. Por exemplo, as sérias críticas de Stalin a

Molotov e Mikoian durante a Plenária não foram publicadas até muito depois da sua morte (34).

O reconhecido escritor soviético Konstantin Simonov, participante nessa plenária como membro do Comitê Central, foi testemunha do sobressalto e o pânico de Makenkov quando Stalin propôs votar a sua saída do posto de Secretário do Comitê Central (Simonov, 244-5). Ante uma vociferante oposição, Stalin não insistiu.(35)

Enquanto tiveram possibilidade, os poderosos do Partido tomaram medidas para anular as decisões do XIXo Congresso. Numa reunião no dia 2 de março de um Presidium reduzido (essencialmente os membros do velho Politburo), com Stalin ainda vivo, mas já inconsciente, decidiram reduzir o Presidium de 25 para 10 membros. Basicamente era de novo o antigo Politburo. O número de Secretários do Partido limitou-se outra vez a 5. Khruchev foi nomeado “coordenador” do secretariado e, cinco meses depois, “Primeiro Secretário”. Finalmente, em 1966, o Presidium retomou o seu antigo nome de Politburo.

Durante o resto da história da URSS foi o Partido quem continuou governando a sociedade soviética, e os seus dirigentes formavam uma elite corrupta e auto-eleita, que autoampliava os seus elitistas privilégios. Sob Gorbachov, esse grupo dirigente aboliu a URSS, ficando com a riqueza econômica e o mando político na nova sociedade capitalista. Aliás, isto significou a perda das liberdades e as vantagens sociais da classe operária e do campesinato cujo trabalho foi o responsável pela imensa riqueza coletiva

criada na URSS. Esta mesma nomenclatura continua a dirigir os estados pós-soviéticos na atualidade.

LAVRENTII BERIA⁽³⁶⁾

Béria é a figura mais difamada na história soviética, portanto que o novo juízo histórico sobre a carreira de Béria, que começou repentinamente após a queda da União Soviética, ainda é mais intenso que a nova avaliação do papel de Stalin, tema principal deste artigo.

Os “Cem Dias” de Béria (realmente 112 dias, desde a morte de Stalin o 5 de março de 1953 até a sua destituição em 26 de junho) testemunham o começo de um grande número de reformas dramáticas. Se os poderosos soviéticos permitissem que estas reformas se desenvolvessem totalmente, a história da União Soviética, do Movimento Comunista Internacional, da Guerra Fria –pode-se dizer, da última metade do século XX- seria radicalmente diferente.

Todas as iniciativas de reforma de Béria merecem um estudo especial, e com algumas se está passando assim, apesar de que o governo russo impede o acesso às principais fontes primárias, inclusive a investigadores de confiança. Algumas destas iniciativas seriam:

– A reunificação da Alemanha como um estado não-socialista, neutro, uma medida que seria mais popular entres os alemães, e

claramente inoportuna para os aliados da OTAN, incluindo os Estados Unidos.

– A normalização das relações com a Iugoslávia, que prometia abandonar a sua aliança com o Ocidente para voltar ao Kominform.

– Uma política a respeito das nacionalidades oposta à “russificação” das áreas recentemente anexadas no oeste de Ucrânia e nos Estados bálticos, junto com uma política de estender as mãos a alguns, pelo menos, grupos de nacionalistas na emigração. Uma reforma da política das nacionalidades noutras áreas não-russas, incluindo Geórgia e Bielorrússia.

– Reabilitações e compensações para aqueles injustamente condenados por corpos judiciais especiais (as troikas e as “Comissões Especiais” do NKVD) durante os anos 30 e 40. Sob Béria este processo seria muito diferente de como foi realizado mais tarde sob Khrushchev, que “reabilitou” muitos que eram inquestionavelmente culpados.

Algumas reformas de Béria foram realizadas em grande parte, como:

– Anistia para um milhão de encarcerados por crimes contra o Estado.

– Finalizar a investigação do “Complô dos Médicos”, junto com o reconhecimento de que as acusações foram injustas, e o castigo aos funcionários do NKVD implicados, incluindo a destituição do Comitê Central de Kruglov, antiga cabeça do NKVD.(37)

– Limitar o poder da “Comissão Especial” do NKVD para sentenciar pessoas à morte ou a longas penas de cárcere.

– Numa campanha não só contra o “culto” a Stalin senão contra o “culto” a qualquer líder, proibir a exibição de retratos de líderes nos comícios. Esta disposição foi anulada a mando do Partido pouco depois da destituição de Béria.

OS MOVIMENTOS DE BÉRIA A PROL DUMA REFORMA DEMOCRÁTICA

Oficialmente, Béria foi detido pelos seus companheiros do Politburo e por alguns generais em 26 de junho de 1953. Mas os detalhes desta suposta detenção são obscuros, e existem versões antagônicas.⁽³⁸⁾ De qualquer jeito, durante a plenária do Comitê Central dedicada a acusar a Béria de vários delitos, em julho de 1953, Mikoyan afirmou:

Quando fez a sua apresentação na Praça Vermelha sobre a tumba do camarada Stalin, depois do seu discurso, falei com ele: “No seu discurso há uma parte na qual você garante a todos os cidadãos os direitos e liberdades previstas na Constituição. Inclusive, no discurso de um simples orador não tem que ter nenhuma frase verdadeira; mas já o discurso de um ministro de política interior, que é um programa de ação, deve ser cumprido”. Respondeu-me: vou cumpri-lo. (Beria 308-9; Mukhin 178)

Béria dissera algo que alarmou Mikoyan. Aparentemente foi o fato de que, durante a parte crucial do seu discurso na Praça Vermelha, e quando fez referência à Constituição, Béria não

mencionou o Partido Comunista, e só falou sobre o Governo Soviético. Béria falou em segundo lugar, depois de Malenkov, uma demonstração pública de que ele era agora o segundo no poder, no Estado soviético. O que Béria disse foi:

“Os trabalhadores, os camponeses das fazendas coletivas e a intelectualidade do nosso país podem trabalhar pacificamente e com confiança, sabendo que o Governo soviético garante diligentemente e incansavelmente os seus direitos, tal e como figuram na Constituição de Stalin... A partir de agora, a política exterior do Governo soviético será a política leninista e stalinista de manter e reforçar a paz...” (Béria, Discurso)

Mukhin sugere a seguinte possível interpretação deste parágrafo:

“As pessoas comuns compreenderam apenas parte do sentido do que Béria dissera, mas para a nomenclatura do Partido entendeu que este era um duro golpe. Béria tinha a intenção de conduzir o país sem o Partido, pode-se dizer, sem eles; prometeu às pessoas proteger os seus direitos, que não os outorgava ao partido, mas sim à Constituição!” (Mukhin, 179)

Nesta mesma plenária de junho de 1953, Khrushchev afirmou:

“Lembremos como Rakosi (líder comunista húngaro) disse: Gostaria de saber que é que decide o Conselho de Ministros e que o Comitê Central, que tipo de divisão deve existir... Beria contestou tranquilamente: Que Comitê Central? Deixemos que Conselho de

Ministros decida e que o Comitê Central se ocupe das suas funções de quadros e propaganda” (Béria 91).

Mais tarde, nessa mesma plenária, Lazar Kaganovich notou que foi exposto por Khruchev:

“O Partido para nós é o mais importante. Não se permite que ninguém fale como dele como esse despeitado (Béria), que disse: o Comitê Central (para) quadros e propaganda, não para o mando político, não para dirigir toda a vida, como nós, os bolcheviques, o entendemos.” (Béria 138)

Parece que estes homens temiam que Béria intentasse desalojar o Partido do controle direto do país. Isto era muito semelhante ao que Stalin e os seus colaboradores quiseram fazer durante as discussões constitucionais entre 1935 e 1937. Também aparece esta ideia no rascunho do programa do Partido de 1947, na reestruturação que Stalin realizou no XIX Congresso e na imediata Plenária do Comitê Central.

Sergei, filho de Béria, afirma que o seu pai e Stalin estiveram de acordo na necessidade de afastar o Partido da direção direta da sociedade soviética. As relações do meu pai com os órgãos do Partido foram complicadas... O [O partido] jamais acatou as suas críticas ao aparelho partidário. Por exemplo, disse diretamente a Khruchev e Malenkov que o aparelho do Partido corrompia as pessoas. Era necessário anos antes, quando o Estado soviético acabava de formar-se. Mais, meu pai perguntava-lhes: “Quem precisa hoje destes controles? [Béria] tinha este tipo de conversas francas com diretores de indústrias e fábricas a quem,

evidentemente, não lhes importavam nada os inúteis do Comitê Central. Meu pai era igualmente sincero com Stalin. Joseph Vissarionovich estava de acordo em que o aparelho do Partido tirasse de si mesmo responsabilidades em matérias concretas e não tinha nada que fazer além de debater. Sei que um ano antes da sua morte, quando apresentava o novo desenho do Presidium do Comitê Central, Stalin fez um discurso centrado na necessidade de encontrar novas formas de dirigir o país, já que os velhos caminhos não eram os melhores. Começou então uma viva discussão sobre a atividade do Partido (Sergo Beria, Moy Otets Lavrentii Beria).

A reestruturação planejada por Béria das relações entre o Estado e o Partido, provavelmente seria muito bem acolhida pelos militantes de base, para não falar da maioria dos cidadãos soviéticos não militantes. Mais constituía uma grande ameaça para a nomenclatura.

Mukhin explica isso assim:

“Beria não renunciou a convencer as pessoas de que o país devia ser governado, em todo o território, pelos Sovietes, como reconhecia a Constituição, e que o Partido tinha que ser un órgão ideológico que, mediante a propaganda, ajudaria a garantir que todos os soviets fossem comunistas. Béria propôs levar à prática o autêntico espírito da Constituição recolhido na lenda: “Todo o poder aos Sovietes!” Ainda que Béria trabalhasse exclusivamente na esfera ideal, estas podiam ser desagradáveis para a nomenclatura, mas não perigosas. Já que eles tinham o poder, podiam seleccionar delegados para o Soviete Supremo instruídos de tal jeito que impossibilitassem que se colocasse em prática as ideias

de Béria. Mas, e se Béria não permitisse aos secretários e ao Comitê Central dirigir as eleições e a sessão do Soviete Supremo, que decisões poderiam tomar os deputados?” (Ubiystvo 363-4)

Evidentemente, isto fez com que Beria colidisse com a maioria da nomenclatura do Partido (Ubiystvo 380). Khruchev representava os interesses deste grupo ou, pelo menos, uma parte grande e ativa do mesmo. E Khrushchev tinha um conceito completamente distinto da “democracia”. O famoso diretor de cinema Mikhail Romm registrou as palavras de Khruchev numa reunião com intelectuais:

“Por suposto que vos escutam, e falamos convosco. Mas quem decidirá? No nosso país é o povo quem tem que decidir. E quem é o povo? É o Partido. E quem é o Partido? Nós somos o Partido. Isto significa que nós decidiremos. Decidirei eu. Entendido?” (Alikhanov)

Como Mukhin disse: “o Partido, como uma organização de milhões de comunistas, chegara ao seu fim. O grupo de pessoas das altas esferas converteu-se no Partido”.(Mukhin, Ubiystvo 494)

MORTES DE STALIN E BÉRIA

Além das misteriosas circunstâncias da morte de Béria, existem suficientes provas para considerar que deixaram Stálin morrer, encontraram-no no chão de seu escritório depois de ter sido golpeado ou, talvez, até envenenado. Não temos tempo ou espaço para resumir esta questão aqui.

Porém, não é necessário para os objetivos deste trabalho. A enorme circulação e credibilidade destas suposições entre russos de todo o espectro político exemplifica que muitos russos supõem que as mortes de Stalin e Béria convinham muito à nomenclatura. Estas provas, independentes de outras que possam indicar que foram assassinados, demonstram que tanto Stalin como Béria queriam uma perestroika comunista, uma “reestruturação”, ainda que política, não econômica, do poder, no canto da super-exploração capitalista e a estafa que padeceu o país sob aquele nome desde o final dos anos 80.

O resultado imediato dos fracassos de Stalin e Béria na democratização foi que a URSS ficou nas mãos dos líderes do Partido. Não se chegou à democracia operária na URSS. A nomenclatura do Partido continuou a monopolizar o controle das questões-chaves, inclusive no Estado e na economia, desenvolvendo uma elite parasitária e exploradora, com fortes semelhanças com os seus homólogos dos países abertamente capitalistas.

Realmente, esta elite continua hoje no poder. Gorbachov, Ieltsin, Putin, e o resto dos líderes da Rússia e das antigas repúblicas soviéticas são todos antigos membros da direção do Partido. Durante muito tempo se aproveitaram dos cidadãos da União Soviética como funcionários superprivilegiados. Com Gorbachov, foram eles os que dirigiram a privatização de toda a propriedade coletiva que pertencia à classe operária da URSS, empobrecendo não só aos trabalhadores, senão também à ampla classe média. Este processo foi qualificado como a maior expropriação na história

do mundo.(39) (The Party nomenklatura destroyed the Soviet Union. Bivens & Bernstein; O’Meara; Williamson)

Para esconder o seu protagonismo nas execuções massivas dos anos 30, os seus êxitos em frustrar as tentativas democratizadoras de Stalin, as suas negativas em colocar em prática as reformas de Stalin e Béria –pode-se dizer então, esconder a sua negativa de democratizar a União Soviética-Khrushchev e os líderes do Partido culpavam Stalin de tudo, mentindo sobre a existência de conspirações sérias na URSS dos anos 30, e escondendo o seu papel nas execuções em massa que se seguiram.

O “discurso secreto” de Khruchev foi o maior golpe contra o movimento comunista mundial na história. Estimulou aos anticomunistas de todo o mundo, que decidiram que agora havia um líder comunista em quem podiam confiar. Os documentos que vieram à luz após a queda da URSS demonstraram que praticamente todas as acusações de Khruchev contra Stalin eram mentira. Esta evidência, pela sua parte, obriga-nos a investigar as verdadeiras motivações do ataque de Khrushchev a Stalin.(40) Os investigadores russos já demonstraram que as acusações “oficiais” contra Béria, citados por Khruchev e os seus seguidores na direção soviética, são falsos ou carecem absolutamente de provas. Béria foi assassinado judicialmente por razões que os seus executores jamais revelaram. Os montes de mentiras que envolvem estes acontecimentos fazem com que nos tenhamos que perguntar: Que aconteceu realmente? O presente ensaio quer ser uma resposta.

CONCLUSÃO E FUTURA INVESTIGAÇÃO

Já que Stalin pensava na participação de vários partidos no seu projeto de eleições, que tipo de democracia seria esta? As perguntas sobre a democracia têm que começar com outra pergunta: “Que se entende por democracia?”.

No mundo capitalista industrializado “democracia” equivale a um sistema onde os partidos políticos competem em eleições, mas que todos os partidos políticos são controlados pelas elites ricas e autoritárias. Tampouco esta “democracia” permite mudar o sistema econômico capitalista por outro alternativo. Esta “democracia” é uma criação da classe capitalista dirigente. Pode-se dizer, esta “democracia” é “falta de democracia”.

Seriam possíveis eleições nas quais participam cidadãos e grupos de cidadãos dentro dos limites que supõe aceitar o poder dirigente da classe operária? Podem funcionar numa futura sociedade socialista? Qual é o papel da “democracia representativa”, é dizer, das eleições, numa sociedade que busca acabar com as classes sociais? Como esta aposta recomendada na Constituição de 1936 nunca foi levada à prática, não podemos saber quais seriam os aspectos positivos e negativos da mesma. Marx e Engels fizeram importantes análises sobre a natureza da democracia proletária, baseando-se no estudo da prática da Comuna de Paris. É uma pena que não tenhamos contado com a experiência de eleições abertas na União Soviética na época de Stalin. Poderíamos aprender muito das debilidades e das vantagens deste sistema.

Os estudos motivados pelo anticomunismo seguem dando espaço ao velho e falso, ainda que não suficientemente desacreditado, paradigma Khrushchev/Guerra Fria/Antiestalinismo. Mas o processo de reinterpretar a história da União Soviética à luz dos anteriormente secretos documentos soviéticos começou há muito na Rússia. Chegará logo a outras partes do mundo. Um dos principais objetivos destes estudos é o de introduzir outras pessoas nesta nova interpretação.

Há um aspecto que surpreenderá a quase todos os leitores. Através do “culto à personalidade”, a adulação à figura de Stalin, fomos condicionados para ver em Stalin um “ditador todopoderoso”. Esta mentira fundamental no paradigma histórico Krushchev/Guerra Fria, feita em pedaços pelas investigações que apresento neste ensaio, deformou fatalmente a nossa compreensão da história soviética. De fato, Stalin nunca foi “todopoderoso”. Foi limitado pelos esforços combinados de outros líderes do Partido. Nunca foi capaz de atingir o seu objetivo de reformas constitucionais. Tampouco podia controlar aos Primeiros Secretários e ao NKVD.

O “culto” apagou estas lutas políticas. As transcrições da Plenária do Comitê Central demonstram que, ainda que às vezes os líderes bolcheviques divergiam abertamente de Stalin, isto aconteceu em raras ocasiões. As disputas políticas não eram tratadas abertamente até resolvê-las, senão de outras maneiras, como foi o caso dos Primeiros Secretários em julho de 1937. Outras vezes utilizavam-se métodos policiais, interpretando o desacordo político como uma oposição hostil.

Independentemente do mecanismo de resolução das discrepâncias, o resultado do “culto” foi um autoritarismo profundamente antidemocrático. Stalin pareceu ser um dos poucos líderes soviéticos a compreender isto. Ao longo da sua vida condenou o “culto” em muitas ocasiões.(41) Porém, nunca se deu conta da intensidade do dano que podia causar.

As conclusões a que chegamos, quase exclusivamente sobre a base de outras investigações, sugerem novos temas importantes para uma investigação adicional. Que forma pode tomar a “democracia” numa sociedade socialista que tem como objetivo gerar uma sociedade sem classes? Um modelo como o previsto por Stalin na Constituição de 1936, democratizando a União Soviética e restaurando o papel original do Partido Bolchevique, como uma organização de revolucionários cujo principal trabalho é conduzir o país ao comunismo? Ou este modelo já incorpora aspectos capitalistas da democracia burguesa que acelerariam, no interesse de impedi-lo, a evolução da URSS que seria cara ao capitalismo?

– Qual é o papel apropriado de um partido comunista em uma sociedade desse tipo? Quais são as formas específicas da direção política compatíveis com a posse do poder democrático pela classe operária? Que formas de direção política e econômica são antagônicas a estes objetivos?

Uma vez que nos perguntamos se as eleições e o governo “representativo” bastariam para expressar os interesses dos trabalhadores e camponeses, vemos que a Constituição de 1936, sendo posta em prática, tampouco seria suficiente. Isto leva-nos a pensar que a “solução” tampouco passa por fortalecer o Estado e

debilitar o Partido – e parece que foi isto o que pensaram Stalin e Béria. Os marxistas imaginam que o estado pode ser dirigido tanto por uma classe quanto por outra, mas também é preciso supor se uma nova classe dirigente proveniente das camadas superiores do Partido, ou de alguma outra parte da sociedade, governaria e mudaria o estado para fazer este novo poder mais efetivo. Isto sugere que a diferença entre Partido e Estado é artificial e enganosa, e deve ser suprimida.

O termo burocratismo, ou burocracia, ainda que aponte um problema, cria outros. Sugiro que as questões expostas anteriormente -sobre a democracia e o papel do partido- devem levar-nos a empregar modos mais materialistas de pensar as relações, em uma sociedade socialista, entre a parte organizada e politicamente mais consciente, e a menos organizada ou menos consciente politicamente, que representa a maioria produtiva.

Os bolcheviques geralmente, e Stalin expressamente, faziam uma grande distinção entre preparação política e habilidade técnica ou educação. Mais eles nunca estudaram suficientemente a contradição entre “militante” e “técnico”, como se fez durante a Revolução Cultural chinesa. A ideia compartilhada por quase todos os socialistas de que se poderia separar a supervisão política do conhecimento técnico e a produção, reflete, em parte, a noção errada de que a ciência -a técnica- é politicamente neutra, e de que uma produção econômica eficaz já era politicamente de esquerda ou comunista. A contradição entre Estado-Partido é continuação desta outra contradição (entre o militante e o técnico).

Que significa “democracia interna” no contexto de um partido comunista? Na URSS, muitas das forças de oposição cujos pontos de vista foram derrotados nas Conferências e Congressos do Partido durante os anos 20, tomaram o caminho das conspirações que, no seu último termo, buscavam o assassinato de dirigentes do Partido, golpes de Estado e colaborações, através de atividades de espionagem, com as potências capitalistas inimigas. Ao mesmo tempo, líderes regionais do Partido desenvolveram hábitos ditatoriais que, por sua vez, os afastavam da militância do Partido (e, por suposto, da população não-comunista, que era muito mais numerosa), e por outro lado, garantiam privilégios materiais.

As vantagens materiais dos altos cargos do Partido jogaram um importante papel, decisivo inclusive, no desenvolvimento do que se conheceu como nomenclatura. Igualmente, o evidente objetivo de Stalin de afastar o Partido do comando direto e devolvê-lo às tarefas de “agitação e propaganda” poderia sugerir uma tomada de consideração desta contradição por parte de Stalin e, talvez, também, por outros dirigentes. Até que ponto as grandes diferenças salariais eram essenciais para estimular a industrialização na URSS? E se estas diferenças fossem essenciais, foi um erro conceder privilégios materiais a membros do Partido (melhor salário, melhor alojamento, casas especiais, etc. O contexto político em que se tomaram estas decisões, final dos anos 20 e princípios dos 30, deve ser estudado com mais vagar. Os debates, que tiveram lugar no princípio dos anos 30 e que por agora ainda não estão disponíveis, referidos ao salário máximo dos membros do Partido, têm que ser descobertos e estudados.

Parece que Zhukov e Mukhin pensaram que a tática, que eles atribuem a Stalin e Béria, de afastar os líderes do Partido da direção do Estado, era a melhor para impedir a degeneração do Partido. Como sugeri mais acima, talvez a verdadeira causa da degeneração do Partido foi a defesa dos seus privilégios, mais que a contradição “militante-técnico”.

Pensava-se, por suposto, na necessidade dos incentivos materiais, primeiro, para recrutar técnicos para edificar a base industrial da URSS, especialistas no seu trabalho, mas burgueses, anticomunistas e inimigos da classe operária. Partindo disto, podemos argumentar que os altos salários foram necessários para animar aos técnicos especializados (incluindo trabalhadores especializados) a que se filiassem ao Partido Bolchevique; ou para trabalhar duro em condições adversas, a miúdo perigosas para a saúde, e sacrificando a vida familiar. Isto serviria para justificar as desigualdades semelhantes às do mundo capitalista.

Pode-se dizer que Stalin e Béria pensaram que devolvendo ao Partido a sua função puramente política, poderiam impedir a sua degeneração. Já que esta estratégia nunca foi levada à prática, não podemos saber se funcionaria. Mas suspeito que a questão dos “incentivos materiais”, pode-se dizer, a desigualdade econômica, é a fundamental. Nas conversas com Félix Chuev, um Molotov já ancião reflete sobre a necessidade de aumentar o igualitarismo, preocupando-se com o futuro do socialismo na URSS, ameaçado com o maior crescimento das desigualdades. Molotov não via as raízes desta desigualdade nos tempos de Lênin e Stalin. De fato, Molotov, como Stalin, era incapaz de analisar criticamente o legado

de Lenin, embora existisse a proposta de manter e ampliar algumas desigualdades com a finalidade de estimular a produção podemos encontrá-la em Lenin e, recuando ainda mais, no Marx da Crítica ao Programa de Gotha.

As perguntas que cada um faz refletem inevitavelmente as preocupações próprias, e o meu caso não é uma exceção. Penso que a história do Partido Bolchevique durante a etapa de Stalin - uma história tergiversada pelas mentiras anticomunistas e que ainda tem que ser escrita- têm muito que ensinar às futuras gerações. Os ativistas políticos que estudam o passado para guiar-se, ou os investigadores com consciência política que entendem que suas melhores contribuições para um futuro melhor passam pelo estudo das lutas do passado, todos têm muito que aprender da história da União Soviética.

Como marinheiros da Idade Média com mapas mais imaginários que reais, nós fomos enganados por histórias canônicas sobre a URSS, a maior parte delas falsas. O processo de descobrir a história real da primeira experiência socialista acaba de começar. Como pode compreender qualquer leitor deste ensaio, acredito que isto é duma enorme importância para o futuro.

NOTAS

1. A versão de Trotsky da história soviética antecedeu a de Khrushchev, misturando-se com esta última como uma espécie de versão “esquerdista”, compensando, enfim, sua falta de prestígio fora dos círculos trostkistas. Tanto uma como outra, dão uma imagem extremamente negativa de Stalin; o termo “demonizar” não é exagerado. Sobre Trotsky, consultar McNeal.

2. O difundido uso do termo “terror” para adjetivar o período da história soviética que vai desde meados de 1937 até 1939-40 pode se dever a uma aceitação acrítica do tendencioso e pouco confiável trabalho de 1938: O Grande Terror. O termo é tão inexato como polêmico. Ver “Fear and Belief in the URSS’s Gran Terror: Response a Arrest, 1935-1939”, *Slavic Review* 45 (1986), 213-214. Ver tamén “Social Dimensions of Stalinist Rule: Humor and Terror in the USSR, 1935-1941”, de Thurston no *Journal of Social History* 24, no 3 (1991) 541-562; *Life and Terror* Ch. 5, 137-163.

3. O pensamento marxista-leninista rejeita a “democracia representativa” capitalista por constituir essencialmente uma cortina de fumaça para o controle das elites. Muitos pensadores políticos não-marxistas acreditam nisto. Por exemplo, Lewis H. Lapham (editor de *Harper’s Magazine*), “Lights, Camera, Democracy! On the conventions of a make-believe republic”, *Harper’s Magazine*, agosto de 1996, 33-38. 4. Citado por Yuri Zhukov em *Zhupel Stalina*, *Komsomolskaia Pravda*, 5 de novembro de 2002. O professor Getty confirmou esse ponto em um e-mail.

5. O nome do Partido passou em 1952 a ser Partido Comunista da União Soviética.

6. Yenukidze, um velho revolucionário, georgiano e amigo de Stalin, ocupou durante muito tempo uma posição preeminente no Governo soviético, e nunca foi relacionado com ninguém dos grupos de oposição dos anos 20. Nesta época estava no comando da Guarda do Kremlin. Em poucos meses foi um dos primeiros a ser denunciado como membro de um plano para um “golpe de mão” contra a liderança de Stalin. Zhukov (KP, 14 de novembro de 2002) indica que isto deve ter irritado profundamente Stalin.

7. A II Parte, Capítulo 3, Artigo 9 da Constituição soviética de 1924, vigente neste momento, concedeu aos habitantes das cidades uma elevadíssima influência social; um delegado soviético por cada 25.000 votantes urbanos, e um delegado por cada 125.000 votantes do campo. Isto estava de acordo com o maior apoio do socialismo dos operários, e com o conceito marxista do estado como ditadura do proletariado.

8. Isto, de fato, não é uma lei, senão “uma decisão do Comitê Executivo, e o Conselho de Comissários Populares”, e, já que desde logo, das áreas legislativa e executiva do governo. O fato de que se chame “lei”, inclusive no âmbito acadêmico, demonstra que a maioria dos que se referem a ela nem sequer a leram. Está impresso em Tragediia Sovetskoy Derevni. Dollektivizatsiia i Raskulachivanie. Documenty i Materialy. 1927- 1939. Tomo 3. Konets 1930-1933 (Moscou: ROSSPEN, 2001), No 160, pp. 453-4, e em Sobranie zakonov i rasporiazhenii Raboche-Krest’ianskogo

Pravitel' SSSR, chast' I, 1932, pp. 583-584. Os meus agradecimentos a Rittersporn por esta última citação.

9. Para reconstruir a economia o mais rapidamente possível após a devastação da Guerra Civil e a conseguinte fome, os bolcheviques permitiram certa atividade do capital e favoreceram certos negócios privados, sempre debaixo do controle governamental. É o que se conhece como Nova Política Econômica (NEP).

10. Stalin "Informe ao XVII Congresso do Partido" 704, 705, 706, 716, 728, 733, 752, 753, 754, 756, 758.

11. Isto não é de conhecimento geral, e o seu significado é raramente compreendido. A nossa opinião sobre Stalin foi moldada por aqueles que o odiaram (McNeal 87). Stalin foi um excelente estudante no seminário de Tblisi (Geórxia) onde foi enviado pela sua mãe. Dedicando a sua vida desde a sua adolescência ao movimento revolucionário da classe operária, nunca teve oportunidades para uma educação superior, ainda que era muito inteligente e um grande leitor cujo aprendizado ia desde a filosofia até questões técnicas como a metalurgia. Os registros da época testemunham o seu profundo conhecimento de muitas áreas técnicas. Um acadêmico russo que estudou a biblioteca de Stalin dá umas cifras impressionantes: 20.000 volumes na sua casa após a guerra, muitos dos 5.500 livros doados ao Instituto de Marxismo-Leninismo estão sublinhados e apresentam anotações (Ilizarov). Roy Medvedev, que odeia a Stalin, vê-se na obrigação de admitir as consideráveis leituras de Stalin (Medvedev, Lichnaia). Muitos dos colaboradores que escolheu refletem esta mesma inclinação à

superação pessoal. Sergei Kirov, o líder do Partido em Leningrado e estreito aliado de Stalin que foi assassinado em 1934, destacou-se pelas suas amplas leituras literárias (Kirlina 175). “Quando Kirov foi assassinado, os investigadores fotografaram todo o que ajudasse a investigação, inclusive a superfície de sua mesa de trabalho. Na direita havia um manual de engenharia de Hutte, na esquerda uma fila de publicações científicas e técnicas, lendo-se no título superior “Combustível Shale”. Efetivamente, era muito vasta a rede de interesses deste trabalhador do Partido, como acontecia com Stalin”. (Mukhin Ubiystvo 625) Em 1924, Lavrenty Beria, após vários anos de trabalho revolucionário e clandestino muito perigoso, como por exemplo a infiltração em grupos violentos anticomunistas caucásicos, escreveu o seu currículo no Partido. Sua idéia de reunir méritos era mais de uma tarefa, mas não para um trabalho cômodo, como pediam a maioria parte dos “velhos bolcheviques”, senão para que se lhe permitisse voltar aos estudos de engenharia e poder contribuir à construção de uma sociedade comunista. (Beria: Konets Kar’ery, 320-325)

12. Thurston, nos Capítulos 2, 3 e 4, é o melhor resumo, nos primeiros anos 90, das provas relacionadas com os Julgamentos de Moscou. Este artigo não tratará diretamente destes julgamentos, nem do julgamento e execução do marechal Tukhachevsky e outros líderes militares em junho de 1937, ou fala das relações entre todas as conspirações antissoviéticas nesses julgamentos citados. Como deixam claro os documentos dos arquivos soviéticos, Stalin e outros dirigentes soviéticos estavam convencidos de que as conspirações existiam, e de que as acusações nos julgamentos de

Moscou, incluindo aquelas contra líderes militares, eram, ao menos na sua maior parte, justas.

13. Getty sublinha que os membros do Comitê Central se negaram a fornecer o discurso de Zhdanov, trazendo confusão ao secretário Andreev. (“Excesses” 124) Zhukov enfatiza bastante este ponto, já que Eikhe e outros Primeiros Secretários na sessão seguinte, destacando a luta contra “os inimigos”. (Inoy 345) 14. Para a Resolução, ver Zhukov, Inoy 362-3; Stalin, Zakliuchitel’noe. Como a resolução, que permanece inédita, o discurso de Stalin só menciona o tema dos “inimigos”. Stalin insiste em que há “gente muito prezada” entre os antigos trotskistas, e menciona concretamente Félix Dzerzhinsky.

15. Este volume (Genrikh Yagoda) consiste essencialmente em interrogatórios efetuados a Yagoda e ao seu círculo, e na confissão de Yagoda de participar de uma conspiração para dar um golpe contra o Governo soviético, a liderança de Trotsky nesta conspiração e, de modo geral, tudo o que confessou Yagoda no julgamento de 1938. Não há indícios que ponham em dúvida a autenticidade das confissões. Os editores do volume negam a exatidão dos fatos citados nos interrogatórios, definindo-os como “falsos”. Mais não trazem prova alguma da sua afirmação. Jansen e Petrov, P. 226 n.9, apesar de seu anti-estalinismo, citaram este volume como prova e sem nenhum comentário. Existem boas provas, ademais, de que assim foi na realidade; que estas conspirações existiram, que as confissões nos julgamentos públicos não foram forçadas, e que as principais acusações eram verdadeiras. Outro vasto volume de documentos primários

publicado em 2004 contém um grande número de informes do NKVD sobre conspirações e textos de interrogatórios (ver Lubianka). A explicação mais provável da existência deste volume de evidências é que alguma, ao menos, é certa.

16. Chamado o klubok (“enredo”) pelos investigadores do NKVD da época e pelos historiadores russos atuais.

17. Não se publicou a transcrição da reunião plenária de junho de 1937. Alguns autores afirmam que não se conservou nenhuma. Porém, Zhukov menciona extensamente algumas transcrições arquivadas não acessíveis a outros.

18. A ordem de estabelecer uma troika nas regiões do oeste siberiano de Eikhe existiu. O pedido de Eihke não se comprovou, mas deve ter existido, já que foi verbalmente ou por escrito. Vez Zhukov, “Repressii” 23, n. 60; Getty, “Excesses” 127, n. 64.

19. Getty, Excesses 131-134 comenta algumas estatísticas. Ver Orde No 00447.

20. O presente papel se reproduz em Zhukov; Inoy, 6ª ilustração.

21. Ainda em 1 de fevereiro de 1936, menos de quatro semanas antes do seu discurso secreto ao XX Congresso do Partido, Khruchev definia a Yezhov como “inocente sem nenhuma dúvida, um homem honrado”. Reabilitatsia: Kak Eto Bylo. Mart 1953-Febral’ 1956 (Moscova, 2000), p. 308.

22. A sua demissão não foi formalmente aceita até o 25 de novembro de 1938; ver Lubianka no 344 e 364.

23. Khrushchev pediu para “executar a 20.000” pessoas, Zhukov, KP 3 Dec. 02. Os comentários críticos de Yakovlev sobre as expulsões massivas de Khrushchev são citados mais acima. Eikhe foi preso em outubro de 1938, julgado, acusado, condenado e executado em fevereiro de 1940. Segundo Khrushchev, Eikhe rejeitou a sua confissão, afirmando que fora obtida através da força ou da tortura. A análise de Zhukov aponta a que o autêntico motivo da sorte de Eikhe foi o seu papel de dirigente nas execuções massivas de 1937-1938. Ver Jansen e Petrov, 91-2. O Politburo e o Plenária do Comitê Central de janeiro de 1938 começaram a atacar aos Secretários do Partido que reprimiram os membros qualificados do Partido. (Getty, Origins 187. O registro completo da investigação sobre Eikhe e o julgamento ainda estão classificados). O desejo de desviar a atenção e as culpas próprias e dos Primeiros Secretários foi um dos objetivos das mentiras contidas no seu “informe secreto”.

24. Getty (“Excesses” 132) cita evidências de que 236.000 execuções foram autorizadas por “Moscou”, querendo significar a direção estalinista, mas mais do que 160% dessa cifra, 387.000 pessoas, foram executadas por autoridades regionais.

25. No julgamento de Moscou de 1938, Yagoda confessou a sua participação na conspiração para um golpe de Estado contra o governo soviético, delatou os assassinos de Máximo Gorki e do seu filho, e outros crimes, mais negou com profundidade a acusação do fiscal de espionagem. O fato de manter-se a acusação de

espionagem um anos depois da detenção de Yagoda, demonstra, ao menos, que o Governo soviético pensou que ele poderia ter dado informação a um governo inimigo (Alemanha, Japão, Polônia). Como número um do Ministério do Interior, incluindo a polícia secreta e de fronteiras, Yagoda teve a oportunidade de causar um dano incalculável à segurança soviética no caso de dar informação a governos estrangeiros.

26. Thurston tem a melhor discussão em língua inglesa sobre isto, em *Life and Terror* 128.

27. O texto completo da resolução está em Zhukov, Stalin. Ver também a posição mais recente de Zhukov em *Tayny* 270-276, onde também se reproduz o texto.

28. Outra leitura dos arquivos sugere que os números puderam ser 6, 6 e 5. Ver Khlevniuk O., et al. eds, *Politburo TsK VKP(b) i Sovet Ministrov SSSR 1945-1953*. Moscova: ROSSPEN, 2002, 428-431.

29. Pyzhikov atribue esta tensão democrática aos Leningradenses, especialmente a Voznesensky. (Ver também o seu artigo “N.A. Voznesenski” em <http://www.akdi.ru/id/new/ek5.htm>) Isto implicaria também o apoio de Zhdanov, por mais que este apoio não se “encaixara” com a teoria de Pyzhikov sobre que as forças a prol do capitalismo -Voznesensky e os seus colegas “Leningradenses”- fossem as mais “democráticas”. Nem por que não foi aprovado o rascunho se os “Leningradenses” se mantiveram fortes até 1947. Tampouco isto indica, nem muito menos demonstra, nenhuma conexão necessária entre a

conhecida orientação capitalista e consumista de Voznesensky e a democracia política. Finalmente, não indica que Stalin não a apoiou.

30. Segundo Zhores Medvedev, o arquivo pessoal de Stalin foi destruído imediatamente depois da sua morte (Medvedev, *Sekretnyi*). A julgar por esse ato, é razoável pensar, como faz Mukhin (*Ubiystvo* 612), que algumas das suas ideias deveriam ser consideradas muito perigosas, e, entre elas, as expressas nestas duas reuniões. A minha análise vai aqui, depois continua a de Mukhin, Ch. 13 e Medvedev, *op. cit.*

31. Seguramente foi pensado como uma medida de unificação. Cada uma das Repúblicas que formavam a URSS manteve o seu próprio Partido: o Partido Comunista de Ucrânia, da Geórgia, etc. Isto levou alguns líderes do Partido a pensar que Rússia, a maior das Repúblicas, mas que não tinha nenhum Partido “seu”, estava em desvantagem. Parece ser que um dos cargos mais sérios contra os líderes do Partido julgados e executados no “Comunicado de Leningrado” durante o pós-guerra foi o de planejar constituir um Partido russo e mudar a capital da República russa (não a da URSS) a Leningrado. Possivelmente isto faria a Rússia ainda mais poderosa, exacerbando o chauvinismo russo, quando o que se necessitava nesse momento era buscar a unidade das diferentes repúblicas. Ver David Brandenberger, “Stalin, the Leningrad Affair, and the Limits of Postwar Russocentrism”, *Russian Review* 63 (2004), 241-255.

32. O posto de “Primeiro Secretário” foi criado por Khrushchev após a morte de Stalin.

33. Citado em Mukhin, Ubiystvo 617.

34. A publicação mais antiga que consultei está no jornal de esquerda Sovetskaia Rossiia do 13 de janeiro de 2000, em <http://www.kprf.ru/analytics/10828.shtml>; em inglês, em <http://www.northstarcompass.org/nsc0004/stal1952.htm>.

35. Mukhin crê que foi um grave erro. Defende que o interesse da nomenclatura era que Stalin morresse sendo ainda Secretário do Comitê Central (embora não fosse mais “Secretário Geral”) e Chefe de Estado –pode-se dizer, a menos que ele reunisse os cargos de cabeça do Partido e do país. Deste jeito, seria melhor que o seu sucessor como Secretário do Comitê Central fosse aceito pelo país e pelo governo também como Chefe de Estado. Se isto fosse assim, a tentativa de desalojar a nomenclatura do controle direto do país seria o fim. (Mukhin, Ubiystvo, 604 & Ch. 13)

36. Para as reformas de Béria, tanto levadas a cabo como só propostas, utilizei os trabalhos de Kokurin e Pozhalov, Starkov, Knight, e Mukhin, Ubiystvo. Todos os livros recentes sobre Béria citados na bibliografia abordam também este tema.

37. No seu “Discurso Secreto”, Khruchev também qualifica o “Complô dos Médicos” de fraude. Mais teve o descaramento de culpar Béria, que de fato fora quem começara a investigação, enquanto elogiava Kruglov, chefe do NKVD e responsável por este complô e a quem Khrushchev restaurou no Comitê Central, e que estava presente enquanto falava Khrushchev.

38. Há provas abundantes para sugerir que Béria foi assassinado o dia da sua detenção. O seu filho Sergo Béria, nas suas memórias, escreve que os funcionários lhe disseram que o seu pai não estava presente durante o julgamento. Mukhin afirma que Baybakov, o único membro vivo do Comitê Central de 1953, lhe disse que Béria estava morto já a altura da plenária de julho de 1953, mas os seus membros ainda não sabiam, somente (Sergo Beria; Mukhin, Ubiystvo 375). Amy Knight, p.220, relata que Khruchev declarou duas vezes que Béria fora assassinado no 26 de junho de 1953, mudando mais tarde a sua versão. Suspeita-se que os documentos do julgamento de Béria foram “roubados” do seu arquivo, mas que nem a sua existência pode ser verificada (Khinshtein 2003). Porém, alguns investigadores, como Andrei Sukhomlinov (pp. 61-2), não consideram convincentes as provas sobre o assassinato de Béria.

39. A expressão “o maior roubo da história”, é amplamente utilizada para descrever a “privatização” da riqueza criada e possuída coletivamente na URSS. Podemos ver uns cantos exemplos em: “The Russian Oligarchy: Welcome to the Real World,” The Russian Journal, 17 de marzo de 2003, em <http://www.russiajournal.com/news/cnews-article.shtml?nd=36013>; Raymond Baker, Centre for International Policy, “A Clear and Present Danger,” Australian Broadcasting Corp, 2003, em <http://www.abc.net.au/4corners/stories/s296563.htm>.

40. Desde novembro de 2005 preparo um artigo que documenta as mentiras de Khruchev no seu “Discurso Secreto”, que prevejo publicá-lo em fevereiro de 2006 quando se completam

os 50 anos do discurso de Khrushchev. (Nota: Khrushchev publicou em 2010 um livro: *Khrushchev Mentiu*, pela Erytrós Press).

41. Roy Medvedev, *Let History Judge: The Origins and Consequences of Stalinism*, menciona vários casos em que Stalin fez isto. Ver pp. 150, 507, 512, 538, 547 da edição de Knopf de 1971. Outros viram a luz desde a fim da URSS. Ver um exemplo no *Diário de Dimitrov 1933-1949*, pp. 66-67, editado e prolongado por Ivo Banac. (New Haven, CT: Yale University Press, 2003)

NOTAS ADICIONAIS

SOBRE O TRABALHO DE YURI ZHUKOV:

Até o dia de hoje só existe um só ataque acadêmico contra as teses de Zhukov, o da professora Irina V. Pavlova “1937: Vybory kak mistsifikatsiia, terror kak real ‘nost’” Voprosy Istorii 10, 2003 19-36. Pavlova é uma recalcitrante anticomunista da escola “totalitarista”, cuja hostilidade ideológica cara ao comunismo desacredita a sua investigação histórica. Como exemplo, mente sobre a investigação de Getty com a finalidade de desacreditá-lo. Pavlova escreve propaganda, não história.

O trabalho de Pavlova é anterior a publicação de Inoy Stalin, e tão só menciona os artigos de Zhukov em KP. A crítica de Pavlova apoia-se na suposição de que os julgamentos de Moscou, Tkhachesvki, etc., foram forjados, e todas as campanhas eleitorais e constitucionais uma montagem para esconder a repressão. Pavlova também afirma que, por mais que o Soviete Supremo não tinha o poder político real em 1936, as eleições tampouco lhe proporcionariam nenhum poder. Se por “poder” Pavlova entende a habilidade para acabar com a posição dominante na URSS do Partido Bolchevique e desfazer assim o socialismo, evidentemente tem razão: é indubitavelmente que Stalin não tinha nenhuma intenção de permitir uma contrarrevolução por meios constitucionais. Nem isso se permite em nenhum país de democracia burguesa. Mais se por “poder” entende capacidade para influenciar políticas estatais e exercer pressões, dentro de certos limites sobre políticas sociais específicas e sobre o mesmo Partido Bolchevique, pode-se dizer, o tipo de poder que dão as

eleições nas democracias burguesas, então seguramente estava errada.

SOBRE IURI MUKHIN, UBIYSTVO STALINA E BERIA:

Este livro de Mukhin é muito ignorado por aqueles contrários às suas conclusões, sobre a base de que faz comentários que poderiam ser considerados antissemitas. Há que se dizer que Mukhin faz comentários contrários ao antissemitismo no mesmo livro. O presente trabalho não tira nenhum dado dos parágrafos nos que poderia estar o antissemitismo. Mukhin também tem posturas excêntricas sobre alguns dos temas não relacionados com este livro. Tampouco cito nenhum desses trabalhos.

Do mesmo modo se deve fazer quando se citam acadêmicos anticomunistas: a sua ideologia anticomunista não impede que, em ocasiões, poderiam apresentar enfoques de valor. E, desde sempre, o anticomunismo está estreitamente relacionado com o antissemitismo. Não sendo nem anticomunista nem judeu, Mukhin mostra certa hostilidade contra os dois, mas tampouco se pode dizer que seja um anticomunista e antissemita convencional.

As análises de Mukhin das fontes primárias e secundárias são normalmente muito agudas, e eu faço uso delas quando o considero oportuno. Naturalmente, citar algumas análises de Mukhin com as quais concordo, não implica acreditar com as análises que não se citam. Tampouco é Mukhin responsável do uso que eu faça das suas investigações. Comprovei cada referência aportada por Mukhin e todos os acadêmicos aqui citados, no caso

de fontes primárias, só a disposição de aqueles que trabalham nos arquivos.

BIBLIOGRAFIA

Alikhanov, Sergei. “Bagazh na brichke.” Kontinent. em http://www.kontinent.org/art_view.asp?id=2020

Beria: Konets Kar’ery. Moscova: Izd. Politicheskoy Literatury, 1991.

Beria, Lavrentii. Discurso no funeral de Stalin. Em <http://leader.h1.ru/beria.htm>. Mukhin cita a versão original publicada no Komsomolskaya Pravda, No. 59, 1953, pp. 1-3 (Ubiystvo, 282).

Beria, Sergo. Moy Otets Lavrentii Beria. Orig. ed. Moscow: Sovremennik, 1994. Em <http://www.duel.ru/publish/beria/beria.html>

Bivens, Matt, and Jonas Bernstein. “Part 2: The Russia You Never Met.” Johnson’s Russia List #3068, 24 de fevereiro de 1999. Em <http://www.cdi.org/russia/johnson/3068.html>

Brandenberger, David. “Stalin, the Leningrad Affair, and the Limits of Postwar Russocentrism,” Russian Review 63 (2004), 241-255.

Constituição de 1924: em russo. Em inglês: in Rex A. Wade ed., Documents of Soviet History, vol. 3 Lenin’s Heirs 1923-1925. Gulf Breeze, FL: Academic International Press, 1995; em <http://users.cyberone.com.au/myers/ussr1924.html>

Constituição de 1936: em russo, <http://www.hist.msu.ru/ER/Etext/cnst1936.htm>. Em inglês, <http://www.departments.bucknell.edu/russian/const/1936toc.html>.

Chuev, Feliks. Molotov. Poludnerzhavniy Vlastelin. Moscow: OLMA-Press, 2000.

Dimitrov, Georgi. The Diary of Georgi Dimitrov 1933-1949, ed. & intro. Ivo Banac. New Haven, CT: Yale University Press, 2003.

Dobriukha, Nikolai. “Za Chto Lavrentiy Beria Vyshel iz Doveria.” Izvestia Nauka. 26 de fevereiro de 2004. Em <http://www.inauka.ru/history/article38205.html>.

“Fragmenty stenogramy dekabrskogo plenuma TsK VKP(b) 1936 goda”, in Voprosy Istorii No. 1, 1995, 3-22.

Genrikh IAgoda. Narkom Vnutrennikh Del SSSR. Sbornik dokumentov. Kazan’, 1997.

Getty, J. Arch. “‘Excesses are not permitted’: Mass Terror and Stalinist Governance in the Late 1930s.” The Russian Review 61 (janeiro de 2002), 113-138.

— — —, Origins of the Great Purges. The Soviet Communist Party Reconsidered, 1933-1938. London & New York: Cambridge Univ. Press, 1985.

— — — , “State and Society Under Stalin: Constitutions and Elections in the 1930s.” Slavic

REVIEW

50, 1 (Spring 1991), 18-35. Getty, J. Arch, and Oleg V. Naumov. *The Road to Terror: Stalin and the Self-Destruction of the Bolsheviks, 1932-1939*. New Haven: Yale U.P., 1999.

Ilizarov, B.C. “Stalin. Shtrikhi k portretu na fone ego biblioteki i arkhiva.” *Novaia i Noveyshaia Istoriia*, N. 3-4, 2000. Em <http://vivovoco.nns.ru/VV/PAPERS/ECCE/STALIB.HTM>.

Jansen, Mark, and Nikita Petrov, *Stalin’s Loyal Executioner: People’s Commissar Nikolai Ezhov 1895-1940*. Stanford: Stanford U.P., 2002. Em <http://www-hoover.stanford.edu/publications/books/ezhov.html>.

Khaustov, V.N, V.P. Naumov, N.C. Plotnikova, eds., *Lubianka: Stalin i Glavnoe Upravlenie Gosbezopasnosti NKVD. 1937-1938*. Moscova: “Materik”, 2004.

Khinshtein, Aleksandr. “Proshchai, Beria!” *Moskovskii Komsomolets* 9 de janeiro de 2003, em <http://nadzor.pk.ru/articles/showart.php?id=8579>; verificado com original em <http://www.mk.ru/newshop/bask.asp?artid=59319>.

Khlystalov, Eduard. “Predateli s marshal’skimi zvezdami,” *Literaturnaia Rossiia*, No. 12, 28 de março de 2003 e no 13, 4 de abril 2003. Em http://www.litrossia.ru/litrossia/viewitem?item_id=18376 e

http://www.litrossia.ru/litrossia/viewitem?item_id=18394.

Também em http://www.hrono.ru/text/2003/hly_predat.html.

O Informe Secreto de Khruchev foi publicado muitas vezes; eu utilizei a edição de Izvestiia TsK. KPSS No.3, 1989. Em <http://www.zvenigorod.ru/library/history/cccpsun/1989/3/128.htm>.

Kirilina, Alla. Neizvestnyi Kirov. StP & Moscow: “Neva”/ OLMA-Press, 2001.

Kokurin, A.I and Pozhalov, A.I. “Novyi Kurs’ L.P. Beria”, Istoricheskiy Arkhiv 4 (1996), 132-164.

Knight, Amy. Beria: Stalin’s First Lieutenant. Princeton: Princeton University Press, 1993.

Lavrentiy Beria. 1953. Stenograma iul’skogo plenuma TsK KPSS I drugie dokumenty. Eds. V. Naumov, Iu. Sigachov. Moscow: Mezhdunarodniy Fond “Demokratiia,” 1999.

Leibowitz, Clement. The Chamberlain-Hitler Deal. Edmonton: Editions Duval, 1993.

Lubianka. Stalin I VChK GPU OGPU NKVD. Ianvar’ 1922-dekabr’ 1936. Documenty. Moscova: ‘Materik’, 2003.

Lubianka. Stalin I Glavnoe Upravlenie Gosbezopasnosti NKVD 1937-1938. Moscova: ‘Materik’, 2004.

McNeal, Robert. "Trotsky's Interpretation of Stalin." *Canadian Slavonic Papers* 3 (1961), 87-97.

Medvedev, Roy. *Medvedev, Let History Judge: The Origins and Consequences of Stalinism*. New York: Knopf, 1971.

— —, "Lichnaia biblioteka 'Korifeia vsekhnauk'." *Vestnik RAN*. No. 3 (2001), 264-7. Em <http://russcience.euro.ru/biblio/med01vr.htm>.

Medvedev, Zhores. "Sekretnyy naslednik Stalina." *Ural* (Yekaterinburg). 1999, No. 7. Em http://www.art.uralinfo.ru/LITERAT/Ural/Ural_7_99/Ural_07_99_09.htm.

Mukhin, Iu. *Ubiystvo Stalina i Beria*. Moscova: Krymskii Most-9D, 2003.

Nekrasov, V.F. *Berii: Konets Kar'ery*. Moscova: Politizdat, 1991.

Nevezhin, V. A. *Zastol'nye Rechi Stalina. Dokumenty i Materialy*. [Stalin's Table Talk] Moscova: AIRO-XX; St. Petersburg: Bulanin, 2003.

O'Meara, Kelly Patricia. "Looting Russia's Free Market." *Insight*, 2002. Em http://www.findarticles.com/p/articles/mi_m1571/is_32_18/ai_91210681.

Order No. 00447: in Lubianka B , No. 151, 273-281; também em <http://www.memorial.krsk.ru/DOKUMENT/USSR/370730.htm>.

Pavlova, Irina V. “1937: vybory kak mistifikatsiia, terror kak real’nost’.” Voprosy Istorii. No. 10, 2003, pp. 19-37.

Politburo TsK VKP(b) i Sovet Ministrov SSSR 1945-1953. Ed. Khlevniuk, O., et al. Moscova: ROSSPEN, 2002.

Pyzhikov, Aleksandr. “Leningradskaia gruppа: put’ vo vlasti (1946-1949)”, Svobodnaia Mysl’ 3 (2001), 89-104.

Rossia i SSSR v voynakh XX veka. Potery vooruzhennykh sil. Statisticheskoe issledovanie. Moscova, ‘OLMA-Press’, 2001. Também em <http://www.soldat.ru/doc/casualties/book/>.

Simonov, Konstantin. Glazami cheloveka moego pokoleniia. Razmyshleniia o I.V.Staline. Moscova: Novosti, 1988.

Stalin, Joseph. “Vystuplenie I.V. Stalina na Rasshirennom Zasedanii Voennogo Soveta pri Narkome Oborony,” Istochnik 3 (1994), 72-88. Uma significativamente distinta versão em Lubianka, No. 92, 202-209.

– – -, “On the Draft of the Constitution of the USSR.” In Russian: Collected Works, vol. 14. Em <http://stalin1.boom.ru/14-21.txt>; em inglês em J.V. Stalin, Problems of Leninism. Foreign Languages Press, Peking 1976, 795-834, em <http://ptb.lashout.net/marx2mao/Stalin/SC36.html>.

— — — , The Stalin-Howard Interview. NY: International Publishers, 1936. Em <http://stalin1.boom.ru/14-2.htm> (in Russian).

— — — , Report to 17th Party Congress, 26 de janeiro de 1934. Em <http://www.geocities.com/CapitolHill/Parliament/7345/stalin/13-27.htm> (em russo); em inglês em J.V. Stalin, Problems of Leninism. Foreign Languages Press, Peking 1976, 671-765; também em <http://ptb.lashout.net/marx2mao/Stalin/SPC34.html>.

— — — , Zakluchitel'noe slovo na plenum tsentral'nogo komiteta VKP(b) 5 marta 1937 goda (stenograficheskii variant). Em <http://www.geocities.com/CapitolHill/Parliament/7345/stalin/14-9.htm>.

— — — , Zastol'nye Rechi Stalina. Dokumenty i Materialy. [Stalin's Table Talk] Moscova: AIRO-XX; St. Petersburg: Bulanin, 2003.

— — — , Rech' I.V. Stalina Na Plenum TsK KPSS 16 Oktiabria 1952 goda. (Speech at Plenum of the Central Committee of the KPSU October 16 1952). Uma publicação não oficial em <http://www.kprf.ru/analytics/10828.shtml>.

Starkov, Boris. "Sto Dney 'Lubyanskogo Marshala,'" Istochnik 4 (1993), 82-90.

Sukhomlinov, Andrei. Kto vy, Lavrentii Beria? Neizvestnye stranitsy ugolovnogogo dela. Moscova: Detektiv-Press, 2004.

Thurston, Robert W. "Fear and Belief in the USSR's 'Great Terror': Response To Arrest, 1935-1939." *Slavic Review* 45 (1986), 213-234.

— — —, "On Desk-Bound Parochialism, Commonsense Perspectives, and Lousy Evidence: A Reply to Robert Conquest." *Slavic Review* 45 (1986), 238-244.

— — —, "Social Dimensions of Stalinist Rule: Humor and Terror in the USSR, 1935-1941." *Journal of Social History* 24, No. 3 (1991) 541-562.

— — —, *Life and Terror in Stalin's Russia*. New Haven: Yale University Press, 1996.

Tragediia Sovetskoy Derevni. Kollektivizatsiia i Raskulachivanie. Documenty i Materialy. 1927-1939. Tom 3. Konets 1930-1933. Moscow: ROSSPEN, 2001.

Williamson, Anne. "The Rape of Russia." Testimony before the Committee on Banking and Financial Services of the U.S. House of Representatives, 21 de setembro de 1999. Em http://www.russians.org/williamson_testimony.htm.

Yakovlev, A.S. Tsel' Zhizni. Zapiski Aviakonstruktora. M. 1973. Chapter 20, "Moskva v oborone," <http://militera.lib.ru/memo/russian/yakovlev-as/20.html>.

Zakharov, Aleksandr. “Prigovor privedion v ispolnenie.” Krasnay Zvezda 20 de dezembro de 2003. Em http://www.redstar.ru/2003/12/20_12/6_01.html.

Zhukov, Iurii. Inoy Stalin. Politicheskie reformy v SSSR v 1933-1937 gg. Moscova: “Vagrius,” 2003.

— — —, “Iosif Stalin: diktator ili liberal?” Komsomolskaya Pravda, 3 de dezembro de 2002. Transcrição telefônica. Em <http://www.kp.ru/daily/22927/9/print/>.

— — —, “Kul’tovaia mekhanika,” Literaturnaya Gazeta No. 9, 5-11 de março de 2003. Em http://www.lgz.ru/archives/html_arch/lg092003/Polosy/art15_1.htm.

— — —, “Stalin ne nuzhdalsia v partii vlasti,” Politicheskiy Zhurnal, Arkhiv No 15 (1-26 de abril de 2004. Em <http://www.politjournal.ru/index.php?action=Articles&dirid=50&tek=1114&issue=31>.

— — —, “Repressii I Konstitutsiia SSSR 1936 goda.” Voprosy Istorii. 2002, No. 1, pp. 3-26.

— — —, Tayny Kremliia: Stalin, Molotov, Beria, Malenkov. Moscova: Terra-Knizhnyy Klub, 2000.

– – -, “Zhupel Stalina”, Komsomolskaya Pravda, November 5, 6, 12, 13, 14, 15, 19, 20, 2002. Também na internet em http://www.x-libri.ru/elib/smi_958/.

BIBLIOGRAFIA ADICIONAL PARA A PARTE SEGUNDA

Chilachava, Raul’. Syn Lavrentiia Beria rasskazyvaet Kiev: Inkopress, 1992.

Dobriukha, Nikolai. “Otsy I otchimy ‘ottepeli’.” Argumenty I Fakty, 18 de junho de 2003. Em http://www.aif.ru/online/air/1182/10_01

Koshliakov, Sergei. “Lavrentiia Beria rasstreliali zadolgo do prigovora.” Vesti Nedeli 29 de junho de 2003. Em <http://www.vesti7.ru/archive/news?id=2728>

Prudnikova, Elena. Beria. Prestupleniia, kororykh ne bylo. St. Petersburg: Neva, 2005.

Prudnikova, Elena. Stalin. Vtoroe Ubiystvo. St.Petersburg: Neva, 2003.

Pyzhikov, A. “N.A. Voznesenskii o perspektivakh poselvoennogo obnovleniia obshchestva.” Em <http://www.akdi.ru/id/new/ek5.htm>

Rubin, Nikolai. Lavrentii Beria. Mif I Rea’nost’. Moscow: Olimp; Smolensk: Rusich, 1998.

Service, Robert. Stalin. A Biography. Cambridge, MA: Belknap Press, 2004.

Smirtiukhov, Mikhail. Entrevista, Kommersant-Vlast', 8 de fevereiro de 2000. Em <http://www.nns.ru/interv/arch/2000/02/08/int977.html>

Sul'ianov, Anatolii. Beria: Arestovat' v Kreml'e. Minsk: Kharvest, 2004.

Toptygin, Aleksei. Lavrentii Beria. Moscova: Yauza, Eksmo, 2005.

APÊNDICE I

STALIN DITADOR

Pequeno trecho traduzido de um debate informal ocorrido em um grupo de discussão, entre o professor Grover Furr, dos EUA, e um professor do Reino Unido, cujo nome será mantido em sigilo.

A discussão se deu em torno do título de “ditador” que geralmente é aplicado a Stalin, e que o professor Furr, profundo estudioso do tema, rejeita veemente.

A ideia de publicar este trecho é apenas para mostrar um rascunho, os grandes movimentos ou traços principais de como este tema é abordado pelos dois lados.

Prof.: Chamar Stalin de ditador não é tanto uma afirmação sobre Stalin como pessoa, mas sim sobre o Estado sobre o qual ele governava. Havia instituições relevantes que inspecionavam o seu poder? Era possível resistir à sua vontade através de meios políticos legais? Era possível contestar publicamente suas políticas ou defender que ele não deveria manter sua posição? Eu acho que não.

Grover: Você está enganado. E isso ou porque você não estudou esta questão por si mesmo, ou então não leu alguém que tenha feito isso. Sem dúvida.

De fato, um dos maiores problemas de termos já automatizados nas mentes das pessoas como “ditador” é que eles lhes desencorajam a fazer certas perguntas, pois elas pensam –

como você próprio – que essas questões já foram resolvidas e estabelecidas por alguém há muito tempo atrás.

Mas de fato elas não foram resolvidas, de maneira nenhuma.

Em meus artigos eu tenho documentado um grande número de exemplos onde Stalin foi frustrado, não alcançou seus objetivos porque não teve votos suficientes, etc.

Eu tenho encontrado mais exemplos disso do que já publiquei em meus escritos, mas não publico todos simplesmente porque não são relevantes para os temas sobre os quais estou escrevendo.

Mas eu posso te garantir uma coisa: é “politicamente incorreto”, inaceitável para a corrente em voga de anticomunistas (e trotskistas) chegar a essa conclusão a despeito de quaisquer evidências.

“Stalin, o ditador” não é um julgamento baseado em evidência. Ao contrário, é uma afirmação de comprometimento ideológico, como a Imaculada Conceição. Evidência é irrelevante.

O historiador russo Iurii Zhukov, um dos membros da Academia Russa, disse em uma conferência alguns anos atrás (eu tenho o transcrito) que ele nunca viu nenhuma evidência de que Stalin era um ditador. Sua afirmação foi simplesmente ignorada.

Isso é um bom exemplo do que estou dizendo. “Stalin, o ditador” é um tipo de senha de respeitabilidade. Se você não

repetir estes termos, você não “faz parte do clube” e pode ser deixado no ostracismo.

Prof.: E é por essa razão que eu não tenho problemas em chamar Stalin de ditador. Não como um insulto, mas apenas como a forma que eu entendo que seu Estado operava, pelo menos a partir da década de 1930. Se Stalin não foi um ditador, então o termo não faz nenhum sentido.

Grover: Você está incorreto. Hitler certamente foi um ditador neste sentido. Stalin não foi.

Prof.: E da mesma maneira eu não chamaria Khrushchev ou Brezhnev de ditadores, pois seu poder pessoal e autoridade era consideravelmente menor, e a liderança do partido operava muito mais coletivamente e menos formalmente sob seu controle.

Grover: Isso também está incorreto. Khrushchev não agia “coletivamente”. Isso era explicitamente uma das maiores razões dadas por aqueles que o tiraram do poder (o transcrito da reunião do Comitê Central na qual ele foi removido de seu gabinete foi publicado em russo).

Prof.: Quanto a Hitler, há tal unanimidade sobre seu status de ditador que, sim, não há necessidade de reavaliar isso. Mas sempre que há pessoas – como você – que argumentam que Stalin não foi um ditador, então aqueles entre nós que discordam irão reiterar nossa visão.

Grover: Veja acima.

APÊNDICE II

STALIN

Anna Louise Strong

José Stálin ou Iosssif Vissariónovictch, nasceu no ano de 1879, em Gori, Geórgia. Após a morte de V. I. Lênin, Stálin foi o principal dirigente do Partido Comunista (Bolchevique) da União Soviética, desempenhando um papel destacado na construção do socialismo na URSS e na derrota do nazi-fascismo na II Guerra Mundial, evitando, assim, a escravidão da humanidade por Hitler e a morte de milhões de pessoas. Em 5 de março de 2003, completaram-se 50 anos da sua morte. Em homenagem a este que foi um dos maiores dirigentes do proletariado internacional, **A Verdade** publica o artigo Stálin, da jornalista norte-americana Ana Louise Strong. Faz alguns anos, quando, pela primeira vez, almocei com o presidente Roosevelt, que acabava de ter uma entrevista com H. G. Wells, me certifiquei de que o assunto que mais o interessava sobre a União Soviética era o relacionado com a personalidade de Stálin e, em particular, a técnica de governo de Stálin. Era um interesse natural, e creio que o assunto interessa à maioria dos norte-americanos. O crescente prestígio de Stálin, durante os últimos vinte anos, tanto dentro da União Soviética como além de suas fronteiras, merece, realmente, a atenção de todas as pessoas que se preocupam com a política. Apesar disso, a imprensa norte-americana dá mostras de sua total ignorância a respeito de Stálin ao referir-se, como o faz frequentemente, “ao enigmático mandatário do Kremlin”. Recorreu-se a toda espécie de pérfidas insinuações e de caricaturas tendenciosas para criar a

lenda de um ditador astuto e sanguinário, que pretendia lançar o mundo no caos e na guerra, a fim de que uma coisa que denominam de “bolchevismo” pudesse alcançar o triunfo. Essa lenda absurda está destinada a ser em breve destruída. Nasceu do fato de que a maior parte dos escritores norte-americanos não estavam dispostos a fazer um pouco de esforço para compreender a União Soviética e de que, por outro lado, o próprio Stálin se mantinha inacessível à maior parte dos jornalistas estrangeiros. Pessoas para quem se abriam as portas dos lugares mais altos do mundo e que podiam conversar amigavelmente com Winston Churchill, Adolf Hitler, Benito Mussolini, Franklin D. Roosevelt e até com Chiang Kaishek, sentiam-se profundamente irritadas ao serem negada uma entrevista com Stálin.

A verdade, porém, era que Joseph Stálin estava demasiado ocupado numa tarefa para cuja realização em nada podiam contribuir nem os contatos pessoais com estrangeiros nem a publicidade. Sua tarefa, como a de um presidente do Partido Democrata, consistia em organizar o Partido dominante e, por seu intermédio, o país inteiro. Desde que principiou a guerra germano-soviética, Stálin se converteu em chefe do exército e do governo. Agora pode receber o maior número de estrangeiros. E começou muito bem com Harry Hopkins e W. Averell Harriman. Ambos, ao que parece, ficaram vivamente impressionados. E compreendo o fato porque eu também falei com Stálin. A lenda do ditador inacessível morrerá à luz das impressões que sobre ele iam formando norte-americanos e ingleses destacados. E não seria difícil que chegássemos a ouvir falar de Stálin como sendo o “maior

democrata do mundo”, segundo o qualificou, em certa ocasião, um escritor soviético.

Quando falei com Stálin não achei que fosse um homem enigmático. Pareceu-me uma pessoa com quem é muito fácil manter contato. É o melhor presidente de comitê que conheci em toda a minha vida. Possui o dom de dar a conhecer os pontos de vista de cada um e saber combiná-los num mínimo de tempo. Seu método de dirigir um comitê faz-me lembrar Jane Addams, de Hull House, ou Lilian D. Wald, de Henry Street Settlement. Possuíam a mesma técnica eficaz e democrática, conquanto recorressem a uma pressão maior que Stálin.

Ainda que tenha sido inabordável pelos estrangeiros com raras exceções isto não significa que vivesse isolado, numa espécie de torre de marfim do Kremlin. Cerca de duzentos milhões de pessoas o mantinham ocupado. Com muitas se entrevistava. Nem sempre eram elementos do Partido. Uma camponesa que tivesse superado o recorde na ordenha; um homem de ciência que tivesse desintegrado o átomo; um aviador que tivesse voado até a América; um mineiro que tivesse inventado um novo processo de trabalho; um operário que enfrentasse um problema do alojamento; um engenheiro com dificuldades nascidas de uma nova situação; toda pessoa que representasse um triunfo notável ou um problema típico podia ser convidada a trocar impressões com Stálin. Dessa maneira, obtinha informações e mantinha-se em contato com o ritmo do país.

Como conheci Stálin

Essa foi a causa (de que só tive conhecimento posteriormente) de minha entrevista com Stálin. Durante cerca de dez anos havia-me interessado pela URSS e havia feito esforços para triunfar ali; de dois anos para trás, eu havia organizado e vinha editando um pequeno semanário destinado aos outros norte-americanos que trabalhavam no país, colaborando no primeiro Plano Quinquenal. Encontrava-me a ponto de abandonar a empresa, por causa da censura, dos entraves burocráticos e devido ao aparecimento de outro semanário rival. O diretor de meu semanário praticamente fazia uma chantagem comigo, pois ameaçava destruir minha reputação caso eu renunciasse.

Um amigo russo aconselhou-me então que me queixasse a Stálin. Assim o fiz. Três dias depois recebi um chamado de seu escritório sugerindo-me que passasse lá para falar com alguns “camaradas responsáveis”. O convite tinha um caráter tão protocolar que me senti tentada a recusar, pois o meu diretor já se havia resolvido a aceitar minha renúncia e eu tinha dado por terminado o assunto. Pensei, no entanto, que, depois de haver enviado a carta, devia comparecer à entrevista, quando mais não fosse, por motivos de cortesia.

Esperava encontrar-me com algum funcionário, mais ou menos importante, no escritório do Partido, e senti-me aniquilada quando o carro se encaminhou diretamente para o Kremlin e, sobretudo, quando ao entrar num amplo salão de conferências não só me encontrei com Stálin, que se pôs de pé para saudar-me, mas, também, com Kaganovich e Voroshilov. A reunião pareceu-me extraordinariamente desproporcionada para a importância do

assunto, mas, depois, compreendi que não era meu pequeno problema pessoal que lhes interessava. Eu era um dos milhares de norte-americanos que começavam a preocupá-los. Tínhamos ido à União Soviética para trabalhar em suas indústrias; éramos bastante honrados e capazes, mas não progredíamos. Stálin desejava saber por que não nos ajustávamos às necessidades da indústria soviética. Ao investigar minhas dificuldades, poderia averiguar a razão de nosso êxito na terra soviética, embora mais freqüentemente nos sucedesse o contrário. Mas se ele, por meu intermédio, aprendeu alguma coisa a respeito dos norte-americanos, eu dele aprendi alguma coisa igualmente importante: qual é o processo de integração da União Soviética e como trabalha Stálin.

Minha primeira impressão sobre ele foi vagamente desfavorável. Um homem robusto, vestido com um simples uniforme cáqui, franco, modesto, cuja primeira preocupação foi a de saber se eu entendia o russo suficientemente para tomar parte de uma discussão. Achei que não possuía a imponência de um grande homem. Sentamo-nos então de maneira tão pouco protocolar que Stálin nem sequer se instalou à cabeceira da mesa, que foi ocupada por Voroshilov. Stálin tomou lugar num assento de onde podia ver os rostos de todos nós. Iniciou a conversa fazendo uma pergunta direta ao homem de quem me havia queixado e imediatamente se colocou numa espécie de segundo plano, ouvindo os comentários dos demais. Subitamente, manifestaram-se o engenho brilhante de Kaganovich, as risadinhas alegres de Voroshilov e as características das pessoas de menor categoria que foram consultadas. Principiei a entendê-los melhor e sentir-me

atraída para eles, inclusive o diretor de quem me havia queixado. Inesperadamente, surpreendi-me falando e expressando meus pontos de vista com maior rapidez e clareza do que nunca. Os que me escutavam pareciam estar de acordo. E, assim, chegamos sem tropeços ao miolo da questão, tendo Stálin falado menos que todos os presentes na reunião.

Depois, examinando mentalmente a entrevista, compreendi que a habilidade de Stálin para escutar nos havia ajudado a todos nos expressarmos e compreendermos melhor. Freqüentemente, fez-me repetir algumas de minhas palavras, dando-lhe uma entonação interrogativa ou uma ligeira ênfase. Isso fazia-me sentir que eu não havia compreendido bem algum ponto, ou que o havia exagerado e, assim, induzia-me a ser mais explícita. Com os demais, havia procedido da mesma forma. Compreendi, então, que sua maneira de escutar possuía um força dinâmica.

O hábito de escutar de Stálin data dos primeiros dias de sua carreira revolucionária. “Lembro-me disso perfeitamente, desde os primeiros tempos do nosso Partido” declarou-me um bolchevique veterano. “Era um jovem silencioso, que não se sentava ao centro do comitê, que falava pouco, mas escutava muito. Ao terminarem as discussões, fazia breves comentários e, às vezes, formulava apenas algumas perguntas. Gradualmente, começamos a compreender que ele fazia sempre o melhor resumo de nossos pensamentos”.

Todo aquele que conhecer Stálin reconhecerá que essa opinião é exata. Em qualquer grupo, geralmente, é o último a expressar sua opinião. Procura não impedir a livre e completa

expressão dos demais, como poderia fazer facilmente, falando em primeiro lugar. Além disso, aprende escutando: “É capaz de escutar até como cresce a erva” disse-me um cidadão soviético.

O homem de aço

Com as informações assim obtidas, Stálin chega a conclusões, não “através da solidão da noite”, segundo afirma Emil Ludwig a respeito de Mussolini, mas conferenciando e discutindo. Nas entrevistas, raramente recebe o visitante sem estar acompanhado de algum auxiliar; quase sempre estão presentes Molotov, Voroshilov e Kaganovich. É possível até que não conceda uma entrevista sem antes discutir o assunto dela com seus camaradas mais íntimos. É um hábito adquirido há muito tempo. Nos dias do movimento revolucionário subterrâneo, acostumou-se ao trabalho de estreita cooperação com camaradas que tinham em suas mãos as vidas alheias. Para sobreviver, era necessário que aprendessem a porem-se todos de acordo rapidamente, chegando até a adivinhar os pensamentos à distância. Foi entre esse grupo que conquistou seu nome atual: Stálin (“o homem de aço”).

O povo soviético tem uma forma de expressar a característica de Stálin, a qual pode parecer estranha aos norte-americanos. Diz-se que “Stálin não pensa individualmente”. Mas estas palavras têm um supremo sentido elogioso. Isso quer dizer que Stálin não só pensa com o seu próprio cérebro, mas também com os cérebros da Academia de Ciências, dos chefes das indústrias, da Confederação dos Sindicatos, dos dirigentes do Partido. Assim é que pensam os homens de ciência e também os bons sindicalistas. Não pensam “individualmente”; não se apegam às conclusões de

um só cérebro. É esse um processo extraordinariamente útil, pois hoje em dia não existe cérebro humano com poder capaz de resolver os complexos problemas do mundo. Somente será possível encaminhar esses problemas atuais mediante o trabalho conjunto de muitos cérebros, não em conflito, mas em estreita cooperação.

O próprio Stálin fez essa afirmação por vinte vezes, a diversas pessoas que o entrevistaram. Quando Emil Ludwig e, posteriormente, Roy Howard, quiseram saber “como chegava às suas conclusões o grande ditador”, Stálin disse-lhes: “As pessoas, isoladamente, não podem decidir. A experiência tem-nos ensinado que as decisões individuais, que não são controladas por ninguém mais, contém uma grande percentagem de erro”.

Os habitantes da URSS não se referem nunca “à vontade de Stálin”, nem “às ordens de Stálin”; falam das “ordens do governo” e da “linha do Partido”, que são resoluções tomadas coletivamente. Mas falam com muita freqüência do “método de Stálin” como sendo uma coisa que todos devem aprender. É o método de obter resoluções rápidas com o auxílio de muitas pessoas, o método do bom trabalho de comitê. Na União Soviética, os jovens de talento, que se sentem inclinados para a política, estudam cuidadosamente esse método.

Poucos dias depois daquela conferência pude compreender melhor esse método. Minha impressão era a de que Stálin, Voroshilov, Kaganovich e os demais haviam concordado numa determinada linha de ação. Mas o tempo transcorria sem que viesse uma solução. A conferência chegou a parecer-me quase um

sonho. Transmiti minhas preocupações a um conhecido meu, que era russo, e este riu-se de mim: “É assim a nossa terrível democracia, disse-me. É possível que seu caso já esteja realmente resolvido. Mas, tecnicamente, deve ser aprovado por todos os membros do Birô Político, alguns dos quais estão no Cáucaso e outros em Leningrado. De acordo com a rotina, o seu caso será aprovado juntamente com outras resoluções. É esse o nosso modo de proceder costumeiro, pois qualquer dos membros do Birô poderá desejar acrescentar ou modificar algumas dessas resoluções”.

Stálin contribui largamente para essas decisões conjuntas. As pessoas que o conhecem admiram nele, antes de mais nada, sua franqueza e simplicidade, assim como sua presteza em abordar os problemas. Posteriormente apercebem-se de sua clarividência e objetividade na análise dos assuntos. Não existe nele nada da histeria emotiva de Hitler nem da egolatria jactanciosa de Mussolini. Não faz nenhum esforço para fazer sentir o seu domínio. Gradualmente, a pessoa apercebe-se de sua penetrante capacidade de análise de seus colossais conhecimentos, de seu domínio sobre a política mundial, de seu desejo de enfrentar os fatos e, especialmente, de sua visão perspectiva, que situa o problema dentro da história, julgando não só seus fatores imediatos, como, também, seu passado e seu futuro.

A ascensão de Stálin ao poder realizou-se lentamente. Principiou muitos anos atrás com seu estudo de história e, particularmente, de história das revoluções. O presidente Roosevelt, em nossa palestra, comentou com surpresa o profundo

conhecimento de Stálin sobre a revolução de Cromwell, que foi posto em foco em sua conversa com H. G. Wells. É que, na realidade, Stálin estudou a história das revoluções da Inglaterra e dos Estados Unidos muito mais a fundo do que costumam fazê-lo os políticos ingleses e norte-americanos. A Rússia czarista caminhava para a Revolução. Stálin tinha a intenção de participar dela e ajudar a dar-lhe forma. Transformou-se num autêntico homem de ciência quanto ao conhecimento do processo histórico segundo o ponto de vista marxista: como vivem as massas do povo; como se desenvolvem a técnica industrial e as relações sociais; como surgem e lutam as classes sociais; como alcançam êxito etc. Stálin analisou e comparou todas as revoluções do passado. E, além de tudo isso, além de ser um homem de ciência, é, também, um homem de ação.

A arte de ser dirigente Nos primeiros dias da Revolução o nome de Stálin era pouco conhecido fora dos círculos do Partido. Em 1923, durante a última enfermidade de Lênin, vários homens cujas opiniões me mereciam confiança disseram-me que Stálin “era o homem do futuro”. Baseavam seu parecer no agudo conhecimento que Stálin possuía das forças políticas e no seu trato contínuo dos problemas de organização política na qualidade de secretário do Partido Comunista. Baseavam-se também na sua capacidade para atuar rapidamente, no momento oportuno, e diziam que, até então, no decurso da Revolução, nunca se havia equivocado. Diziam que era homem a quem recorriam os membros responsáveis do Partido, sempre que desejavam uma formulação clara e sintética do que todos eles pensavam. Naqueles dias, Trotsky zombava de Stálin, chamando-o de “mediocre típico”. E até certo ponto isso era uma verdade. Stálin mantinha-se em contato

estreito com o “homem médio”, pois este constitui a matéria-prima da política.

“A arte de ser dirigente disse Stálin em certa ocasião é um problema muito sério. O chefe não pode ficar atrás do movimento porque isto significaria isolar-se das massas. Também não pode avançar com demasiada rapidez, porque isso equivaleria ao contato com as massas”. Com estas palavras estava apontando a seus camaradas a maneira de tornarem-se líderes e ao mesmo tempo expressava o seu próprio ideal, que tem posto em prática de forma efetiva.

Há cerca de vinte anos, durante a guerra civil na Rússia, em mais de uma ocasião o instinto de Stálin para captar os sentimentos das grandes massas ajudou os exércitos soviéticos a obter a vitória. Um dos exemplos mais conhecidos desse fato foi a disputa entre Stálin e Trotsky a respeito de um avanço através do Cáucaso do Norte. Trotsky desejava seguir a rota militar mais curta. Stálin fez notar que essa rota atravessava as zonas hostis ocupada pelos cossacos, o que, em última análise, redundava em ser mais longa e mais sangrenta. E escolheu um caminho indireto, através de cidades que contavam com um elevado número de trabalhadores e nas quais o povo ajudou os exércitos vermelhos, ao invés de lhes fazer oposição. Esse contraste é típico e, de então para cá, tem sido ilustrado por vinte anos de história. Stálin está em seu elemento, manejando as forças sociais, como o demonstra o seu recente apelo a uma “guerra popular” na retaguarda dos exércitos alemães. Sabe como despertar a terrível força de um povo enfurecido, como organizá-lo e como conduzi-lo de acordo com os desejos populares.

O mundo começou a ouvir falar de Stálin por ocasião das discussões que precederam o primeiro Plano Quinquenal. Os trabalhadores russos não pertencentes ao Partido Comunista começaram a ver em Stálin um chefe durante o primeiro período da espetacular expansão da indústria soviética. Em março de 1930, pela primeira vez, alcançou o papel de líder entre os camponeses, graças ao seu famoso artigo A vertigem do êxito, com o qual pôs um ponto final nos abusos que estavam ocorrendo na coletivização rural.

A democracia proletária

O grande dia de Stálin, quando se revelou o líder de todo o povo soviético, foi ao apresentar o novo Código Político do Estado Socialista, como presidente da Comissão de Constituição. Haviam sido fornecidas instruções a uma comissão de 31 pessoas historiadores, economistas e políticos mais destacados do país para redigirem “a Constituição mais democrática do mundo”, com a maquinaria mais eficiente idealizada até agora para expressar a “vontade do povo”. Trabalharam um ano e meio, estudando detalhadamente todas as constituições existentes no mundo, não só as dos governos, mas também as dos sindicatos e agrupamentos formados voluntariamente. O projeto que prepararam foi discutido, durante vários meses, por todo o povo soviético, em mais de meio milhão de reuniões, a que corresponderam 36,5 milhões de pessoas. Como resultado das discussões populares, chegaram às mãos da Comissão de Constituição 154 mil sugestões de emendas. Sabe-se que o próprio Stálin leu vários milhares dessas cartas enviadas pelo povo.

Quando Stálin apresentou seu parecer perante o Congresso dos Sovietes, havia duas mil pessoas no Salão Branco do Kremlin. Num plano mais baixo que meu assento no camarote dos jornalistas estendia-se a platéia abarrotada de deputados ao Congresso; nos camarotes laterais, achava-se o corpo diplomático; atrás, na ampla galeria, havia grande número de cidadãos notáveis, especialmente convidados para o ato. Fora do recinto, dezenas de milhões de pessoas escutavam pelo rádio, tanto nos campos algodoeiros do sul da Ásia Central quanto nas estações de pesquisa das costas do Ártico. Era um momento decisivo na história soviética. Mas as palavras de Stálin foram simples, diretas, tão despidas de formalidade como se estivesse palestrando com alguns amigos junto à lareira. Explicou o significado da constituição, examinou as emendas sugeridas, fazendo uma ligeira discussão das mais importantes.

Dentre mais de uma dúzia das emendas que Stálin discutiu pessoalmente, apoiou as que facilitavam a expressão democrática, repelindo aquelas que poderiam entorpecê-la. Não faltaram, por exemplo, aqueles que achavam que as diferentes repúblicas não poderiam ter o direito de separar-se da união. Stálin afirmou que, muito embora não fosse provável que quisessem separar-se, seu direito a fazê-lo deveria estar garantido pela Constituição, como uma afirmação democrática. Um número considerável de pessoas desejava negar direitos políticos aos sacerdotes, temendo que influíssem indevidamente na política. “É chegado o momento de implantar o sufrágio universal sem limitações” replicou Stálin, sustentando que o povo soviético já havia alcançado o grau de maturidade necessária para saber o que queria.

Uma frase significativa do discurso de Stálin é, nesses momentos, de mais importância para nós que as formas constitucionais e, até mesmo, do que seu funcionamento. Terminou seu discurso com uma referência inequívoca à crescente ameaça nazista na Europa. Falando a 25 de novembro de 1936, antes que qualquer governo europeu enfrentasse o hitlerismo seriamente, Stálin declarou que a nova Constituição Soviética representava “uma condenação ao fascismo e uma afirmação de que o socialismo e a democracia são invencíveis”.

Nos anos que seguiram ao Congresso Constituinte, a personalidade de Stálin começou a ser amplamente conhecida. Seu retrato e suas frases alcançaram tal difusão na União Soviética que houve muitos estrangeiros que viram nesse fato uma “idolatria” forçada e insincera. A maior parte das pessoas que conheci na URSS sente realmente uma grande devoção por Stálin, pelo homem que construiu o regime que conduziu o país ao êxito. Conheci pessoas que mudaram temporariamente sua residência, em vésperas de dias de eleições, a fim de ter a oportunidade de votar diretamente em Stálin, no distrito em que era candidato, em lugar de fazê-lo em favor do outro, menos brilhante, de seu próprio distrito.

É impossível desvendar a vida íntima de Stálin, principalmente através de suas relações com as personalidades eminentes que o têm ajudado a forjar a história soviética. Valery Chkalov, o brilhante aviador que fez o primeiro vôo de Moscou aos Estados Unidos, passando pelo Pólo Norte, descreveu uma visita que fez a Stálin em sua casa de verão, onde estive das quatro da tarde à meia-noite. Stálin cantou muitas canções do Volga, tocou discos de gramofone

para que os jovens dançassem, tendo se comportado como um ser humano normal, que descansa no seio da família.

As três mulheres aviadoras, que superaram todos os recordes mundiais femininos com seu vôo espetacular de Moscou ao Extremo Oriente, foram também honradas com uma reunião noturna realizada no Kremlin. Uma delas, Raskova, contou depois que Stálin havia gracejado com ela acerca da época pré-histórica da matrimônio, quando as mulheres governavam a sociedade humana. Disse que, nos primeiros dias do desenvolvimento da humanidade, as mulheres haviam transformado a agricultura na estrutura básica da sociedade e do progresso, dedicando-se os homens exclusivamente à caça e à guerra. E, depois de referir-se aos séculos subsequentes de escravidão feminina, Stálin acrescentou: “Agora, estas três moças estão vingando os longos séculos de escravidão da mulher”.

Creio, porém, que o melhor incidente é o que se relaciona com Maria Demchenko, porque revela o pensamento de Stálin a respeito dos dirigentes e de como se formam. Maria era uma camponesa que concorreu a um congresso agrícola em Moscou e fez um juramento pessoal a Stálin, que se achava sentado num palanque, de que nesse ano sua brigada feminina haveria de produzir vinte toneladas de beterraba por acre de terra. Foi uma promessa impressionante, pois o rendimento médio, na Ucrânia, andava em cerca de cinco toneladas. A promessa de Maria deu lugar, entre os cultivadores de beterraba ucranianos, a uma séria competição que teve ampla divulgação na imprensa soviética. Todo o país acompanhou com entusiasmo a luta de Maria contra uma

peste na beterraba e os esforços dos bombeiros locais para combater a seca, tendo que levar vinte mil caçambas de água para o campo. Todos souberam que esse grupo de mulheres teve que limpar os campos de ervas daninhas nove vezes, e oito de insetos. Finalmente, Maria colheu vinte e uma toneladas por acre, enquanto que a melhor de suas concorrentes obteve treze.

Essa colheita constituiu um acontecimento nacional. Maria e seu grupo foram a Moscou fazer uma visita a Stálin, durante a festa do outono. Os periódicos deram-lhes as honras de estrelas de cinema, publicando suas entrevistas em lugar preeminente. Stálin perguntou a Maria sobre o que desejava como recompensa ao seu próprio recorde e por haver despertado o entusiasmo dos demais cultivadores de beterraba. Maria respondeu que a coisa que mais desejava era ter ido a Moscou para conhecer “os dirigentes”. “Mas os dirigentes são vocês mesmos” disse Stálin a Maria. “Não há dúvida respondeu Maria, mas de qualquer forma desejávamos vê-lo.”

Seu maior desejo, que foi realizado, era estudar numa Escola de Agricultura.

“Para frente, para a vitória”

Quando a Alemanha lançou seus exércitos contra a União Soviética, muitos estrangeiros surpreenderam-se de que Stálin não tivesse pronunciado imediatamente um discurso para levantar o ânimo do povo. Alguns de nossos periódicos mais “marrons” lançaram a suposição de que Stálin havia fugido. Os habitantes da União Soviética sabiam que Stálin confiava em que eles cumpririam

com seu dever e que faria um resumo da situação, tão logo esta estivesse definida. E ele o fez, de fato, pelo rádio, na madrugada de 3 de julho.

As palavras com que principiou foram muito significativas: “Camaradas! Cidadãos! disse ele, como o tem feito com frequência. Em seguida acrescentou: “Irmãos e Irmãs!”. Pela primeira vez Stálin usava em público essas cálidas palavras familiares. Para todos que o escutavam, isso queria dizer que a situação era muito séria; que precisavam estar unidos para fazer frente à prova final e que, mais do que nunca, deveriam aproximar-se e amar-se uns aos outros; queria dizer que Stálin o estreitava em seus braços, vigorizando-os para a tarefa que tinham pela frente. Essa tarefa consistia em suportar com seus próprios recursos o peso do ataque mais tremendo que conhece a História, resistir a ele, dominando-o, salvar o mundo. Todos sabiam que era necessário fazê-lo, e Stálin sabia que o fariam.

Stálin explicou, com perfeita clareza, que o perigo era grave, que os exércitos alemães se haviam apoderado da maior parte dos países bálticos, que a luta seria incrivelmente custosa e que, nesse momento, estava em jogo a alternativa entre liberdade ou escravidão, vida ou morte para o regime soviético. Disse-lhes textualmente: “O inimigo é cruel e implacável. Quer apoderar-se de nossas terras, regadas com nosso suor, para transformar nossos povos em escravos dos príncipes e barões germânicos”. Apelou para a “valente iniciativa e inteligência que são peculiares ao nosso povo” que ele, durante mais de vinte anos, havia ajudado a criar. Traçou, com alguns detalhes, o áspero caminho que todos

deveriam seguir, cada um em seu próprio campo de ação, e disse que os russos encontrariam aliados entre todos os povos do mundo amantes da liberdade. Terminando, concitou-os a marchar “para a frente, para a vitória!”.

Enviando informações de Moscou sobre os acontecimentos ocorridos na madrugada em que Stálin pronunciou seu discurso, Erskine Caldwell referiu-se às imensas multidões que enchiam as praças públicas da cidade, atentas aos alto-falantes e que “continham a respiração, num silêncio tão profundo, que era possível escutar todas as inflexões da voz de Stálin”. Em duas ocasiões, durante o discurso, pôde-se ouvir até o cair da água num copo, ao fazer Stálin uma pausa para beber. O absoluto silêncio continuou durante vários minutos depois que Stálin havia terminado. Então, uma mulher disse: “Trabalha tanto, que não tem tempo para dormir. Preocupa-me a sua saúde”. É dessa forma que Stálin conduz o povo soviético para enfrentar a prova terrível da guerra.

*Publicado em **A Verdade** nº 37*

APÊNDICE III

STALIN E O “CULTO À PERSONALIDADE” – O QUE HÁ DE VERDADE?

William Bill Bland

Agosto de 1930:

“Você fala de sua “devoção” por mim. Talvez esta seja uma expressão que pronunciou acidentalmente. Talvez ... Mas se não for uma expressão casual, te aconselho a descartar o “princípio” de devoção pelas pessoas. Não é o estilo bolchevique. Seja devoto da classe operária, do Partido, do Estado. Isso é algo bom e útil. Mas não confunda isso com a devoção das pessoas, esse enfeite vaidoso e inútil dos intelectuais sem caráter.” (Stalin em “Letter to Comrade Shatunovsky.” Works, Volume 13, Moscou, 1955, pág. 20).

16 de Fevereiro de 1938:

“Sou totalmente contrário à publicação de histórias da infância de Stalin [...] O livro está repleto de inexactidão nos fatos, de alterações, de exageros e de imerecidos elogios [...] Mas ... a questão é que o livro tende a gravar na mente das crianças soviéticas (e do povo em geral) o culto à personalidade dos líderes, alguns infalíveis heróis. Isso é perigoso e prejudicial. A teoria dos “heróis” e da “multidão” não é uma teoria bolchevique, mas social-revolucionária [...] Sugiro que queimemos este livro.” (Stalin, em Letter on Publications for Children Directed to the Central Committee of the All Union Communist Youth, idem, pág. 237).

Em dezembro de 1934 Stalin se nega a permitir uma exposição para honrar o seu 55^o aniversário:

“[...] Uma carta da Sociedade de Veteranos Bolcheviques de Toda a União, em que se propunha levar a cabo uma campanha de propaganda dedicada a seu 55^o aniversário, escreveu a seguinte resolução: “Sou contra, uma vez que estas iniciativas levariam à consolidação de um “culto à personalidade”, o que é prejudicial e incompatível com o espírito do nosso Partido”. (Rogovin, 1937, cap. 41, citado em Voprosy Istorri KPSS. N.º 3, 1990, pág. 104.)

Stalin critica o dramaturgo Afinogenov por usar o termo “Vozhd” (líder) para se dirigir a ele:

Depois de ler, em 1933, o manuscrito da obra A Mentira de A. N. Afinogenov, Stalin dirigiu uma extensa carta ao dramaturgo. Na posdata escreveu:

“P.D. O que você diz sobre ‘o líder’ (vozhd) não é útil. É algo ruim e, se me permitir, indecente. Não é uma questão de ‘líder’, mas de uma direção coletiva – o Comitê Central do Partido. I. St. [Aline]”. De que falava Stalin? Um dos protagonistas da obra, o assistente Comissário Riadovoy, enquanto discutia com o antigo opositor Nakatov, disse com sentimento: “Falo do nosso Comité Central ... Falo do líder que nos guia, que arrancou a máscara de muitos líderes que, apesar de a sua preparação e ilimitadas possibilidades, se mostram agora impotentes. Falo da pessoa cuja força reside na confiança de granito de centenas de milhões de pessoas. Seu nome na língua dos homens do mundo só como o símbolo da força da causa Bolchevique. E este líder é invencível “.

Stálin editou e corrigiu esta diatribe com a sua própria mão, fazendo esta mudança essencial: «Falo do nosso Comitê Central que nos guia, que arrancou a máscara de muitos líderes que, apesar de a sua preparação e ilimitadas possibilidades, se mostram agora impotentes. Falo do Comitê Central do partido dos comunistas da terra dos Soviets, cuja força reside na confiança de granito de centenas de milhões de pessoas. A sua bandeira na língua dos homens do mundo só como o símbolo da força da causa Bolchevique. E está liderança coletiva é invencível.

Em 27 de janeiro de 1937, depois de ver o filme “O Grande Cidadão” [Velikiy Grazhdanin] (o argumento deste filme do diretor F.M. Ermelo assemelha-se à história do assassinato de S.M. Kirov), Stalin escreve uma carta a B. Z. Shumiatskii, responsável administrativo da cinematografia soviética, em que ele dá a seguinte diretriz, concreta e bem conhecida:

“Você deve excluir qualquer menção a Stalin. Deverá substituí-la por C.C. do Partido.” (Surovaia drama naroda. Uchenye e publitsisty o prirode stalinizma. segurar. IU. P. Senokosov. Moscou: Politizdat, 1989).

Em 1936 publicou um esboço biográfico da vida de Serge Ordzhonikidze compilado por M. D. Orakhelashvili. Stalin leu o livro e fez muitas anotações em suas páginas. No esboço, por exemplo, a crise de julho de 1917 relata assim: “Nesta difícil fase para o proletariado, quando muitos hesitaram diante do perigo que se aproximava, o camarada Stalin manteve-se firme no posto de líder do CC e do Partido em Petrogrado. [Lenin estava na clandestinidade-L.M.]. O camarada Ordzhonikidze estava

constantemente com ele, dirigindo uma enérgica e incondicional luta pelos slogans leninistas do Partido. “(Íbid., pág. 33). Stalin disse essas palavras, e na margem da folha escreveu em lápis vermelho: “E o que acontece do CC? E com o Partido? “Em outra passagem, o VI Congresso do POSDR (Verão de 1917) discutia sobre como Lenin, na clandestinidade em Razliv,” deu orientações sobre as questões a tratar na agenda do Congresso. Para receber as diretrizes de Lênin, o camarada Ordzhonikidze, por ordem de Stalin, foi duas vezes à cabana de Lenin “. Stalin coloca de novo essa pergunta: “E o CC, onde está?”. (L. Maksimenkov, em Al’manakh ‘Vostok’, 12 de dezembro de 2004. Também em Iulia Ivanova, *The Dreaming Doors*).

Em 14 de fevereiro de 1956, Nikita Krushev, então primeiro secretário do Comitê Central do Partido Comunista da União Soviética, publicou um obscuro e enviesado ataque contra Stalin no XX Congresso do Partido: “É de suma importância para restaurar e reforçar por todos os meios possíveis o princípio leninista da liderança coletiva. O Comitê Central condena veementemente o culto individual, alheio ao espírito do marxismo-leninismo”. (NS Krushev:Relatório para o Comitê Central, 20 o Congresso do PCUS , Fevereiro de 1956, Londres 1956, p. 80-81).

Em seu “discurso secreto” no mesmo Congresso em 25 de Fevereiro (que vazou para o Ministério dos Negócios Estrangeiros dos EUA, mas não foi publicado na União Soviética), Krushev atacava Stalin mais abertamente ainda, afirmando que “o culto do indivíduo adquiriu um tamanho monstruoso, principalmente porque o próprio Stalin, utilizando-se de todos os métodos

possíveis, apoiou a glorificação de sua própria pessoa” (Russian Institute, da Universidade Columbia (Ed.): A Campanha Anti-Stalin e o Comunismo Internacional, New York, 1956, p 69).

Muitos anticomunistas e anti-stalinistas têm escrito extensivamente sobre o “culto da personalidade”, espalhando sempre os mesmos rumores e opiniões não fundáveis como se fossem fatos comprovados. No entanto, várias testemunhas atestam a simplicidade e a modéstia de Stalin.

Assim, podemos observar várias testemunhas oculares de todas as ideologias políticas, que não tinham qualquer razão para mentir.

Vamos começar com as declarações de testemunhas neutra e hostis sobre a pessoa de Stalin:

O diplomata americano Joseph Davis, destacou com bastante propriedade o jeito simples e amável de Stalin: “Fiquei um pouco espantado quando vi o Sr. Stalin entrando sozinho no escritório. Seu comportamento é amável e sua vida, despreocupadamente simples. Saudou-me cordialmente com um sorriso e com grande simplicidade, mas também com autêntica dignidade. Seus olhos castanhos transmitem um olhar profundamente amável e tranquilo. Certamente uma criança gostaria de sentar em seu colo e um cachorro ficaria muito à vontade esgueirando-se nele” (Joseph E. Davis em “Missão em Moscou”, Londres, 1940, p. 222, 230).

Isaac Don Levine escreve em sua biografia hostil de Stalin: “Stalin não procura honras. Aborrece-lhe os elogios exagerados. É contrário a todo tipo de exibição pública. Poderia levar no peito todas as honrarias pessoais de um grande Estado. No entanto, prefere permanecer em um segundo plano”. (Levine JD: Stalin: Uma Biografia, de Londres 1931, p. 248-49)

Outro crítico hostil, Louis Fischer, assinala a capacidade de ouvir de Stalin:

“Stalin (...) é uma fonte de inspiração para o Partido por sua grande determinação e calma. Indivíduos em contato com ele admiravam sua capacidade de ouvir e sua habilidade para melhorar as sugestões e propostas de subordinados altamente inteligentes” (L. Fischer: Artigo publicado em *The Nation*, Volume 137, em 09 de agosto de 1933, p. 154).

Eugene Lyons, em sua biografia, intitulada *Stalin, o Czar de Todas as Russias*, descreve a vida simples de Stalin: “Stalin vivia em um apartamento de três quartos modestos. Na sua vida diária os seus gostos sempre foram simples – quase até ao extremo do rigor. Mesmo aqueles que o odiavam com um ódio desesperado e o atribuíram crueldades sádicas, nunca o acusaram de excessos em sua vida privada. Os que medem o ‘sucesso’ pelos milhões de dólares, iates e os amantes acham difícil entender como os poderosos podem encontrar prazer na austeridade. Não havia nada remotamente parecido com a atitude de um ogro na aparência ou no comportamento, nada de teatral em suas maneiras. Um homem simpático, sério e maduro – disposto a ser amigável com o primeiro estrangeiro que havia admitido sua presença nos últimos anos. ‘É

uma pessoa agradável, de qualquer ponto de vista’, me recordo de pensar enquanto estávamos ali sentados e esse pensamento me causava grande admiração”. (E. Lyons: Stalin, o Czar de todas as Russias, Filadélfia, 1940, p. 196, 200).

Lyons perguntou a Stalin:

– “Você é um ditador”?

Stalin sorriu, dando a entender que a pergunta era absurda.

– “Não”, disse lentamente... – “Eu não sou um ditador”. Aqueles que usam essa palavra não entendem o sistema soviético de governo ou os métodos do Partido Comunista. Nenhum homem ou grupo de homens pode ditar qualquer coisa. Decisões são tomadas pelo Partido e aceitas pelos seus órgãos, o Comitê Central do Politburo “(E. Lyons: *ibid*, p. 203).

O revisionista finlandês Arvo Tuominen, fortemente hostil a Stalin, comenta em seu livro ‘As Bandeiras do Kremlin’ sobre o desejo de Stalin de passar despercebido:

“Em seus discursos e escritos Stalin sempre recuado para o plano de fundo, falando apenas do comunismo, do poder soviético e do Partido, e salientando que ele era apenas um representante da idéia e da organização, nada mais (...). Eu nunca percebi o menor sinal de orgulho de Stalin” (A. Tuominen: *As Bandeiras do Kremlin*, em Hanover, New Hampshire, EUA. UU, 1983, p. 155, 163).

Neste ponto, o próprio autor expressa surpresa com o contraste entre o real e a imagem de Stalin, que exercia a propaganda sobre ele: “Durante meus muitos anos em Moscou nunca deixei de maravilhar-se com o contraste entre o homem e as biografias colossais que haviam feito dele. Um caucasiano de estatura média, ligeiramente marcado com um grande bigode, foi tão longe quanto se poderia imaginar o estereótipo de um ditador. Mas ao mesmo tempo, a propaganda proclamava suas habilidades sobre-humanas” (A. Tuominen: *ibid*, p. 155).

Marechal soviético Zhukov fala sobre a “falta de ostentação” de Stalin, “sem extravagâncias e excentricidades, ele (Stalin) ganhava os corações de todos com quem tratava” (CK Zhukov: *Memórias do marechal Zhukov*, em Londres; 1971, p. 283).

A filha de Stálin, Svetlana Aliluyeva foi suficientemente ingênua como para aceitar quase toda crítica contra o seu pai, mas até ela rechaça a acusação de que Stalin promovesse o “culto” à sua personalidade. Ela descreve uma viagem de trem com Stalin da Criméia para Moscou em 1948: “Ao pararmos em uma estação, saímos para dar uma volta. Meu pai chegou até a locomotiva saudando os trabalhadores da ferrovia que ia encontrando por todo o caminho, mas não era permitido ver nenhum dos passageiros. Era um trem especial e não deixavam que ninguém pudesse subir à plataforma (...). Quem havia imaginado uma coisa dessas? Quem havia planejado essas estratégias? Evidente que não foi o meu pai. Foi o sistema a que ele mesmo estava submetido e cativo a ele, (...) porquanto também sofria da mesma solidão, do

vazio e a da falta de companhia como qualquer ser humano. Hoje, quando leio ou escuto em algum lugar que meu pai se considera praticamente um deus, me espanta, pois, pessoas que o conhecem bem não diriam tal ordem de coisas. Ele nunca pensou em si mesmo como um deus”. (S. Aliluyeva: Cartas a um amigo, Londres, 1968, p. 202-03, 213).

Svetlana descreve a dor dos serviçais da casa quando Stalin morreu: “Estes homens e mulheres que foram criados pelo meu pai, o amavam. Ele não era difícil de amar. Pelo contrário, era suave, modesto e muito próximo deles. Homens, mulheres, sem exceção, choraram a sua morte. Ninguém estava fazendo teatro. Todos eles eram conhecidos há muitos anos. Ninguém naquela sala o considerava um deus ou um super-homem, um gênio ou um demônio. Eles o amavam e o respeitavam pelas qualidades humanas mais elementares, aquelas qualidades das quais os serviçais são os melhores juízes de todos” (S. Aliluyeva: *ibid*, p. 20, 22).

Além disso, os fatos mostram em inúmeras ocasiões que Stalin denunciou e ridicularizou o “culto individual como sendo totalmente contrário ao marxismo-leninismo”. Por exemplo:

Em Junho de 1926, ele diz: “Sinceramente, camaradas, devo dizer que não mereço nem metade das coisas lisonjeiras que me foi dito aqui. Pelo que dão a entender, sou um herói da Revolução de Outubro, o líder do Partido Comunista Internacional, o líder do Comunismo, um guerreiro lendário, e tudo mais... Isso é um absurdo, camaradas, um exagero completamente desnecessário. Este é o tipo de coisa que costumam dizer no funeral de um

revolucionário morto, mas eu não tenho nenhuma intenção de morrer ainda. Na verdade eu era e continuo a ser um dos aprendizes de trabalhadores qualificados nas oficinas ferroviárias em Tbilisi” (J.V. Stalin: Works , Volume 8, Moscou, 1954, p. 182).

Outubro de 1927: – “E quem é Stalin?” (...) – “Stalin é apenas uma figura menor”. (JV Stalin: Obras. Vol. 10, Moscou, 1954, p. 177).

Dezembro 1929: “Vossas felicitações merece unicamente o grande partido da classe operária que me deu a luz e me criou a sua imagem e semelhança. E somente porque as merece o glorioso Partido Leninista me atrevo a dar meu agradecimento como bolchevique” (J.V. Stalin: Works, Volume 12, Moscou, 1955, p.146).

Abril de 1930: “Algumas pessoas pensam que o artigo ‘O Êxito Vertiginoso’ [A tradução espanhola traz como título da obra: ‘El Vertigo del Éxito’, que trata de estatísticas sobre a coletivização das terras e sobre a produção na Rússia dos anos 30] foi o resultado da iniciativa pessoal de Stalin. Isto é um absurdo. Não se pode conceber que um assunto como esse seja tratado por uma pessoa só, seja quem ela for, pois temos um Comitê Central” (JV Stalin:Obras, ibid, p. 218).

Agosto de 1930: “Me falais de vossa ‘devoção’ a mim (...), mas eu vos aconselho descartar o “princípio” da devoção as pessoas. Esse não é o caminho bolchevique. Sede unicamente devoto da classe obreira, de seu Partido e seu Estado. Isso é uma coisa boa e útil. Mas não confundais com a devoção das pessoas, esta ninharia

vã e inútil, é própria de intelectuais de pouca vontade” (JV Stalin: Works, Volume 13, Moscou, 1955, p. 20).

Em dezembro de 1931: “Quanto a mim, sou apenas um discípulo de Lenin, e o objetivo da minha vida é ser um digno discípulo dele. O marxismo não nega completamente o papel dos indivíduos excepcionais ou que a história seja feita pelas pessoas. Mas as pessoas podem fazer grandes coisas valiosas na medida em que elas sejam capazes de compreender bem as condições reais para poder alterá-las. Se eles não conseguem entender essas condições e procuram mudar de acordo com o pulso de sua imaginação, eles estão na posição de Dom Quixote (...)”. “(...) As pessoas não podem decidir. As decisões dos indivíduos são sempre ou quase sempre decisões unilaterais. Em cada grupo coletivo, há pessoas cuja opinião deveria contar. A partir da experiência de três revoluções, sabemos que de 100 decisões tomadas por pessoas sem serem testadas e corrigidas coletivamente, aproximadamente 90 são unilaterais. Nunca, em nenhuma circunstância, os trabalhadores poderão tolerar se o poder estiver concentrado nas mãos de uma só pessoa. Conosco, as personagens de maior autoridade se reduzem a insignificância quando as massas de trabalhadores perdem a confiança neles” (J. V Stalin: ibidem, p. 107-08, 109, 113).

Em Fevereiro de 1933: “Recebi uma carta, concedendo-me vossa 2ª Ordem como uma recompensa pelo meu trabalho. Agradeço muito por suas calentosas palavras e o presente de camaradagem. Sei bem o quanto você tem se privado para fazer este favor e aprecio os seus sentimentos. No entanto, não posso

aceitar a vossa 2ª Ordem. Não posso e não devo aceitá-la, não só porque unicamente pertence a você, como porque só você tem a conquistado, senão também porque já fui amplamente recompensado pela estima e respeito dos meus companheiros e, por conseguinte, não tenho o direito de roubá-lo. As Ordens foram instituídas não para aqueles que já são conhecidos, senão, principalmente para os heróis ainda pouco conhecidos de nosso povo e merecem ter o reconhecimento de todos. Ademais, devo dizer que eu tenho duas Ordens e isso já é mais do que uma pessoa precisa. Posso lhe assegurar disso”. (JV Stalin: *ibid*, p. 241).

Maio de 1933:
Robins a Stalin: “- Considero uma grande honra ter a oportunidade de fazer-te uma visita”.
Stalin a Robins: “- Não há nada especial sobre isso, você exagera”.
Robins: “- O que eu acho de mais interessante é que em todas as partes da Rússia, se encontram os nomes de Lênin-Stalin, Lênin-Stalin, Lênin-Stalin, sempre juntos.”
Stalin: “- Isso também é um exagero! Como posso ser comparado a Lenin?”. (JV Stalin: *ibidem*, p. 267.)

Fevereiro 1938: “Eu sou absolutamente contra a publicação de ‘As Histórias de Infância de Stalin’. Este livro abunda em inexatidões de fatos, alterações, exageros e louvores desmerecidos (...)”. “Mas, (...) o importante reside no fato de que o livro mostra uma tendência para gravar nas mentes das crianças soviéticas (e das pessoas em geral) o culto da personalidade de líderes, de heróis infalíveis. Isso é perigoso e prejudicial. A teoria dos ‘heróis’ e da

‘multidão’ não é bolchevique, senão uma teoria [social-revolucionária](#). Sugiro queimar esse livro”. (JV Stalin: *ibid*, p. 327).

E fontes amigáveis:

O escritor francês Henri Barbusse descreve a simplicidade do estilo de vida de Stalin: Quando se pisa no primeiro piso se vê cortinas brancas nas três janelas. “Essas três janelas são do quarto de Stalin. No estreito corredor tem uma capa militar pendurada num cabide sob um gorro. Além deste corredor, três quartos e uma sala de jantar. Os quartos estão decorados com simplicidade, como um hotel respeitável de segunda classe. O filho mais velho, Khashek, dorme à noite na sala de jantar em um sofá que se transforma em cama e os menores em um buraco estreito, uma espécie de nicho aberto... Stalin ganha quinhentos rublos por mês, que é o magro salário mais alto entre os funcionários do Partido Comunista. Esse homem franco e brilhante é um homem simples. Ele não tem trinta e dois secretários como o Sr. Lloyd George. Tem apenas um. Stalin atribui sistematicamente, todos os êxitos a Lênin, quando uma parte importante do mérito pertence a si mesmo.” (H. Barbusse, *Stalin: a New Word Seen Through One Man*, Londres, 1935, p. VII, VIII, 291, 294).

De fato, Stalin tinha uma ‘dacha’, ou uma casa de campo, mas ali a sua vida era igualmente simples, e de acordo com sua filha Svetlana ele era igual na ‘dacha’ de Kuntsevo. “Meu pai vivia no piso inferior. Vivia no quarto e fazia tudo nesse lugar.

Dormia no sofá, disposto a virar cama improvisada durante a noite.” (S. Aliluyeva: *Cartas a um amigo*, Londres, 1967, p. 28).

O dirigente albanês Enver Hoxha descreveu Stalin como “modesto e atencioso”, não era nenhum tirano, nenhum déspota. Stálin era um homem de princípios. Era justo, modesto, muito amável e atencioso com as pessoas, quadros e colegas seus”. (E. Hoxha, com Stalin: Memórias de Tirana, 1979, p. 14-15).

Os britânicos Sidney e Beatrice Webb rejeitam veementemente a acusação de que Stalin exercia um poder ditatorial: “Às vezes se afirma que o Estado inteiro é governado pela vontade de uma única pessoa: Josef Stalin. Devemos assinalar que, ao contrário de Mussolini, Hitler e outros ditadores modernos, Stalin não é legalmente investido de nenhuma autoridade sobre seus concidadãos. Não há nem sequer o grande poder que a Constituição americana outorga durante quatro anos a cada um dos sucessivos presidentes. Stalin não é e nunca foi o presidente da URSS. Nem mesmo um comissário do povo ou um membro de um gabinete. Ele é o secretário-geral do partido. Não achamos que o partido seja regido pela vontade de uma pessoa só ou que Stalin seja o tipo de pessoa capaz de reivindicar ou desejar tal posição. Ele tem negado de maneira muito explícita qualquer ditadura pessoal em termos que correspondem exatamente a nossa impressão pessoal dos fatos (...)”. “(...) O Partido Comunista da URSS adotou para sua própria organização, o modelo que temos descrito. Neste modelo, a ditadura individual não tem lugar algum. Eles desconfiam das decisões pessoais e se protegem escrupulosamente contra elas a fim de evitar erros devido ao preconceito, raiva, inveja, vaidade e outros males. É desejável que a decisão individual seja sempre compensada com a necessidade de obter um consentimento de

seus iguais. E que estes, discutam sinceramente o assunto e se façam conjuntamente responsáveis pela decisão (...)”. “(...) Stalin tem insistido com frequência que não toma as decisões do Comitê Central do Partido Comunista sozinho. A simples verdade é que, inspecionando as decisões do governo da URSS durante a década passada sob a alegada ditadura de Stalin, as principais decisões não demonstraram nem a prontidão (rapidez), nem a casualidade, nem mesmo a obstinação audaciosa que frequentemente se tem afirmado como vantagens de uma ditadura. Pelo contrário, a ação do Partido era levada a cabo, muitas vezes, após uma prolongada discussão e como resultado de discussões às vezes tão acaloradas e ásperas que não tinham como não carregar em sua formulação os sinais da hesitação vacilante e da falta de segurança. Essa política revelava o estigma do controle por parte do comitê.” (S. B. Webb: o comunismo soviético: Uma Nova Civilização, Londres, 19.., p. 431, 432, 433, 435).

Talvez Barbusse, Hoxha e os Webbs possam ser considerados testemunhas parciais. Mas até mesmo os observadores que são altamente críticos de Stalin estão de acordo com o depoimento delas.

Assim, o “culto individual” ou “culto da personalidade” erigido em torno de Stalin, era contrário ao marxismo-leninismo e uma prática contrária aos desejos de Stalin. Então, isso deve levantar uma questão importante: Vimos que, apesar de Stalin expressar forte oposição ao “culto da personalidade”, a lenda de um “culto da personalidade”, continuou. Disto se segue irrefutavelmente

que: 1) Stalin era incapaz de detê-lo, ou 2) não quis pará-lo e era, pois, um mesquinho, hipócrita, mentiroso, e de nenhum modo um “marxista-leninista”, ou 3) não foi plenamente consciente disso, ou 4) a lenda foi forjada posteriormente e / ou às suas costas. Quando foi a primeira vez que alguém ouviu falar desses fatos? Acaso Stalin foi um Elvis Presley? De fato, todos sabiam que Elvis era um sucesso já em sua época e não depois dela.

O “culto da personalidade em torno de Stalin não foi promovido por Stalin, vez que, expressamente contrário aos seus desejos. Então, por quem foi promovido? Os fatos demonstram que os expoentes mais fervorosos do culto à personalidade de Stalin eram revisionistas como Karl Radek, Nikita Khrushchev e Anastas Mikoyan.

Roy Medvedev registrou que “no Pravda em janeiro de 1934 continha um artigo de duas páginas escrito por Radek, com uma avalanche de orgiásticos elogios a Stalin. Radek, um antigo trotskista que havia liderado a oposição contra Stalin por muitos anos (!), agora o chamava de “melhor discípulo de Lenin”, “ícone do partido leninista”, “carne de sua carne e sangue do seu sangue” (...) e que “é tão proativo quanto Lênin”, etc, etc... “Este parece ter sido o primeiro artigo de imprensa especificamente dedicado à bajulação de Stalin, e rapidamente foi reeditado como folheto e seguiu com uma tiragem de 225.000 exemplares. Uma cifra enorme para a época”. (RA Medvedev: *Let History Judge: The Origins and Consequences of Stalinism*, Londres, 1972, p. 148).

Foi Khrushchev que introduziu o termo ‘vozhd’ (“líder”, correspondente a palavra alemã ‘Führer’). Na conferência do Partido em Moscou, em janeiro de 1932, Khrushchev concluiu seu discurso dizendo: “Os bolcheviques em Moscou, reunidos em torno do Comitê Central Leninista como nunca antes em sua história, e sob a liderança do nosso ‘vozhd’ do Partido, o camarada Stalin, marcham com alegria e segurança rumo às novas vitórias na luta pelo socialismo e pela revolução proletária mundial”. (‘Rabótchaia Moskva, 26 de janeiro de 1932, citado em: L. Pistrak: *The Grand Tactician: Khrushchev’s Rise to Power*, Londres 1961, p. 159).

Na Décima Sétima Conferência do Partido, em janeiro de 1934, foi Khrushchev, e somente Khrushchev, que chamou Stalin de ‘vozhd’ e “gênio” (XVII S’ezd Vsesoiuznoi Kommunisticheskoi Partii (B.), p 145, citado em: L. Pistrak: *ibid*, p. 160).

Em agosto de 1936, Khrushchev, em sua posição de Secretário do Partido em Moscou, durante o julgamento de Lev Kamenev e Zinoviev Grigory, por crimes de traição, fez a seguinte afirmação: “Pigmeus miseráveis! (...) Vocês levantaram as mãos contra o maior de todos os homens, o nosso sábio ‘vozhd’, o camarada Stalin! (...) O senhor, camarada Stálin, foi quem levantou a grande bandeira do marxismo-leninismo sobre o mundo e a levou ao ponto mais alto(...). Asseguramos-lhe, camarada Stalin, que a organização bolchevique de Moscou, fiel partidária do ‘Comitê Central Stalinista’ (...) incrementará a vigilância stalinista ainda mais e extirpará o resto dos trotskistas-zinovievistas, cerrando fileiras do Partido Bolchevique e independentes ao ‘Comitê Central Stalinista’

e ao grande Stalin” (Pravda, 23 de agosto de 1936, citado em: L. Pistrak: *ibid*, p. 162).

No Oitavo Congresso dos Sovietes de toda a União em novembro de 1936, foi novamente Khrushchev quem propôs que a nova Constituição soviética, que foi submetida à aprovação do Congresso, fosse chamada de “‘Constituição stalinista’, ‘porque’ foi escrita do começo ao fim pelo camarada Stalin “(Pravda , 30 de novembro de 1936, citado em: L. Pistrak: *ibid*, p. 161).

É preciso registrar que Vyacheslav Molotov, então primeiro-ministro, e Andrey Zdanov, o então, secretário do Partido em Leningrado, não atribuiu a Stalin nenhum papel especial no processo na redação da Constituição. No mesmo discurso, Khrushchev criou o termo “estalinismo”. “Nossa Constituição é o ‘marxismo-leninismo-stalinismo’, que conquistou uma sexta parte do globo” (*Ibidem*).

O discurso de Khrushchev em Moscou para uma platéia de 200.000 pessoas, em face do julgamento de Karl Radek e Piatakov Grigory, em janeiro de 1937, por crimes de traição, estava em uma linha semelhante: “Ao levantar suas mãos contra o camarada Stalin, levantaram-na contra o que tem de melhor a humanidade. Pois, Stalin é a esperança e a expectativa, é o farol que conduz a humanidade ao progresso. Stalin é a nossa bandeira! Stalin é nossa vontade! Stalin é nossa vitória!” (Pravda, 31 de janeiro de 1937, citado em: L. Pistrak: *p. ibidem* 162).

Stalin foi descrito por Khrushchev em março 1939 como “o nosso gênio”, “nosso amado Stalin” (“Visti VTsVK” , 03 março de 1939, citado em: L. Pistrak: ibid, p. 164).

E na parte XVIII Congresso, em março de 1939, como “o maior gênio da humanidade, mestre e ‘vozhd’, que nos conduz ao Comunismo, nosso mui amado Stalin” (XVIII S’ezd Vsesoiuznoi Kommunisticheskoi Partii (B.): p. 174, citado em L. Pistrak: ibid, p. 164).

E em Maio de 1945, como o “Grande Marechal da Vitória” (Pravda Ukrainy, 13 maio de 1945, citado em: L. Pistrak: ibid, p. 164).

Por ocasião do quinquagésimo aniversário de Stalin em dezembro de 1929, Anastas Mikoyan acompanhou suas felicitações com a seguinte petição: “Que aceitemos as demandas legítimas das massas para, finalmente, começar a trabalhar sua biografia e tornar disponível para Partido e para todos os trabalhadores do nosso país” (Izvestia, 21 de dezembro de 1929, citado em: L. Pistrak: ibid, p. 164).

Dez anos depois, durante o sexagésimo aniversário de Stalin em dezembro de 1939, Mikoyan defendeu ainda a publicação de “biografia científica de Stalin” (Pravda, 21 de dezembro de 1939, citado em: L. Pistrak: ibid: p. 158).

A biografia foi finalmente publicada em 1947 compilada por “G.F. Alexandrov, Galaktionov M.R., Kruzhkov V.S., Mitin M.B.,

Mochalov V.D. e Pospelov P.N.. (Joseph Stalin: A Short Biography, Moscú, 1947).

No entanto, em seu “discurso secreto” no XX Congresso do PCUS, em 1956, com base no “culto da personalidade” que ele mesmo e seus colegas haviam promovido sobre Stalin, Khrushchev atribuiu à autoria do livro a Stalin, dizendo que “(...) um dos exemplos mais característicos da auto-glorificação de Stalin e da sua falta de modéstia é a edição de sua biografia curta. Este livro é um exemplo da mais dissoluta bajulação” (Russian Institute, da Universidade de Columbia (ed.): Op. Cit. Pág. 69).

Isto nos mostra que os bajuladores se opõem aos desejos de seus ‘ídolos’, que nunca quiseram ser idolatrados em absoluto, e quando os ídolos os rejeitam, ou quando eles vão embora, culpam os ídolos de forçá-los a agradar durante todo esse tempo.

Evidente, que muitos cidadãos soviéticos admiraram Stalin e manifestaram esta admiração. Mas, com toda a certeza, o “culto da personalidade em torno de Stalin foi promovido principalmente por revisionistas ocultos, contra a vontade expressa de Stalin. Mas, por quê? Quais as causas possíveis? Vejamos: Primeiro, mascarar o fato de que revisionistas ocultos começaram a controlar o Partido e a Internacional Comunista, apresentando a idéia de que esses organismos estavam dominados pessoalmente por Stalin; deste modo, a culpa pela quebra da legalidade socialista e pelos desvios do marxismo-leninismo, mais tarde seriam atribuídos a Stalin; Segundo, fornecer um pretexto para atacar Stalin mais adiante (sob o disfarce de conduzir um programa de “democratização” que

seria, na realidade, um desmantelamento do programa socialista, substituindo-o pelo Capitalismo de Estado).

O mesmo Stalin não era inconsciente de que revisionistas escondidos era a principal força por trás do “culto da personalidade”. O revisionista finlandês Tuominen, em 1935, descreveu como, quando, em uma ocasião, Stalin foi informado de que haviam instalado uns bustos seus em lugares de destaque na galeria principal de arte em Moscou, o Tretyakov. Stálin disse que isto era uma sabotagem! (A. Touminen: Op. cit., p. 164.).

O escritor alemão Lion Feuchtwanger confirmou em 1936 que Stalin suspeitava que o “culto da personalidade” era diretamente promovido por “sabotadores” com o objetivo de desacreditá-lo: (...) “obviamente é muito irritante para Stálin ser adorado como alguns o adoram, e não raramente, ele os rejeita. De todos os homens de poder que eu conheci, Stalin é o que tem menos ambições. Eu lhe falei francamente sobre o culto vulgar e excessivo a sua pessoa, e ele respondeu com igual franqueza. Pensa que ser possível que sabotadores possam estar por trás desse referido culto em uma tentativa de desacreditá-lo” (L. Feuchtwanger, Moscou 1937, Londres, 1937, p. 93, 94-94).

Para concluir, o ataque feito pelos revisionistas para com o “culto da personalidade” na União Soviética foi um ataque não apenas contra a pessoa de Stálin, como principal marxista-leninista e advogado do socialismo, mas foi a primeira etapa de uma ofensiva contra o marxismo-leninismo e o socialismo na União Soviética. Talvez o melhor comentário sobre este caso, seja o brinde sarcástico, como relata o revisionista finlandês Tuominen,

foi proposto por Stalin na Festa de Ano Novo de 1935: “Camaradas, eu quero propor um brinde ao nosso ‘patriarca’, ‘vida’ e ‘sol’, ‘libertador das nações’, ‘arquiteto do socialismo’ (recitando com sátira aos bajuladores quase todos os qualificativos que ele recebia naquela época), e espero que este seja o primeiro e o último discurso pronunciado em honra deste ‘gênio’ nessa noite” (A. Tuominen, op. cit., p. 162).

Lido no Stalin Society, organização localizada na Grã-Bretanha, em maio de 1991.

APENDICE IV

STALINISMO

William Bill Bland

Uma carta à Academia Sarat em Londres. Em 30 de abril de 1999 por Bill Bland.

Eu sou grato à Academia Sarat por ter me convidado a palestrar para vocês sobre “stalinismo”.

Porém, sua escolha de tema apresentou-se a mim com certa dificuldade, visto que sou um grande admirador de Stalin e a palavra “stalinismo” foi introduzida por oponentes enrustidos de Stalin – em particular por Nikita Krushev – em preparação para futuros ataques políticos a ele.

Hoje, de fato, “stalinismo” virou um termo de abuso sem sentido usado para denotar posições políticas com que alguém discorda. A imprensa Conservadora às vezes até descreve Tony Blair como “stalinista” – dando a Stalin, se estivesse vivo, campos amplos para uma ação por difamação!

Stalin sempre se referiu a si mesmo como “um pupilo de Lenin” e eu devo seguir o exemplo e interpretar o termo “stalinismo” como marxismo-leninismo.

Talvez a figura mais próxima à Stalin na história britânica é Ricardo III, do qual todo mundo “sabe” – e eu ponho a palavra “sabe” em aspas – de seus livros de história do 2º grau e de

Shakespeare por ter sido um cruel, deformado monstro que matou o pequenino príncipe na Torre.

Apenas recentemente sérios historiadores começaram a perceber que o retrato comumente aceito de Ricardo foi desenhado por seus sucessores Tudor, que tomaram o trono e mataram Ricardo.

Naturalmente, eles então procederam em reescrever as crônicas para justificar sua usurpada do trono – até alterando a imagem de Ricardo para apresentá-lo como deformado fisicamente, como um monstro tanto físico quanto moral. Em outras palavras, a imagem de Ricardo que foi geralmente aceita hoje não foi resultado de verdades históricas, mas de propaganda de seus oponentes políticos.

É, então, legítimo se perguntar: A figura de Stalin apresentada para nós pelos auto-proclamados “kremlinologistas” é fato histórico ou mera propaganda?

A União das Repúblicas Soviéticas Socialistas (União Soviética), a qual foi construída sobre as lideranças de Lenin e Stalin, não existe mais. É então verdadeiro dizer – como muitas pessoas dizem – que isso significa que o socialismo na União Soviética falhou?

Eu tenho a intenção de citar aqui apenas um conjunto de estatísticas. Nesse relato ao 17º Congresso do Partido Comunista da União Soviética em janeiro de 1939, Stalin cita números de fontes ocidentais sobre o crescimento industrial em vários países em comparação com 1913. Esses números eram:

Alemanha: -24,6%

Reino Unido: -14,8%

EUA: +10,2%

URSS: +291,9%

Realmente, é um fato indisputável que sobre a economia planificada centralmente instituída por Stalin, a Rússia foi transformada em poucas décadas de um país atrasado e agrário em um país avançado industrial que em 1941-45 tinha se tornado poderoso o bastante para derrotar uma agressão alemã capaz de estagnar os recursos de toda Europa Ocidental.

É comum ouvir Stalin ser chamado de “ditador”.

O escritor americano anti-soviético fervoroso Eugene Lyons uma vez perguntou à Stalin diretamente: “Você é um ditador?” Lyons continua (e eu cito):

“Stalin sorriu, implicando que a pergunta estava no lado do ridículo.

‘Não’, ele falou lentamente, ‘Eu não sou um ditador. Aqueles que usam esta palavra não entendem o sistema soviético de governo e os métodos do Partido Comunista. Nenhum homem ou grupo de homens pode ditar. Decisões são feitas pelo Partido.’”

Os economistas britânicos Sidney Webb e Beatrice Webb, em seu compreensivo livro “URSS: Uma Nova Civilização” (Soviet

communism: a new civilisation?) rejeitam categoricamente a noção de Stalin como um ditador. Eles dizem (e eu cito):

“Stalin não tinha nem o poder extensivo que a constituição americana confia de quatro em quatro anos para cada sucessivo presidente. O Partido Comunista na URSS adotou sua própria organização. Nesse modelo não há lugar para ditadura individual. Decisões pessoais são desconfiadas e elaboradamente contra-guardadas.”

Certamente, na época de Lênin e Stalin o regime Soviético era oficialmente descrito como uma “ditadura do proletariado”. Mas isso não implica em ditadura individual. Significa simplesmente que o poder político está nas mãos dos trabalhadores e que ações políticas visando tomar o poder para longe dos trabalhadores são consideradas ilegais.

É claro, essa atividade é considerada em círculos oficiais de Londres e Washington como “não-democrática” e “uma grande violação dos direitos humanos”.

Mas a palavra “democracia” significa “o governo do povo comum” e nesse sentido a União Soviética na época de Stalin era infinitamente mais democrática que qualquer país ocidental.

Sobre “direitos humanos”, a Convenção de Direitos Humanos das Nações Unidas de 1966 descreve que o Estado devia garantir aos seus cidadãos o “direito de trabalhar”.

Mas somente em uma sociedade socialista esse direito pode ser posto em efeito, pode o desemprego ser abolido (como foi na União Soviética durante a época de Stalin). Uma sociedade capitalista requer o que Marx chamava de “um exército reserva de trabalho” para que esta possa fazer o trabalho disponível a curto-prazo em épocas de crise.

Logo, um país socialista banir atividades políticas visadas em restaurar o capitalismo é totalmente de acordo com a Convenção de Direitos Humanos das Nações Unidas.

De fato, falar sobre direitos humanos é, na maioria dos casos, meramente uma arma de propaganda direcionada contra o socialismo. Nos olhos de Lombard Street e Wall Street, uma corrupta central americana “república banana” que manda esquadrões de morte noturnamente para matar crianças desabrigadas em ordem de manter as ruas arrumadas para contas de comércio turistas como um “país livre” enquanto ela permite a liberdade de investimento.

Os traidores soviéticos do socialismo abriram seu ataque contra o socialismo em 1956 no 20º Congresso do Partido Comunista em fevereiro de 1956 ao acusar Stalin de gerar um “culto à personalidade” ao redor de si.

De fato, na época de Stalin havia um culto à personalidade de Stalin, mas este foi ridicularizado e oposto pelo próprio Stalin.

Por exemplo, quando em fevereiro de 1938 alguém quis publicar um livro intitulado “Histórias da Infância de Stalin”, Stalin escreveu tipicamente:

“Eu sou absolutamente contra a publicação do ‘Histórias da Infância de Stalin’. O livro é abundante em inexatidões de fato, de exageros e de louvores desmerecidos. Mas o mais importante reside na tendência de gravar na mente das crianças soviéticas (e no povo em geral) o culto de personalidade de líderes, de heróis infalíveis. Isso é perigoso e pernicioso. Sugiro que queimemos este livro”.

Havia de fato um culto à personalidade ao redor de Stalin. Um líder comunista gritou no 18º Congresso do Partido Comunista em março de 1939:

“O Povo Ucraniano proclama com todo o seu coração e alma: ‘Vida Longa ao nosso amado Stalin!’. Vida Longa ao mais superior gênio de toda a Humanidade, nosso amado Camarada Stalin!”.

O gritante era Nikita Krushev!

Foi também Krushev que criou o termo “stalinismo” e começou a chamar Stalin de “Vozhd” – o equivalente em russo do alemão “Führer”, líder.

Em outras palavras, o “culto à personalidade” ao redor de Stalin não foi criado por Stalin e por aqueles que o apoiavam genuinamente, mas por seus oponentes políticos para atacá-lo depois como um ditador megalomaniaco.

Mesmo Stalin não ter tido o poder para parar essas alegadas manifestações de “lealdade” e de “patriotismo”, Stalin não era tolo e estava ciente de que seus motivos eram, como ele disse ao escritor alemão Lion Feuchtwanger em 1937, “para desprestigiá-lo” no futuro.

Logo, o culto à personalidade ao redor de Stalin era contrário aos próprios desejos de Stalin e o fato de que isso se demonstrou nos últimos anos de vida de Stalin – longe deter qualquer poder ditatorial – vindo de uma minoria dentro da liderança soviética.

Isso explica muitos fatos estranhos:

Por exemplo,

Que depois de 1927 Stalin cessou de ser ativo na Internacional Comunista.

Que os trabalhos de Stalin, apesar de incompletos, cessaram de serem publicados na União Soviética em 1949, três anos antes de sua morte.

Que, em termos de prática a longo-prazo, Stalin – apesar de ser secretário-geral do Partido Comunista e em boa saúde – falhou em apresentar o relatório no 19° Congresso do Partido Comunista em 1952.

Deixe-me retomar a pergunta sobre a alegada “falência do socialismo”.

Em uma tentativa de prevenir a construção do socialismo, em 1918 o novo Estado foi atacado pelas forças armadas da Reino Unido, França, Polônia e Japão. Mas, mesmo pelo fato de que o novo Estado soviético possuía nesse tempo nem um exército organizado e nem militares experientes, a Guerra de Intervenção de cinco anos acabou com vitória para os soviéticos.

Os oponentes do socialismo aprenderam uma importante lição pelas suas derrotas, nominalmente, que o socialismo era muito improvável de ser destruído por ofensiva direta, mas somente por dentro, isto é, por agente posando como socialistas, trabalhando duro dentro do Partido Comunista para atingir lugares de influência e então, em nome de “modernizar” o socialismo, usando esta influência para dividir o Partido em linhas políticas que iriam minar o socialismo e gradualmente destruir o apoio do povo trabalhador ao Partido.

Isto é um programa que os marxistas chamam de revisionismo, pois enquanto revisa o marxismo de maneiras danosas, clama estar meramente o “modernizando”.

Kruschev se tornou o líder do Partido Comunista da União Soviética pouco depois da morte de Stalin em 1953. Mas foi apenas em 1956, três anos depois, que ele se sentiu seguro em atacar abertamente Stalin – e então somente em um comício secreto que nunca foi publicado na União Soviética até vários anos depois.

O ataque à Stalin foi um prelúdio necessário para um ataque ao (e a mudança do) programa para a construção do socialismo posto em frente por Stalin.

Uma das acusações comumente levantadas contra Stalin é que enquanto ele estava no cargo de Secretário Geral do Partido muitas pessoas inocentes foram falsamente aprisionadas por ações contrarrevolucionárias. Essa alegação, diferente da maioria das outras, é verdadeira. Entre 1934 e 1938 o posto de Comissário Popular de Questões Internas – em cargo da polícia de segurança – foi ocupado sucessivamente por Genrikh Yagoda e Nikolai Yezhov. No julgamento público de Yagoda em 1938, ele descreveu à corte como ele usou sua autoridade para servir à conspiração protegendo seus companheiros conspiradores de prisões, mas prendendo Comunistas fiéis sob falsas acusações.

Foi Stalin quem, suspeitando de que algo estava terrivelmente errado, pegou seu secretariado pessoal sobre Aleksandr Poskrebyshev para investigar o que estava acontecendo na polícia de segurança.

Foi pelo resultado de tais investigações que Yagoda e Yezhov foram demitidos e presos, que todos os supostos casos de crimes políticos foram reinvestigados e milhares de erros de justiça foram corrigidos.

Essa situação foi mais responsável do que qualquer coisa pela produção de bibliotecas inteiras de acusações contra Stalin o acusando de assassinato em massa.

Com cada edição de tais livros como o de Robert Conquest intitulado “O Grande Terror”, sua estimativa das “vítimas” de Stalin subiu de vários milhões para o ridículo. Quando, depois da Contra-Revolução estar completa, Boris Yeltsin publicou números oficiais

de prisioneiros soviéticos, eles chegaram a ser menos numerosos que presos nos Estados Unidos e a imprensa mundial ficou estranhamente silenciosa.

Foi para Leonid Brezhnev – que sucedeu Krushev como Secretário Geral do Partido em 1964 – que caiu a desonra de ser o verdadeiro dismantelador do Socialismo. Sobre as “reformas econômicas” de Brezhnev, levadas sob o disfarce de “descentralização”, ações foram feitas para substituir o planejamento centralizado, que é uma das bases do Socialismo, pela regulação da produção pelo motivo de lucro, que é uma das bases do Capitalismo.

A partir daí, foi tudo abaixo.

O que foi abolido, junto com a União Soviética, em 1991 virtualmente sem oposição, não era Socialismo, mas uma particularmente corrupta e não-democrática forma de Capitalismo semelhante ao Fascismo.

Hoje, graças aos falsos comunistas como Krushev, Brezhnev e Gorbachev a antes unida União Soviética foi dividida em um número de principados rivais, comumente em guerra entre si por serem falidas.

Mas nós somos ditos que o povo da antiga União Soviética são agora “livres”.

Livres para serem desempregados e, caso forem sortudos o bastante para conseguirem um emprego, livres para passarem meses sem salários por que os bancos de seus patrões liquidaram.

Livres para comprarem carros Rolls-Royce se eles forem milionários da máfia.

Livres para beberem água poluída.

Livres para mendigar em qualquer lado da rua pelo equivalente de algumas moedas.

Não deveria ser surpresa de que nos noticiários Russos de hoje vemos pessoas protestando carregando o retrato de Stalin! Para os que protestam o retrato de Stalin simboliza o Socialismo do qual eles foram temporariamente privados.

Se, então, pessoas me chamam de “Stalinista” – como às vezes o fazem – eu levo isso como um elogio, mesmo sendo um desmerecido.

*Eu honro Stalin como uma grande figura progressista que lutou toda sua vida pelo fim do sistema capitalista e Imperialista que é a causa de cada ano de miséria e morte de incontáveis homens, mulheres e crianças, especialmente no mundo neo-colonial. Eu honro Stalin como uma pessoa que lutou toda sua vida pela maior causa no mundo:
A liberação da humanidade.*